

ALTEROSA

JANEIRO • 1960

Primeira Quinzena

Cr\$ 15,00



O HOMEM QUE
LOGROU HITLER

O UNIVERSO-
FANTASMA

Uma nota alegre...



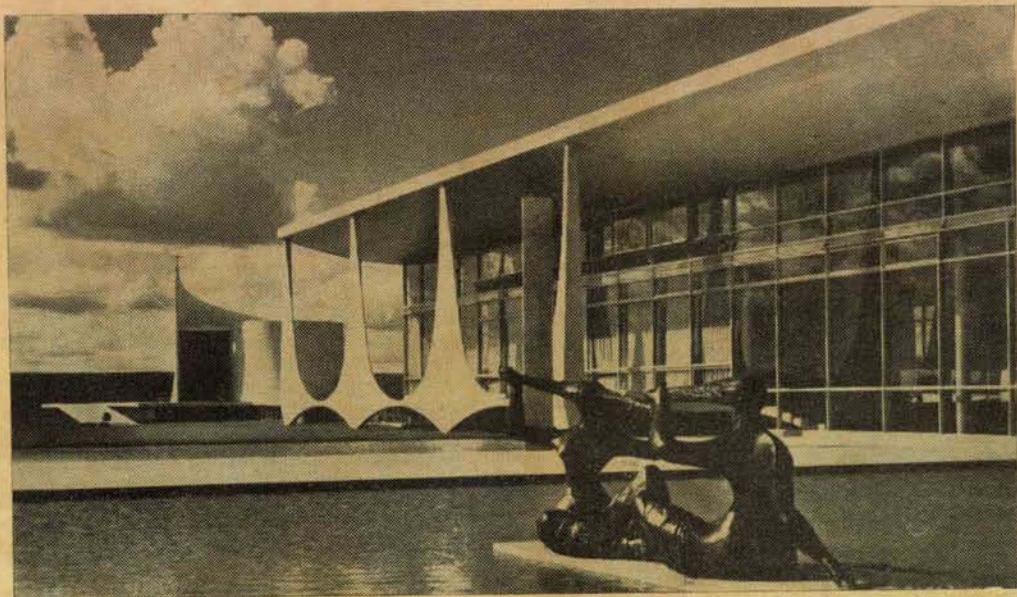
No ritmo da vida-

**Sempre úteis
Sempre presentes -
...tradicionais !**

Fósforos Marca Olho • Pinheiro • Beija-Flôr

Produtos da Cia. Fiat Lux, de Fósforos de Segurança - há mais de 50 anos fabricando e distribuindo fósforos no Brasil

1960-01



COMPANHIA URBANIZADORA DA NOVA CAPITAL DO BRASIL

NOVACAP

Em 21 de Abril de 1960 Brasília será a Capital do País.

Compre agora o seu terreno e pague em 50 prestações,
sem juros, nos setores :

- ARMAZENAGEM
- BANCÁRIO
- HOTELEIRO
- INDUSTRIAL e nas
- SUPER QUADRAS PARA CONSTRUÇÃO DE EDIFÍCIOS DE APARTAMENTOS.

Informações na sede da Novacap, em Brasília, e nos Escritórios Regionais :

Belo Horizonte — Rua Espírito Santo 495 — 8º andar — Sala 803 — Rio de Janeiro — Av. Almirante Barroso, 54 — 18º andar — São Paulo — Largo do Café, 14 — Sala 4 — Goiânia — Av. Goiás, 57 — 4º andar — Anápolis — Rua Joaquim Inácio, 437 — Recife — Av. Guararapes, 363 — 11º andar — Curitiba — Praça General Osório, 268 — Sala 804 — Porto Alegre — Rua Siqueira Campos, 1.184 — Sala 306.

ALTEROSA

A revista da família brasileira

Propriedade da

Soc. EDITORA ALTEROSA LTDA.

Rua Rio de Janeiro, 926 — 3º pavimento
Fones 2-0652 e 2-4251 — Cx. Postal 279 —
End. Teleg.: "Alterosa" — Belo Horizonte — Minas Gerais — Brasil.

DIREÇÃO: N. M. Castro e Miranda e Castro, diretores; Justo Manso Soares, assistente.

REDAÇÃO: Jorge Azevedo, secretário; Guido de Almeida e Neusa Batista, assistentes; Afrânio Cardoso; Cristiano Linhares, Delauro Baumgratz, Ernesto Rosa Neto, Euclides Marques Andrade, Garry C. Myers, Gibson Lessa, Gilberto de Alencar, Leonor Telles, Maria Madalena, Maria Lysia e Oscar Mendes.

REPORTAGEM: Afonso de Souza, André F. de Carvalho, Aristides Roriz, Domingos De Lucca Júnior, Dario Carreira Justo, José Indcio, José Nicolau da Silva, Mauro Santayana, Moacir de Castro Oliveira, Nely Burnier Coelho, Nivaldo Corrêa, Osvaldo Profeta, Pepito Carreira, Ponce de Leon, Roberto Drumond e Wilson Frade.

REVISÃO: Cléa Dalva Moraes Ramos, Maria Dirce do Val e Maria Rizza de Oliveira.

ARTE: Paginação: Eduardo de Paula; desenhos: Adão Pinho, Alvaro Apocalypse, Eduardo de Paula, Euclides L. Santos, J. C. Moura, Jarbas Juarez Antunes e Jerônimo Ribeiro.

OFICINAS GRÁFICAS E FOTOGRÁFICAS: Wilson Manso Pereira, gerente geral; assistentes técnicos: Delva H. dos Santos, Gustavo Resende Moreno, José Flauza Filho, João Tibúrcio Pessoa, Juarez Drosghic e Oldemar Almeida.

CORRESPONDENTES: Olga Obry, em Paris; Orlani Cavalcante, em Hollywood; Gastão Fernandes dos Santos, em Roma.

SERVIÇO INTERNACIONAL: Camera Press, King Features Syndicate, Odhan Press, Opera Mundi, Reuter, Transworld e United Overseas Press.

PUBLICIDADE

BELO HORIZONTE: Oscar de Oliveira, chefe; Geraldo Alves de Queiroz e Moacir de Castro Oliveira, assistentes.

RIO: Ulisses de Castro Filho — Rua da Matriz, 108 — conj. 503 — Fone 26-1881.

SÃO PAULO: Newton Feitoza — Rua Boa Vista, 245 — 3º andar — Fone 33-1432.

ASSINATURA

2 anos (48 números) Cr\$ 600,00
1 ano (24 números) 320,00
1 semestre (12 números) 170,00

Esses preços valem para todo o continente americano, Portugal e Espanha. Para outros países: US\$ 5,00, para 2 anos; US\$ 3,00, para 1 ano; US\$ 2,00, para um semestre.

VENDA AVULSA

Em todo o Brasil Cr\$ 15,00
Portugal e colônias Esc. 5,00
Número atrasado Cr\$ 10,00

A redação não devolve originais de fotografias ou colaborações não solicitados.

Os conceitos emitidos em artigos assinados não são de responsabilidade da direção da Revista.

LEITOR AMIGO

E DIZER que já estamos com o pé direito no limiar do Ano Novo! Vivendo essa emoção tão grata que se renova sempre nesta suave esperança, é que estamos folheando com você, leitor amigo, o primeiro número da nossa Revista deste novíssimo ano. E você vai encontrar logo, numa reportagem do Roberto Drumond, o ex-boxeur Waldomiro Lobo, que continua sua luta na Assembléia Mineira e até, às vezes, só para recordar, no Paissandú...

As Dez Mulheres Mais Elegantes, que Wilson Frade nos apresenta, possuem este ano novas características: foram selecionadas por serem elegantes e se destacarem, também, pelos seus elevados dotes morais. Magnífico, você não acha?

O Homem Que Logrou Hitler é um relato emocionante que faz com que nos sintamos esperançosos dentro deste mundo tão confuso: mostra-nos uma criatura excepcional, que você vai adorar... Mas adorar mesmo!

Mas logo você vai sentir arrepios com a caçada de cascavéis, que são agarradas vivas pelos concorrentes do mais ofidioso concurso do mundo... Onde? Ora, onde pode ser: nos Estados Unidos...

Mas o Gibson Lessa fará com que você esqueça as cascavéis e mostrará, através de seu talento, os mistérios do nosso universo, esse desconhecido, num trabalho que foi premiado no Rio. Mal feito ainda das emoções extra-terrestres, você sentirá novas emoções com **O Mais Emocionante Esporte do Mundo**, condensação feita pelo próprio autor do livro **Beneath the Seven Seas** — Cornel Lumière — especialmente para a nossa Revista. Aliás, o título da condensação não reflete bem o que serão os oito capítulos da obra, que nos mostra maravilhosos segredos submarinos.

Para finalizar, você terá **O Que Vimos de Bom Cinema em 1959**.

Mande suas notícias.

SUMÁRIO

CAPA

MARIA SCHELL, a extraordinária estrela alemã cujo sorriso ilumina a tela, atraindo multidões pela sua beleza.

CONTOS E NOVELAS

Uma Questão de Fé 30
As Vêzes o Coração Adivinha 42
O Mais Emocionante Esporte do Mundo 82



MARIA LYZIA

ASSALTANTES

As notícias, na maioria das vezes, são indiferentes. O novo amor de Marlon Brando ou a gripe do deputado X, o novo aumento de qualquer coisa de primeira necessidade ou o regresso do presidente da câmara, tudo isso nos deixa apáticos. Também o passeio de uma rainha ou a China adotando o sistema métrico, mas a notícia da menina morta nos faz parar. «Faleceu hoje a menina vítima dos assaltantes». Ela, naturalmente, brincava. Apareceram bandidos, provocaram um tiroteio e a menina foi baleada.

Bem, você lê e fica assim meio estarelecido. E com aquele nosso egoísmo natural, pensamos imediatamente nos nossos filhos, nos nossos sobrinhos. A vida se apertando cada vez mais nos apartamentos sem um verde, os arranha-céus cobrindo azuis, tirando-nos a única coisa ainda não exigida em pagamento — o ar — e, agora, onde se pensava poder ficar um pouco, nas calçadas, impossível deixar nossas crianças aí. Restam ainda os jardins, mas quem pode garantir-nos uma paz absoluta nêles? Assaltantes não freqüentam jardins? A menina tinha apenas quatro anos e devia ser encantadora como tôdas as meninas.

Quero pensar em nada, ter o mesmo indiferentismo das outras notícias, mas tudo nos leva ao triste e aos problemas melancólicos e insolúveis de uma cidade grande. As crianças dormem em portais e algumas são assassinadas. Os assaltantes — serão eles apenas os assaltantes? E os grandes que nos assaltaram a confiança? Onde eles? Bem, não serei eu que os apontarei e chamarei para uma tomada de consciência, para uma volta, bem tarde da noite, pelas calçadas e jardins. Veriam estrelas caídas, embrulhadas em jornais — pobres crianças! — pois o frio não é nada bonito quando se está quase nu. A minha voz, porém, é pequena, muito pequena mesmo. De onde estão, os grandes jamais poderão ouvir vozes tão baixas. A única coisa que podemos fazer é olhar e chorar de leve. Mais nada. As crianças continuarão dormindo nos portais, algumas outras serão mortas. Continuarão os assaltantes de toda espécie. Nossa confiança há muito está abalada e isto é profundamente amargo. E profundamente doloroso.

ARTIGOS E REPORTAGENS

<i>Um ex-Boxeur no Legislativo Mineiro</i>	14
<i>As Dez Mais Elegantes</i>	18
<i>A Túnica no Foco da Moda</i>	34
<i>O Homem que Logrou Hitler</i>	46
<i>Inauguração de ALTEROSA</i>	50
<i>Caçada de Cascavéis</i>	56
<i>O Desafortunado Salteador</i> ..	60
<i>Universo-Fantasma</i>	76
<i>A Torre Eiffel Cresceu</i>	92

CRONISTAS

<i>Maria Lyzia</i>	3
<i>Elsie Lessa</i>	8
<i>Gilberto de Alencar</i>	112
SEÇÕES PERMANENTES	
<i>Cartas</i>	4
<i>A Voz do Brasil</i>	6
<i>Teleguiados</i>	9
<i>Picadeiro</i>	10
<i>Quitandinha</i>	26
<i>Crianças</i>	28

<i>Fonte Viva</i>	29
<i>Humor (Gin)</i>	41
<i>Fuga</i>	59
<i>Poesia</i>	64
<i>Bazar Feminino — a partir da</i>	66
<i>Caixa de Segredos</i>	89
<i>Regulamento do Concurso</i>	90
<i>Palavras Cruzadas</i>	91
<i>Fotos e Legendas</i>	96
<i>Panorama</i>	100
<i>Livros e Letras</i>	106
<i>Cinema — a partir da</i>	108



Você Estuda? E Quer Trabalhar?

Tem mais de 18 anos?

SE a resposta é afirmativa, temos o tipo de trabalho ideal para você. Venha ser nosso agente, para colocar assinaturas da Revista ALTEROSA entre as pessoas do seu círculo social e escolar. Sabemos que você, como estudante, tem amigos e conhecidos que tomarão assinaturas de ALTEROSA, quando lhes for explicado o quanto lucrarão com a sua leitura. E note que você obterá renda extra para reforçar o seu orçamento, trabalhando num círculo de elevado nível cultural, e estritamente em suas horas de folga escolar. Por que, então, você, que é um estudante esclarecido, não se inscreve, o quanto antes, como nosso agente de assinaturas?

Faça dividendos do seu tempo livre, colocando assinaturas de

ALTEROSA

a revista de classe
para as pessoas
de gosto.

Para inscrição, escreva à Soc. Editora ALTEROSA Ltda., Caixa Postal 279, Belo Horizonte, remetendo os seguintes dados pessoais: nome e endereço completos, idade, estado civil, profissão, grau de instrução e fontes idôneas para referências: comerciantes, industriais ou bancos da sua cidade.

CARTAS

O Magistral Lin-Yutang

FOI com verdadeiro deslumbramento que apreciei a nota sobre o magistral Lin Yutang, sentindo apenas que não tenha sido mais extensa, para que a minha alegria fosse completa. Parece-me estar vendo e ouvindo esse fabuloso chinês inter-

pretando «Se a perpétua cheirasse».

Quero sugerir que prossigam publicando esse tipo de entrevistas com pessoas ilustres.

IRAYDES DE MATOS —
POÇOS DE CALDAS — MG

Destruição Sobre a Terra

APRESENTO ao jornalista Osvaldo Profeta as minhas mais efusivas congratulações pelo brilhante trabalho «Destruição Sobre a Terra». Que seus colegas de Imprensa o acompanhem neste angustioso apelo, a fim de podermos alertar nossos homens públicos e criar uma mentalida-

de mais conservacionista no elemento rurícola nacional.

Bela colaboração Osvaldo Profeta prestou, com esse trabalho, ao nosso dilapidado e querido Brasil.

CLIDENOR COELHO GALVÃO —
CHEFE DA INSPETORIA FLORESTAL — BELO HORIZONTE

Dois Cochilos da Redação

NO exemplar da primeira quinzena de outubro, na nota da página 8 sobre o dia das sogras (A Sogra do Ano), instituído nos EE.UU., constatei um pequeno cochilo. Se a «sogra do ano» ocupa o cargo de tesoureira dos Estados Unidos, possivelmente deve residir em Washington. Se o seu genro, tenente Jansen, mora na Califórnia,

a distância deve ser de 4 mil quilômetros, e não apenas 4...

Ao que parece, o fato da Sr^a Ivy Baker Priest haver sido eleita «a sogra do ano», deve-se ao fato de que seu genro a quer bem distante. Ela do lado do Atlântico e ele do Pacífico...

J. B. PEREIRA BASTOS —
ALFENAS — MG

LENDO, em ALTEROSA da primeira quinzena de novembro, o teste «Um escritor da República», focalizando o grande Euclides da Cunha, constatei a infelicidade do autor ao referir-se a uma passagem da vida do magnífico escritor brasileiro. Trata-se da questão nº 9 do teste.

Euclides da Cunha jamais teve problema íntimo com a mulher do militar, e sim com a sua pró-

pria. Ela, sua legítima esposa, que o traiu com o militar aludido, que na época era um simples cadete e solteiro.

A razão do equívoco do responsável pelo teste talvez resida no fato de ter a mulher do escritor, já viúva, esposado o assassino de seu marido.

ADALBERTO FARIA —
BELO HORIZONTE

• Outros leitores também notaram o erro no teste sobre Euclides da Cunha, cochilo verdadeiramente imperdoável, tanto da parte do redator

que o preparou, como da turma da revisão, que o deixou passar. Por isso mesmo, damos a mão à palmatória.

Que os Anjos Digam Amém

EM seu número 314, ALTEROSA faz o seguinte comentário sobre a carta de um lei-

tor que se queixa, como muitos outros, do grande atraso no pagamento dos juros de apólices

municipais: «Na marcha em que vão andando as coisas com relação às finanças do Estado e da Prefeitura, até que é muito bem lançada a idéia de se unirem os portadores de apólices para receber os seus atrasados, porque, na verdade, o dinheiro tem sempre aparecido para tudo, menos para pagar o que é devido».

A este comentário, aliás muito justo e oportuno, o Secretário das Finanças do Estado acaba de dar uma resposta digna e honesta, colocando em dia os juros atrasados e resgatando as apólices vencidas. Será que o Prefeito, Sr. A. de Barros, vai também meter-se em brios e seguir o exemplo, pagando os juros atrasados e o resgate das apólices vencidas da Prefeitura de Belo Horizonte? Oxalá assim seja e os Anjos digam Amém.

REYNALDO DE MENDONÇA —
GUARÁ — SP

Concurso de Contos

EM abril e maio de 1958, dois contos de minha autoria — Tropeiros e Rebentão — foram aprovados no Concurso. Até hoje não foi publicado o primeiro, enquanto outros posteriores já saíram, inclusive de minha autoria também, como o conto Tange-rinos.

J. N. FONTES IBIAPINA —
TERESINA — PI

• O conto "Tropeiros" saiu na primeira quinzena de outubro último. "Rebentão" já está ilustrado e sairá breve.

A Sucessão no Estado e no País

COMO goiano e nacionalista, acho que temos o sagrado dever de preservar duas patrióticas metas do Presidente Juscelino: Brasília e Petrobrás. Para isso, não há dois caminhos, mas, apenas um: acompanhar a figura resoluta, inconfundível e honrada do Mal. Teixeira Lott. Para vice, o Sr. João Goulart, que tem sabido conduzir-se com dignidade, não havendo, portanto, nenhum mal em reelegê-lo.

CORNÉLIO RAMOS —
CATALÃO — GO

A FRASE «Jânio Vem Aí» já ecoou de norte a sul. Está na hora de o povo, que há muito vem sendo iludido pelos falsos líderes, acordar para a rea-

(Conclui na pag. 28)

O VALOR DA CONVERSA EM FAMÍLIA



VIAJAVA eu num dos trens de Washington, quando, sentando-se ao meu lado, um sacerdote chinês inclinou-se para olhar o jornal que eu estava lendo. Ao deparar a notícia de um assassinio cometido por um grupo de adolescentes, perguntou-me com naturalidade:

— Por que será que os adolescentes americanos estão sempre a formar bandos de malfetores, e como é que se explica que isto se dê logo nos Estados Unidos, um país que se julga o mais desenvolvido que a civilização já pôde produzir?

Respondi-lhe, também naturalmente, que isto não era regra geral no nosso país e que, quanto às razões, achava que eram as mesmas de todos os lugares, inclusive da China.

— Da China não! — interrompeu o chinês. — Na verdade temos os nossos indivíduos perigosos, mas jamais tivemos delinquentes! A vida da família chinesa torna quase que impossível a existência de tais criaturas.

Fiquei admirado e fui logo logo perguntando ao meu companheiro de viagem o que é que as famílias chinesas faziam de especial nesse sentido.

— Apenas realizamos reuniões de conversações em nossos lares, abordando assuntos do interesse de todos — explicou-me ele. — Mas não é isto que acontece com os lares americanos. A cada dia, eles estão perdendo o amor pelas palestras em família. As refeições ainda são feitas em conjunto, mas, depois delas, cada um vai para o seu lado e, nas poucas vezes que conversam, a falta de paciência de uns para com os outros é tal, que chega a ponto de a «prosa» degenerar em altercação. Nós chineses aprendemos a despertar nos nossos filhos o interesse pela vida no lar e, com isto, evitamos a delinquência.

De fato o chinês tinha razão. Meditei em suas palavras e lembrei-me de lares do passado, que observavam a importância das palestras e reuniões familiares. Passou-me pela mente, num desfile rápido, mas bem nítido, a família de Roosevelt, reunida na sala de jantar, para ler e discutir trechos de Shakespeare; vi também aquela casal que procurou instruir-se em assuntos de esportes a fim de ter elementos para conversar com os seus dois filhos, que eram campeões no colégio; revivo aquela jantar inesquecível do qual participei em casa de um amigo. Terminada a refeição, passamos todos para a sala de estar: os pais, os quatro filhos e eu, a fim de participarmos da «hora das experiências», quando cada membro da família narrou o episódio mais interessante que vivera durante aquele dia. Quanto entusiasmo! Fiquei encantado quando o meu amigo contou-me que aquelas reuniões eram diárias, e que tinham a finalidade de fazer com que cada um participasse mais diretamente da vida dos outros.

— Realmente — disse eu, quebrando o curto silêncio e interrompendo o desfile das minhas recordações. — Se todos os pais introduzissem em seus lares o hábito da boa conversação em conjunto, o resultado seria excelente!

— Sem dúvida — acrescentou o chinês. — E isto não é difícil. Vejamos o que se faz necessário:

1 — O assunto para a conversa: o chefe de família que lê o seu jornal ou um livro, ou conversa com qualquer pessoa sobre o seu trabalho, poderá encontrar perfeitamente algo de valor para ser dito em uma reunião da família.

2 — Os pais devem ter sempre em mente que as crianças são grandes imitadoras; logo, todo o cuidado, no comportamento, na conversação e nas atitudes, é de suma importância.

3 — A disciplina deve ser rigorosamente observada, para que tudo saia bem. Um lar cheio de bom-humor e onde se fazem animadas e interessantes discussões é, sem dúvida, o maior obstáculo à delinquência juvenil. Pode requerer-se tempo para o preparo de programas, mas o esforço para preservar os filhos do mau ambiente e de mau comportamento é a coisa mais importante que se pode fazer.

O trem chegou ao seu destino e o chinês desapareceu no meio da multidão, antes mesmo que eu tivesse tempo de dizer mais alguma coisa. — Oscar Schisgall.



O Sr. Sebastião Durand, presidente das "Super-Cestas Columbus" discursa, expressando sua grande alegria pela inauguração. Ladeiam-no o Sr. Santo Greco, gerente da filial, e a Srª Ana Durand.

Inaugurada a filial das

"SUPER-CESTAS COLUMBUS"

NUMA solenidade festiva, as «Super-Cestas Columbus» inauguraram, à rua São Paulo, 896, nesta Capital, a sua filial belo-horizontina, instalada com todos os requisitos de uma casa moderníssima. Compareceram expressivas figuras da sociedade mineira, que foram recepcionadas pelos Srs. Sebastião Durand, ilustre presidente das «Super-Cestas Columbus», sua exmª espósa Srª Ana Durand, o Sr. Prado Spinelli, do Departamento Jurídico da grande empresa e Sr. Santo Greco, gerente da filial belo-horizontina.

Ao ato inaugural, a Srª Ana Durand convidou o Vigário Geral da Arquidiocese, Monsenhor José Augusto Dias Bicalho, para desatar a fita simbólica, sendo em seguida realizada a bênção das instalações, cujo bom gosto foi unanimemente elogiado. Falou Monsenhor José Bicalho, focalizando o elevado conceito de que gozam as «Super-Cestas Columbus» que vieram criar, com seus magníficos planos e maravilhosos prêmios, um novo clima no Natal brasileiro. A seguir, discursou o Sr. Sebastião Durand, que expressou seu júbilo pela instalação da sua filial em Belo Horizonte, como homenagem à cultura e ao progresso belo-horizontinos, ressaltando a atuação do Sr. Santo Greco, gerente da filial, cuja capacidade de trabalho e fidalguia de trato eram a garantia do êxito da nova casa das «Super-Cestas Columbus».

O Sr. Santo Greco, emocionado, falou agradecendo as expressões lisonjeiras do Sr. Sebastião Durand, prometendo envidar os maiores esforços no sentido da nova filial corresponder à expectativa de todos, desde os diretores ao que dela se servirão para abrilhantar sempre os seus Natais. Finalizando, ofereceu uma artística corbeille a Srª Ana Durand, que era «a madrinha da filial de Belo Horizonte».

A festa das «Super-Cestas Columbus» marcou, triunfalmente, o início da vida da sua bela filial em Belo Horizonte.



Monsenhor José Augusto Bicalho procede à bênção das instalações.

A VOZ DO BRASIL

Compilação de Afrânio Cardoso

• O efeito moral da greve das professoras não se resumiu apenas em obter alguns cruzeiros a mais para a bolsa da professora primária do Estado de Minas, a mais mal remunerada de todo o País. Ele teve mérito maior, porque fez sentir que a professora existe e existe como fator valioso na soma dos valores com o qual a Nação precisa contar, se quer realmente estabelecer as bases do seu verdadeiro engrandecimento.

O CAMPO BELO — MG

• Grave a situação nacional. Não é profecia de «espírito de porco». Eminentíssimos vultos nacionais, por várias vezes, no Congresso, na imprensa, nas emissoras, têm batido na mesma tecla, expondo o perigo que cerca a Nação e sua gente. A classe dominante, entretida no gozo do poder, não vê e não sente a desgraça que a rodeia. A fome bate à porta de toda a classe média e proletária. Enquanto isso, os convivas dançam no convés, em festim, e a água invade os porões... Falta pouco para sossobrar o barco...

Sandra Lis

DIÁRIO DO OESTE — DIVINÓPOLIS — MG

• Uma época mercenária e fria, uma civilização dura como o cimento-armado, e uma indiscutível tendência para o mais fácil, são os fatores modernos que se chocam contra os fenômenos artísticos, quaisquer que sejam as manifestações desses fenômenos. Em jardins sem canteiros, não poderão brotar flores, como, dentro de uma civilização insensível, não poderá haver sensibilidade, que é a arte mesma.

CORREIO DA SEMANA — SOBRAL — CE

• Grandes partidos políticos possui esta grande Pátria! Sômente queremos nos referir aos três maiores: PSD — UDN — PTB. Todos possuem, em seus quadros, valorosos e ilustres nomes para serem escolhidos como candidatos à presidência da República. Nenhum deles, entretanto, escolheu um de seus ilustres partidários! Onde o ideal e a coragem? Será que espada e vassoura amedrontam tanto?

O ITABORAHYENSE — ITABORAÍ — RJ

• A diferença entre um nacionalista e um entreguista é fundamentalmente esta: o nacionalista é homem sem complexos, que sente estar sendo explorado pelos grandes grupos econômicos internacionais e se dispõe a lutar contra eles. Enquanto o entreguista é um derrotado e complexado, que vê no povo brasileiro um aglomerado de «ladrões», «analfabetos», «equivocados» ou «estúpidos». Estúpido é ele.

CORREIO DO SUL — CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM — ES

• O país está desgovernado? Combatamos, desasombroadamente, o mau governo e saibamos, em eleições vindouras, escolher melhores e mais capazes dirigentes. Os homens de energia e de fé fazem-se

conhecer nas horas difíceis das crises e das lutas. Senadores, deputados ou vereadores são desonestos e não cumprem seus deveres e promessas? Que sejam substituídos por outros mais dignos, em pleitos futuros. Mas, tenhamos fé. Fé em nosso próprio valor, em nossos méritos, em nossa capacidade de trabalho, em nossas energias, em nossos ideais. Fé nos destinos do nosso Brasil.

CIDADE DO PRATA — MG

• Os nossos homens públicos, salvo honrosas exceções, não estão merecendo de seus contemporâneos aquele respeito que era dispensado aos homens do Império — aqueles, dos tempos em que um fio de barba era documento de mais valor do que quanto papel assinado por aí anda em mãos de particulares, ou atulhando gavetas oficiais. Ou porque os líderes do povo, isto é, os que se empoleiraram nos postos públicos rendosos e de direção «não são bem remunerados e ficam, por isso mesmo, mais sujeitos à corrupção», ou porque a punição não alcança quantos se locupletam com os dinheiros públicos ou privados — o certo é que o povo brasileiro anda desencantado.

Artur Marques

CORREIO DE S. FELIX — BA

• Cientistas de todo o mundo estão com as vistas voltadas para o Brasil. Com essa falta de carne, feijão e queijos, pretendem descobrir aqui o vírus da fome...

DIÁRIO DE PIRACICABA — SP

• Não se discute que a maquinaria possante, multiplicando as forças relativas dos homens de trabalho, bem como a industrialização sistemática, constituem ambas estas coisas uma conquista, uma vitória, no século de dinamismo e de trabalho. Do outro lado, porém, é preciso reconhecer e confessar que isto mecanizou, desumanizou o trabalho, conseqüindo, até certo ponto, automatizar o próprio trabalhador. Não seria grande mal a atrofia do técnico, pela hipertrofia do homem. Agora, é o fenômeno inverso: a atrofia do homem, pela hipertrofia da técnica. O profissional se converteu em tûmulo do homem. O técnico é que sobrevive ao homem mecanizado, automatizado, frio como metal.

D. Alexandre Gonçalves Amaral

CORREIO CATÓLICO — UBERABA — MG

• Neste país de emissões descontroladas e sem lastro, emitiu-se, somente no mês de outubro último, a bagatela de 2,6 bilhões de cruzeiros. E o povo continua, nos dias de eleições, fazendo filas extensas para votar nesses calhordas que aí estão fazendo a desgraça do Brasil.

Adão Carrazoni

A PLATEIA — SANT'ANA DO LIVRAMENTO — RS

• JK já organizou a comissão de festividades e organização da mudança da Capital Federal para Brasília: quem era contra tem apenas 4 meses para duvidar, porque, depois, será fato consumado...

DIÁRIO DO OESTE — DIVINÓPOLIS — MG

1ª

exposição

têxtil

de minas

gerais

VISITE A



10 DE JANEIRO A 10 DE FEVEREIRO

LOCAL:

ESCOLA TÉCNICA BELO HORIZONTE

CONVENÇÃO TEXTIL

DESFILES DE MODAS — CINEMA

INFORMAÇÕES PELO FONE 4-5053

Nova atração de ALTEROSA

O MAIS EMOCIONANTE ESPORTE DO MUNDO

DEPOIS de explorar, há milhares de anos, o terço do mundo que é terra, os homens desceram em grande número, há apenas poucos anos, para explorar os dois terços do mundo que é água.

O leitor pode aprender a considerar tubarões monstruosos, arraias gigantes e baracudas agressivas como amigos do mergulhador e maravilhar-se-á com a magia da vida sob a superfície dos mares do mundo. O autor o conduz a grandes profundidades, para partilhar os segredos do antigo Port Royal, a capital dos piratas dos Caraíbas, que desapareceu num terremoto no décimo-sétimo século. O leitor ávido de histórias de aventuras extraordinárias, assim como ao colecionador de espécimes submarinos, este livro fornece a chave do reino de beleza e mistério dos recifes.

Escrito num estilo livre e fácil, «O Mais Emocionante Esporte do Mundo» explica, tanto ao principiante como ao experiente, o que fazer e onde ir no campo desses esportes novos e excitantes: mergulho com ou sem equipamento, caça submarina, exploração submarina e de recifes.

Esteja você procurando uma caixa de tesouros, uma cidade submersa, ou apenas uma viagem submarina em volta do mundo em sua própria poltrona, você achará este livro repleto de fatos e coisas divertidas. A partir desta edição de ALTEROSA, o leitor encontrará esta nova atração da sua Revista, à página 82.

Um Mendigo e a sua tarde de verão

ELSIE LESSA

(Transcrita de "O Globo")

EU já o vira de longe, ao encostar o automóvel. Fiz a manobra, o pensamento distante, meio com vergonha de ter inveja daquele seu sono — ou seria bebedeira? — assim largado, assim sem compromissos, tão liberto, tão acima do bem e do mal, estendido na calçada, a cabeça na sombra, o sol já a incendiar o resto do corpo. Dormia, inocentemente dormia, como uma criança ou um criminoso nato, que só há essas duas coisas para dormir bem assim.

* * *

FIZ compras, namorei vitrinas, hei de ter tomado um refrêscio. Mas aquele homem que dormia, puro, distante, abandonado, por cama, travesseiro e colchão uma calçada de Copacabana, o sol, o ruído, a indiferença da cidade por quarto de dormir, não me saíram da cabeça. Afinal, era um jeito de ser dono da vida, aquele seu sono de rua, no meio da tarde, enquanto todos se agitavam, tão atados por compromissos tantos, tão cerceados, tão presos ao embate do cotidiano.

* * *

SERIA bêbedo, seria mendigo? Atropelado, não era. Tinha a barba grande, um jeito de inocência nos cabelos sujos que lhe cobriam um pouco o rosto afundado num braço. Na volta, descobri que era mendigo. Acordara pouco antes, ainda trazia nos olhos vagos um resto da sesta e dos sonhos da tarde. Vi, mais, que não tinha uma das pernas, substituída pela muleta tósca que lhe escapava da calça remendada. Devia ser um homem amigo do seu conforto, pois arrastara-se mais até à sombra da árvore, tinha até achado a raiz grossa que lhe servia de banco. O chapéu ao lado, uns níqueis, umas notinhas amassadas. Era um mendigo-rei, vago e distante, dono da tarde e da vida, uma calada superioridade nos olhos mansos, e que acabava de se

fazer servir de um sorvete de copinho, que o homem do Kibon lhe fornecia, a domicílio na sua sombra de amendoeira.

* * *

CONTINUAVA sobretudo o mesmo homem liberto e sereno, que eu tivera a fraqueza de invejar, ainda pouco antes, no reino do seu sono. Ora tomava o seu sorvete, em vagarosas colheradas, tão acima, tão distante de nós, como quando há instantes eu o surpreendera dormindo. Tinha uma perna de menos que os outros, mas certa misteriosa tranquilidade nos seus não-teres vários, que o isolava de repente da agitação vã em que todos nos atormentávamos. Era como se estivesse suspenso, para lá do bem e do mal, um homem sem casa, sem família, sem trabalho, sem mesmo uma das pernas, mas também sem anseios nem canseiras, a nos olhar a todos com aqueles seus olhos mansos que pareciam rir, a saborear enlevado a miúda felicidade de um sorvete, numa tarde de verão.

* * *

ERA um mendigo sem compromissos com a mendicância, nem com os outros homens, que lhe jogavam, depressa, uma nota amarfanhada para terem o direito de esquecer que ele existia. Acorrava, dormia, matava a sua sede, saboreava de manso a raiz de árvore que era o seu banco, a sombra escassa que era a sua casa, a vida amarga e maravilhosa que lhe palpitava em tórno, isolado no império e na fortaleza toda poderosa daquela sua miséria, que o fazia distante, solitário e altaneiro como um rei.



GIBSON LESSA

SE PELAS LEIS DA MORTE, a reencarnação fôr efetivamente uma coisa compulsória, se não houver um jeito de uma alma (respeitável como a minha) escapular à contingência do retorno (e se me fôr dado optar) hei de pedir ao Senhor, depois de morto, que ao menos da próxima, não me despache mais para a Terra dentro dum corpo humano.

De Humanidade, quem não está farto e cheio? Sim, da próxima, quero reencarnar num bicho. Qual bicho? Verme? Não: já tem de mais por debaixo da terra. Burro? Também não: já tem demais por cima. Paquiderme? qualquer dêles, exceto rinoceronte: que frustração, que desespero, ser votado e eleito e não poder ter nem ao menos o direito de tomar posse!

Uma águia com as asas desdobradas — seria bacana! Mas, por outro lado, que melancolia se tivesse de voltar empoleirado como o galo branco mandchu da biblioteca do poeta Augusto Frederico Schmidt.

Ao ter de retornar ao convívio dos homens, que eu venha venerado como um elefante branco da Birmânia, ou ao menos respeitado como um boi da Índia. E a ter de vir como macaco (chega de circo, chega de palhaços) nem chimpanzé nem mico: um gorila!

Contudo, se não houver jeito nenhum de escapar ao convívio dos homens, ainda que sob a pele abominável do abominável homem das neves, então, cativo por cativo, que eu retorne ao mundo sob a forma se possível de um beija-flor, um desses beija-flôres que o Sr. Augusto Ruski trouxe do Rio para Belo Horizonte e anda soltando nos viveiros residenciais do Sr. Júlio Soares, às margens da Pampulha.

QUANTA BELEZA, QUANTO REQUINTE NA VIDA DE UM BEIJÁ-FLOR, e eu não sabia.

Vejam:

- 1) ama bailando.
- 2) tem um coração que bate 850 vezes por minuto.
- 3) vive em dez anos o equivalente a oitocentos de uma vida humana.
- 4) não anda, é a única ave que não anda; voa como helicóptero e, quando quer, voa também a jato.
- 5) é o único pássaro do mundo de movimentos onidirecionais.
- 6) nasce nu e, no entanto, quando cresce, é aquela exuberância de côres e de plumas.
- 7) dos animais de sangue quente, é um dos poucos que hibernam, isto é, enrola-se sobre si mesmo como se fosse uma bola e dorme o inverno inteiro.
- 8) enfim, liberto, isento dos probleminhas de sobrevivência que ora arrasam com a vivência da gente, alimenta-se gratuitamente de flôres, comendo pólen numa quantidade de 16 vezes superior ao peso do seu próprio corpo.

Ah, existe ainda uma última particularidade de que eu ia-me esquecendo:

- 9) é o único pássaro do globo capaz de polinizar determinada e raríssima espécie de orquídeas.

DECIDIDO: hei de rogar ao Senhor que, da próxima, me reencarne num beija-flor. Quero me empanturrar de pólen, amar bailando, hibernar nos dias chatos da vida e, nas horas vagas, polinizar orquídeas.

E O MEU AMIGO CABOTINO ME EXPLICA por que é que é cabotino:

— No meio de tanta galinagem, há que se cacarejar. Quem quer que bote um ovo, no Brasil, tem de cacarejar. Porque, se não cacareja, ninguém descobre o ovo.

UMA QUADRINHA CELEBRE

Aqui vai, superada pela façanha astronáutica do Lunik III, a quadrinha alexandrina que o poeta londrino Edmond Gosse (1849-1928) afirma ter descoberto um dia no quarto da empregada, debaixo do travesseiro dela:

«Ao contemplar daqui tua bela face, ó Lua/
Doidamente a correr espaço a fora, nua/
Quantas vezes chorei, por não ter visto, inteiro/ (E não verei jamais!) teu celestial traseiro...»

O CONSOLO DE SARTRE

Quando lembram a Jean-Paul Sartre (a mais velha vedeta masculina da literatura francesa) que as suas obras estão no Index do Vaticano, ele retruca:

— Como Rabelais, Montaigne, Pascal, Stendhal, Balzac e Gide...

LEMBRETE

Perguntar ao Fernando Sabino (na primeira oportunidade) como é mesmo a história daquele sujeito desambicioso que entrou numa alfaiataria levando um botão e pediu ao alfaiate que pregasse nele um terno.

«SE AO MENOS FOSSEIS ANIMAIS COMPLETOS! Mas, para ser animal, é preciso inocência...» chacoteia, escarninho, o zombeteiro Zaratustra, deixando o Super-Homem boquiaberto.

E, POR FALAR EM NIETZSCHE, disse o Diabo um dia a Zaratustra:

— Deus também tem seu inferno; é o seu amor pelos homens.

QUE DIRA' A ISTO UM POMBO?

Os cientistas britânicos H. G. Welles, Julian Huxley e G. P. Welles acabam de me revelar que as pombas são umas avezinhas tão amorosas, tão sensíveis ao carinho e ao galanteio que, se Você se puser a coçar, a acariciar com a polpa dos dedos a penugem da cabecinha de uma pomba virgem — isso desencadeará nas glândulas de secreção interna da bichinha um estímulo emotivo de tal ordem que poderá até ocasionar lá dentro dela a geração mecânica de ovos, podendo então dar-se o caso de, com a repetição das carícias, acabar a pombinha virgem por botar um ovo no seu colo — ovo filho dos seus afagos...

PUBLICIDADE OFICIAL EM MG

NINGUÉM, em boa fé, poderá condenar uma administração pela criteriosa aplicação de verbas na publicidade oficial, isto é, pela divulgação de matéria de interesse público, nos veículos de boa tiragem e penetração nas diferentes

camadas sociais da coletividade. Essa prática constitui mesmo uma necessidade, um dever dos responsáveis pela coisa pública, que não podem furtar-se à obrigação de prestar contas de seus atos ao povo em cujo nome exercem o poder.

Entre nós, todavia, essa prática da democracia tem sido lamentavelmente desvirtuada. A publicidade oficial, sobretudo em Minas Gerais, tem sido desviada de suas verdadeiras finalidades, para servir a interesses políticos dos poderosos do dia.

Não existe, por exemplo, verbas de publicidade para divulgação da matéria de interesse público imediato, como sejam os resultados dos sorteios de apólices. Milhares de portadores de títulos mineiros, da série submetida a sorteios mensais, não podem conferir as suas apólices, por falta da publicação dos resultados de cada sorteio. Também não há verba de publicidade para

SUCCESSÃO ESTADUAL

A CAMPANHA sucessória mineira, na última quinzena, não foi muito fértil em acontecimentos de importância, salvo quanto à posição do Sr. Ribeiro Pena, cuja divergência com a solução pessedista (Tancredo) tornou definitiva. O prestigioso prócer afastou-se do PSD, levando, ao que tudo indica, uma profunda cisão às hostes do partido que detém o Poder no Estado. Não são poucos os chefes pessedistas que acompanham o Sr. Ribeiro Pena no interior (cerca de 400 votos de convencionais lhe foram atribuídos) e entre os maiores do partido, dispõe ele de amigos dedicados que têm resistido a todas as seduições da ala tancredista e estão firmemente dispostos a acompanhá-lo em qualquer solução extra-partidária: composição com Magalhães Pinto ou lançamento de sua candidatura pela legenda do PDC com o possível apoio do PR, cujo entrosamento com o PSD torna-se cada vez mais difícil.

Sabe-se que tudo foi feito para «acomodar» a situação do Sr. Ribeiro Pena e de seus amigos, entrando na dança até mesmo a oferta de altos cargos na administração federal e embaixadas no exterior, como é de praxe nos atuais métodos de fazer política neste País. Mas o ilustre prócer de Itapetecica não é do tipo de políticos que trocam um ideal por situações materiais, e tem repellido qualquer solução que não se coadune com os seus princípios. E dando maior ênfase à sua atitude, enviou ao Sr. Juscelino Kubitschek



SANTIAGO DANTAS
Candidato do PTB à vice-governança na chapa do Sr. Tancredo Neves.

uma carta na qual acusa nominalmente os deputados Manuel França, Carlos Murilo e Renato Azere, assim como o Sr. Geraldo Carneiro, oficial de gabinete da presidência da República, de terem exercido, em nome do Presidente e do governador Bias Fortes, uma pressão desleal sobre os convencionais pessedistas, para que votassem no Sr. Tancredo Neves.

«Em realidade — afirma o Sr. Ribeiro Pena na carta ao Sr. Juscelino Kubitschek — não fui indicado candidato porque o Presidente da República e o Governador do Estado a isto se opuseram, negando-me a isenção prometida em face do pleito».

Ao mesmo tempo em que essa carta estourava na imprensa, causando tremendo pânico nas hostes do Sr. Tancredo Neves, o presidente em exercício do PR mineiro, Sr. João Belo, avistava-se com Ribeiro Pena e declarava, em seguida, aos jornais:

— Não tenho mais dúvidas de que a verdadeira unidade do PSD dependerá quase que exclusivamente do PR. E posso explicar esse meu ponto de vista: no dia em que resolvermos marchar com o Sr. Magalhães Pinto, o que não está fora de nossas cogitações, pois não temos compromissos com nenhuma das candidaturas já postas, a dissidência pessedista se concretizará imediatamente. O descontentamento, pelo que tenho observado, está em estado latente e se o PR oferecer ao candidato da Oposição chances concretas de vitória, então nada mais fácil de prever que a adesão dos pessedistas descontentes com o resultado da Convenção.

Enquanto isso, a esposa do Sr. Ribeiro Pena, D. Maria José Nogueira Pena, cuja atuação política tem sido das mais intensas, aceitava o convite para dirigir o Comitê Feminino Pró-Candidatura Fernando Ferrari, em Belo Horizonte, o que vem demonstrar o completo afastamento do ilustre casal das atividades pessedistas.

DESPRESTÍGIO DA AUTORIDADE

TODOS SABEM que a greve no serviço público é ilegal. E os servidores também sabem. Mas nem por isso foi possível evitar que duas grandes greves de servidores públicos estourassem em Belo Horizonte na última quinzena, ambas apoiadas entusiasticamente por toda a opinião mineira, inclusive pela imprensa livre, pelos estudantes, pelos sindicatos de maior prestígio, pelos parlamentares, e até mesmo pela Igreja.

Primeiro veio a greve das professoras primárias. Cansadas de espe-

os grandes movimentos de interesse cívico, como o alistamento eleitoral, ora em fase de evidente marasmo. Embora nos aproximemos de um pleito que vai decidir os destinos da Nação, por mais cinco anos. Não há verbas, ainda, para publicidade dos temas de maior envergadura, para a saúde pública, como a educação sanitária, de que tanto carecem muitas camadas de nossa população, dolorosamente submetidas a endemias responsáveis por milhares de vidas preciosas. Não há, também, verbas para propaganda de nossas fontes de turismo — estâncias minerais, cidades históricas e outras — que poderiam constituir valioso ponto de apoio à nossa economia.

Mas não faltam verbas de publicidade para elogios pessoais aos figurões do dia, elogios êstes, quase sempre imerecidos ou exagerados. Não faltam verbas para publicidade destituída de qualquer interesse público, com a finalidade exclusiva de premiar dedicações políticas. Não faltam verbas até mesmo para mistificar a opinião pública com a propaganda de planos de obras que nunca sairão do papel e da tinta dos jornais amigos do Governo.

Essa publicidade não é, evidentemente, a que se pode realizar com base nos preceitos da boa ética administrativa. É apenas uma distorção das normas democráticas, uma imoralidade, uma dilapidação dos dinheiros públicos.



rar por promessas nunca cumpridas, as mestras mineiras foram surpreendidas, no projeto de aumento de vencimentos do funcionalismo estadual enviado à Assembléia pelo governador Bias Fortes e elaborado pelo seu secretário de Finanças Sr. Tancredo Neves, com a seguinte situação: passariam a ganhar igual a um soldado de polícia. Aí a coisa estourou! Num movimento que empolgou a opinião mineira, as professoras paralisaram completamente as aulas em todo o Estado, não obstante a pressão, por vezes violenta, exercida pelo Governo do Estado contra as atividades da classe em revolta.

Não faltou nenhum recurso de intimidação, por parte do Governo Estadual, no sentido de dominar o movimento. Fechamento dos meios de comunicação às grevistas — Correios, Telégrafos e Telefones — ação policial e aparato militar, ameaças de punição, e arroubos de dignidade ferida através de matéria paga nos jornais oficiais e oficiosos. Mas as mestras mineiras, conduzidas pela sua denodada líder, professora Marta Nair Monteiro, assistidas carinhosamente pela opinião esclarecida de Minas Gerais, lutaram e venceram. O Governo teve de recuar, enviando à Assembléia, que o aprovou em regime de urgência, um novo projeto de reajustamento dos vencimentos do professorado primário, em níveis mais compatíveis com a dignidade de sua alta função social.

Ainda bem não terminara o movimento grevista das professoras, outra greve era deflagrada em Belo Horizonte, desta vez no setor municipal. Com seus vencimentos (salário mínimo) em atraso de quatro meses (!) os operários da Prefeitura enviaram ao prefeito A. de Barros o seu ultimato: pagamento de pelo menos dois meses dos vencimentos em atraso, ou paralização imediata do trabalho!

O prefeito (trabalhista) parece que não acreditou na ameaça. E mandou dizer à comissão de trabalhadores que foi levar o assunto à sua apreciação, que sentia muito, mas que a Prefeitura não tinha di-

neiro, que tivessem paciência(?), que sofressem mais um pouco com a fome em seus lares, e coisas semelhantes. Com isso, porém, não concordaram os trabalhadores municipais, pois a fome é coisa negra, com a qual muito dificilmente a gente consegue acostumar-se. E a greve veio.

Como da outra vez, os grevistas receberam o apoio unânime da opinião mineira. Todas as classes sociais se solidarizaram com os infelizes trabalhadores, que passam fome enquanto o dinheiro que deveria mitigar seus sofrimentos é esbanjado pela Prefeitura, em publicidade pessoal dos seus figurões e figurinhas, enquanto vereadores dilapidam centenas de milhares de cruzeiros em passeio ao Recife, enquanto afilhados da situação dominante são colocados em polpudas sinecuras sem nenhuma utilidade para o município.

O funcionalismo de todos os de-

partamentos municipais aderiu ao movimento, e as portas da municipalidade, bloqueadas pelas espôsas e filhos dos operários grevistas, foram cerradas. Nem mesmo o prefeito A. de Barros conseguiu ingressar na Prefeitura.

No momento em que encerramos os trabalhos desta edição, a cidade já não tem coleta de lixo, a água começa a desaparecer das torneiras, e o prefeito A. de Barros emite gritos de socorro aos Bancos, implorando o auxílio da economia privada para fazer o pagamento dos salários em atraso e pôr fim à greve, que já se considera plenamente vitoriosa.

Eis o melancólico final do melodrama político que nos está conduzindo ao caos social: o completo desprestígio da autoridade. E ainda há quem diga que o País vai às mil maravilhas, que tudo não passa de gritos histéricos de cassandras agoureyras...



O PROTESTO DAS MESTRAS
As professoras em greve, num movimento que empolgou a opinião mineira.

PICADEIRO

A REBELIÃO DE ARAGARÇAS

O BALANÇO final da rebelião de Aragarças ainda não pôde ser realizado, já que o inquérito policial-militar determinado pelo Ministro da Guerra não foi concluído. A julgar pelas declarações do Ministro da Justiça, Sr. Armando Falcão, o movimento parece não ter-se circunscrito às figuras já exiladas ou detidas, possuindo, ao contrário, profundas ramificações, especialmente nas áreas militares do Norte. Os comandos militares dessa região brasileira, entretanto, desmentem as afirmações do Ministro da Justiça, revelando à imprensa que desconhecem os fundamentos que teriam justificado as revelações do Sr. Armando Falcão. A Oposição atribui a atitude do Sr. Falcão a uma manobra situacionista, visando dar cobertura a perseguições projetadas contra militares e civis suspeitos.

Entretanto, os exilados na Argentina também fizeram declarações que parecem desmentir os receios do Ministro da Justiça, quando afirmaram que o objetivo do movimento se resumia em provocar um impacto entre as classes sociais mais atingidas pela crise econômica nacional e oferecer um pretexto para alertar as sensibilidades do País.

O major Teixeira Pinto, um dos exilados no País amigo, assim se expressou à reportagem:

— O nosso manifesto, lançado em Aragarças, não foi dirigido aos políticos, e sim ao povo. Ao povo que compra carne a 150 cruzeiros e feijão a 80. Aos que, revoltados, perguntam o que se deve fazer para remediar a situação. Nós respondemos a essa indagação com o nosso gesto. Nossa atitude foi como que um brado de alerta. Um grito dado para acordar a Nação. Uma resposta a essa pergunta dos que indagam: «O que fazer»?

REGISTRO

• O Senado Federal suspendeu a execução do Decreto 39.515, de 6 de Julho de 1956, por ter sido considerado inconstitucional pelo Supremo Tribunal Federal. Esse decreto é exatamente o que estabeleceu a contribuição adicional de 1% aos Institutos de Previdência, a título de custeio da assistência médica, cirúrgica e hospitalar. Essa assistência, consoante a decisão do mais alto tribunal do País, é obrigatória, independentemente da taxa adicional agora abolida em caráter definitivo.

• O Presidente do Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais informou que o nosso Estado já conta com 2.036.000 eleitores inscritos, acrescentando que, no momento, a nossa população alistável é de 2.600.000 cidadãos.

• Em sua recente conferência em Belo Horizonte, o cel. Idílio Sardenberg, Presidente da «Petrobrás», afirmou que a empresa estatal por ele dirigida deverá produzir, em 1960, pelo menos a metade de todo o petróleo consumido no Brasil.

• Repercutiu agradavelmente na Capital mineira o gesto do ministro Clóvis Salgado, promovendo a doação de 15 máquinas para impressão em «Braille» à Associação dos Ex-Alunos (Cegos) do Instituto São Rafael, que vem realizando uma obra notável de adaptação dos cegos mineiros aos cursos secundários e superiores, assim como às atividades econômicas.

• A Cia. Siderúrgica Belgo-Mineira elevou seu capital de 3 para 4 bilhões de cruzeiros, distribuindo, sem qualquer ônus para seus acionistas, uma ação ordinária de mil cruzeiros para cada grupo de três ações antigas.

• Até outubro de 1959, a produção nacional de veículos-motores havia atingido um total de 76.540 unidades, contra 57.615 até igual data do ano de 1958, e 31.426 em 1957. A produção relativa ao ano de 1959 representava 37.374 caminhões e ônibus, e 39.166 utilitários, perua jipes e carros de passageiros.

• Enganam-se os que pensam que o dólar de câmbio livre (mais de 200 cruzeiros) não influi no custo de vida, refletindo-se apenas no custeio do turismo. O câmbio livre é hoje a única via pela qual se podem pagar os fretes marítimos e seguros de todas as mercadorias importadas (cerca de 210 milhões de dólares por ano) e as remessas de lucro, dividendos e «royalties» para o exterior. Tudo isso, como é natural, tem de ser incorporado ao preço que o consumidor paga pelos produtos e serviços importados.

• O Banco Nacional de Minas Gerais está elevando seu capital social de 300 milhões para 1 bilhão de cruzeiros. Metade do aumento, isto é, 300 milhões, serão retirados das reservas constituídas e doados aos acionistas do Banco. Uma ação gratuita para cada ação antiga, sem nenhum ônus para os acionistas.

• Em sinal de protesto contra a alíquota de 1,5% fixada pela Prefeitura de Belo Horizonte, no seu novo Código Tributário, para os corretores de imóveis, decidiram estes não pagar os impostos municipais em 1960. Com esse novo Código Tributário, a Prefeitura da Capital mineira espera arrecadar este ano um e meio bilhão, isto é, 500 milhões a mais que em 1959.

• Os deputados Euro Arantes e Manuel Taveira (UDN) reclamaram, na Assembléia, contra a falta de resposta do governador Bias Fortes aos seus reiterados requerimentos de informações sobre o funcionalismo à disposição da Delegacia Fiscal do Tesouro de Minas, no Rio. Alegam que, para uma repartição que não comporta e não tem espaço para mais de 30 funcionários, consta do orçamento verbas para mais de 800 servidores.

• O deputado Carlos Luz (PSD-MG) definiu-se publicamente pela candidatura Jânio Quadros, acrescentando que considera o marechal Lott um candidato inconveniente porque representa a divisão dos brasileiros e, especialmente, das forças armadas. Revelou ainda o ex-presidente da República suas simpatias pela candidatura Magalhães Pinto à sucessão do governador Bias Fortes.

JÂNIO VOLTA E LOTT FIRMA-SE



Marechal Lott. Candidato do PSD (sem gaúchos) do PTB (cindo) e do PC (coeso).



Jânio Quadros. Decidido a acabar com a inflação e a recolocar o País dentro da ordem financeira.

COMO JA' ERA previsto, a candidatura do marechal Teixeira Lott foi consagrada na convenção pessedista por esmagadora maioria, havendo apenas uma defeção importante: a da seção gaúcha, num total de 56 convencionais que se espera venham a marchar com Jânio Quadros. As delegações do Amazonas e do Estado do Rio, embora solidárias com o marechal Lott, fizeram sentir que não aceitarão o pretendido acôrdo com o PTB, que deseja dar o vice-presidente na chapa do marechal Teixeira Lott. O pronunciamento dessas delegações contra o PTB logrou vários apartes de apoio e vibrantes manifestações de solidariedade, de modo tal que a convenção, ao contrário do que se esperava, nada decidiu quanto à vice-presidência, assunto que será objeto de nova reunião plenária dos delegados pessedistas de todo o País, após a convenção trabalhista que deverá reunir-se no Rio ainda em janeiro.

Em sua oração aos convencionais pessedistas, o marechal Lott confessou-se identificado com as diretrizes do partido, que ele considera «equidistante, ou quase equidistante da direita e da esquerda, olhando para os homens, os acontecimentos e os problemas com aquele senso de concórdia e compreensão, de simpatia e tolerância que é o senso próprio de toda a grande política».

Anunciou o seu propósito de solucionar o que ele considera o «inadiável problema da discriminação das rendas públicas» visando o fortalecimento financeiro dos Estados e Municípios. Manifestou a decisão de promover uma nova reforma eleitoral, com a finalidade de corrigir as falhas ainda existentes em nossa legislação e eliminar a influência corruptora do

dinheiro e do poder econômico nos pleitos futuros. Falou do seu firme propósito de prosseguir na obra de industrialização do País empreendida pelo presidente Juscelino Kubitschek, classificando-a de «obra monumental nos seus lineamentos e na sua projeção, obra tão numerosa e diversificada, abrangendo tantas categorias de realizações fundamentais, e ao mesmo tempo tão compacta e harmoniosa, que por si só bastaria a conferir ao nosso preclaro presidente a categoria dos grandes estadistas». Acrescentou que pretende ampliar essa obra de governo com um conjunto de «novos empreendimentos que venham a lançar em nosso País as bases de uma agricultura moderna, capaz de intensificar a nossa produção agro-pastoril sob todos os aspectos», reconhecendo o desnível que se tornou manifesto entre o nosso desenvolvimento industrial e o atraso de nossa agricultura.

Referiu-se o marechal Lott, ainda, aos nossos problemas educacionais em termos de «salvação nacional», como «o problema número um do País», no que, aliás, todos nós concordamos com ele em gênero, número e caso. Prometeu o candidato pessedista empregar-se a fundo na sua solução, dando lugar de relêvo, em sua política administrativa, às angustiantes exigências do ensino público, em todos os ciclos.

Finalmente, encerrou o ilustre marechal Teixeira Lott o enunciado de seu programa de governo, proclamando a sua decisão de colocar os demais problemas sociais brasileiros — saúde, assistência e previdência — no mesmo nível de interesse da educação.

* * *

A convenção nacional do PTB, que se reunirá no Rio ainda este mês, deverá homologar a candi-

datura do marechal Lott e, segundo tudo indica, fazer também a indicação do nome de João Goulart para com ele constituir a chapa da coligação PSD-PTB. A menos que o Congresso venha a aprovar o que nos parece bem difícil, a pretendida reforma da Lei Eleitoral para permitir a soma de legendas, hipótese em que o Sr. João Goulart viria a ser candidato trabalhista à presidência da República.

Os trabalhistas, entretanto, desta vez não estão apresentando a mesma coesão do pleito presidencial anterior, já que consideráveis núcleos estaduais pendem para o nome do Sr. Jânio Quadros, no Rio Grande do Sul, no Paraná e outras unidades do País.

Em compensação, o Marechal pode contar com a votação maciça dos comunistas, a julgar pelas reiteradas declarações do Sr. Luiz Carlos Prestes, renovadas agora, por ocasião de seu regresso de uma viagem à Rússia e à China.

* * *

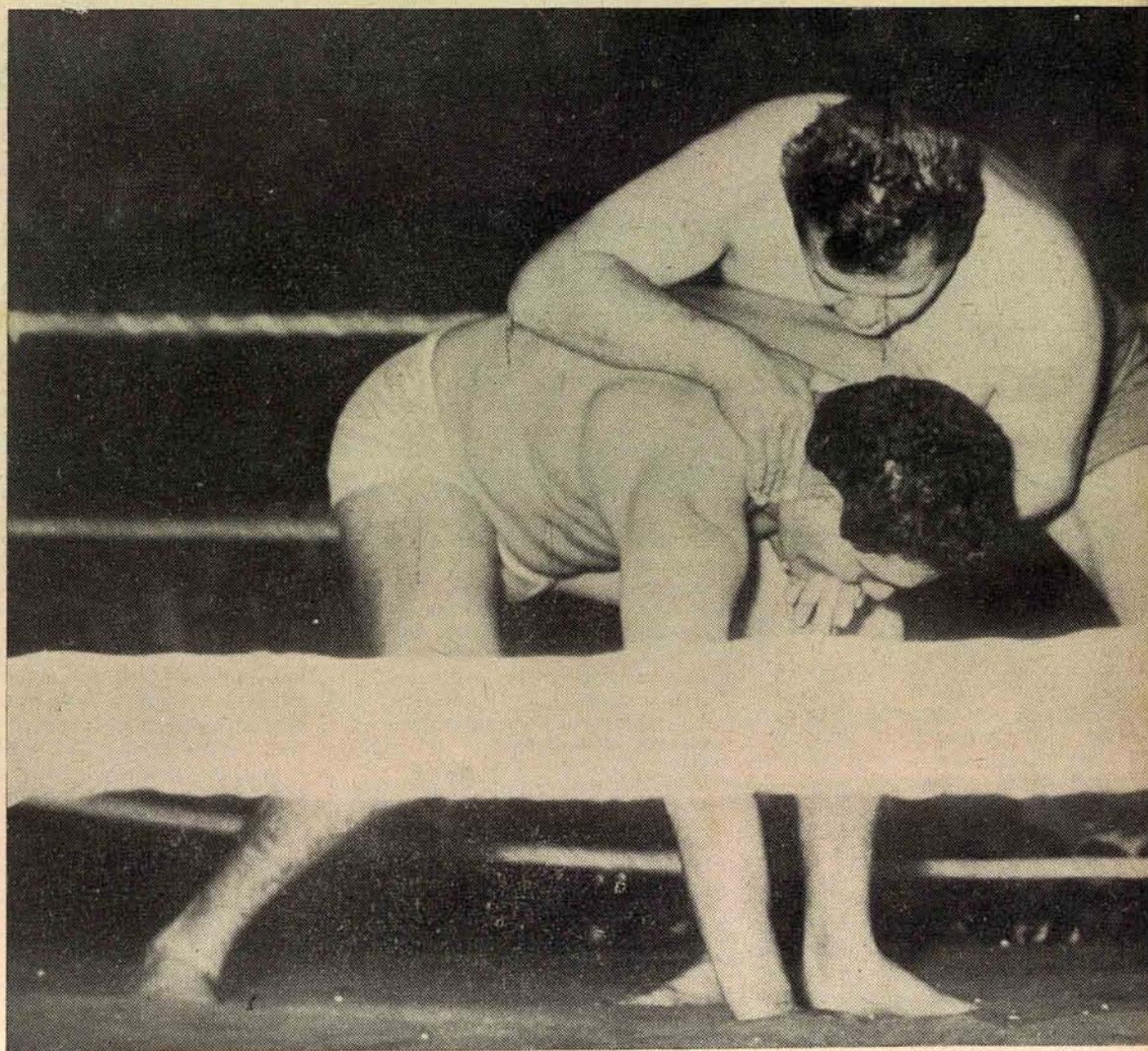
Enquanto isso, a Oposição re-encontra-se novamente com a candidatura Jânio Quadros, unindo-se UDN, PDC, PL, PTN e dissidências pessedistas e trabalhistas em torno do ex-governador bandeirante, cuja renúncia, como previmos em nossa edição anterior, foi retirada graças sobretudo à interferência do governador Carvalho Pinto. Foi constituído o Comité Interpartidário, que coordenará a sua campanha eleitoral, com sede no Rio, inaugurado há poucos dias com a presença do Candidato.

Agradecendo a manifestação que lhe foi tributada por todos os partidos e facções que apoiam o seu nome, Jânio pronunciou veemente discurso de combate à ação do atual Governo pelo delirio inflacionário que ele considera responsável «pelo empobrecimento cada vez maior do povo e o enriquecimento de alguns poucos privilegiados, que sempre engordam com a inflação». Acrescentou que o País precisa aprender a viver dentro do orçamento e que «é necessário olhar urgentemente para a agricultura e a pecuária» porque «não se pode quebrar o paralelismo entre a indústria e a agricultura, sob pena das mais graves consequências para a vida do povo e do País». Afirmou ainda o candidato das oposições nacionais que é a favor de «um desenvolvimento nacionalista, mas não xenófobo, porque o Brasil não pode ficar ilhado do resto do mundo».

Um Ex-Boxeur no Legislativo

DEMAGOGO para alguns, líder popular para muitos, o deputado petebista mineiro Waldomiro Lobo já se elegeu três vezes, sempre conseguindo aumentar o número de votos. Muito agitado e violento, ele faz questão de dizer que na Assembléia Legislativa vota «é com o povo», e para proceder assim (da melhor maneira) uma vez levou para a tribuna dois feixes de lenha, surpreendendo a todos. Seu objetivo: mostrar que o preço estava caro, e só os ricos podiam comprar lenha.

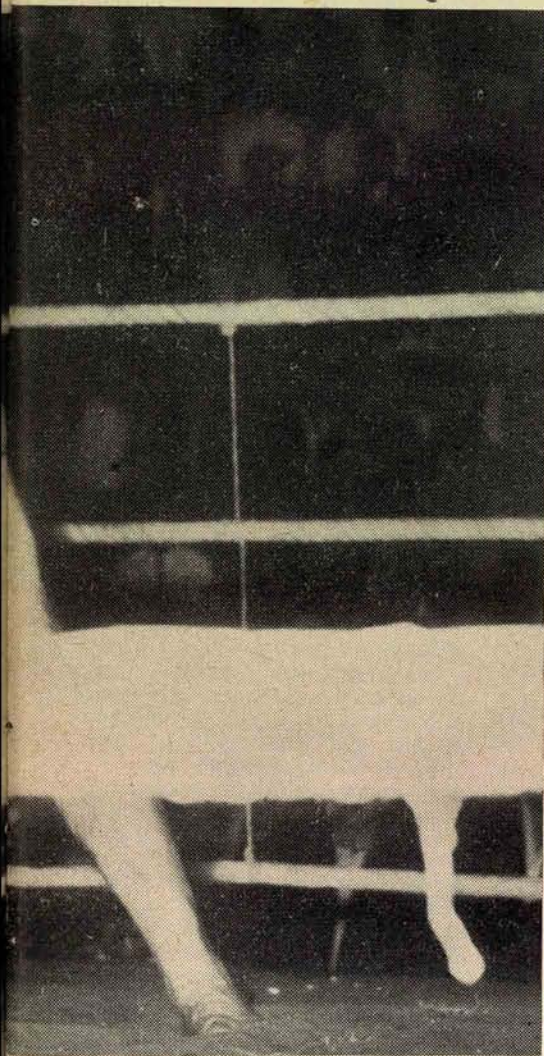
Ex-boxeur profissional, o deputado Waldomiro Lobo é um homem forte, mais alto do que baixo, capaz de sorrir e de fechar a cara com raiva de um seu inimigo político. Mas não guarda rancores, diz, e torna a dizer com ênfase. Tem bastante, também, de contraditório, embora ele mesmo não se dê por isso: ao mesmo tempo que aqui combate os que possuem tendências para ditador, ataca, como fez recentemente, um rival de uma ditadura: o General Humberto Delgado. Mesmo assim



Mineiro

Waldomiro Lobo se tornou conhecido como artista encarnando o personagem caipira «Chico Fulô» (foto) que ainda hoje é apresentado na Televisão Itacolomi, em Belo Horizonte, e que chama de «vedette» de minhas criações».

Por causa da luta livre contra «Waldemar, o Rei da Sujeira», de que vemos um aspecto, o deputado Waldomiro Lobo quase perde o mandato. Um seu colega, o udenista Milton Salles, julgou que o fato manchava o legislativo mineiro, e pediu, sem êxito, a cassação do mandato. A luta teve um objetivo: angariar fundos para a Fundação de Amparo ao Tuberculoso dirigida pelo parlamentar petebista.





UM EX-BOXEUR NO LEGISLATIVO MINEIRO

o deputado Waldomiro Lobo não é homem de acender uma vela a Deus e outra ao Diabo. E nunca será capaz de elogiar o aumento de qualquer gênero de primeira necessidade. E' coerente.

Gozando da confiança de um eleitorado que no último pleito lhe deu quase vinte mil votos, Waldomiro Lobo já teve que enfrentar duas lutas na Assembléia Legislativa. De uma feita o deputado pessedista Alvaro Salles chegou a sacar o revólver para ele, que da tribuna gritava: — «atire, atire». De outra foi o deputado udenista Milton Salles, agora suplente, que pediu a cassação de seu mandato. Mas o deputado Alvaro Salles não chegou a puxar o gatilho, e nem o deputado Milton Salles chegou a cassar-lhe o mandato. Por isso Waldomiro Lobo continua, caracterizando-se ainda por ser um partidário ardoroso da gravata borboleta, que chama de «mais cômoda», e afirmando sorridente:

— Estou satisfeito: cheguei onde queria e não quero mais nada na vida pública.

* * *

Expansivo, cheio de gestos, e quase sempre sorridente, o deputado Waldomiro Lobo, abre os braços e diz:

— Sempre estive em contato com as multidões...

Ele fala assim porque, além de deputado, é homem do rádio e da televisão, já foi do teatro e do box. Por causa de uma luta (não de box), mas uma luta «livre» quase perdeu o mandato: organizara em fins de 58 uma «temporada» para render fundos para a fundação, que tem o seu nome, de amparo ao tuberculoso pobre.

— O negócio estava dando prejuízo...

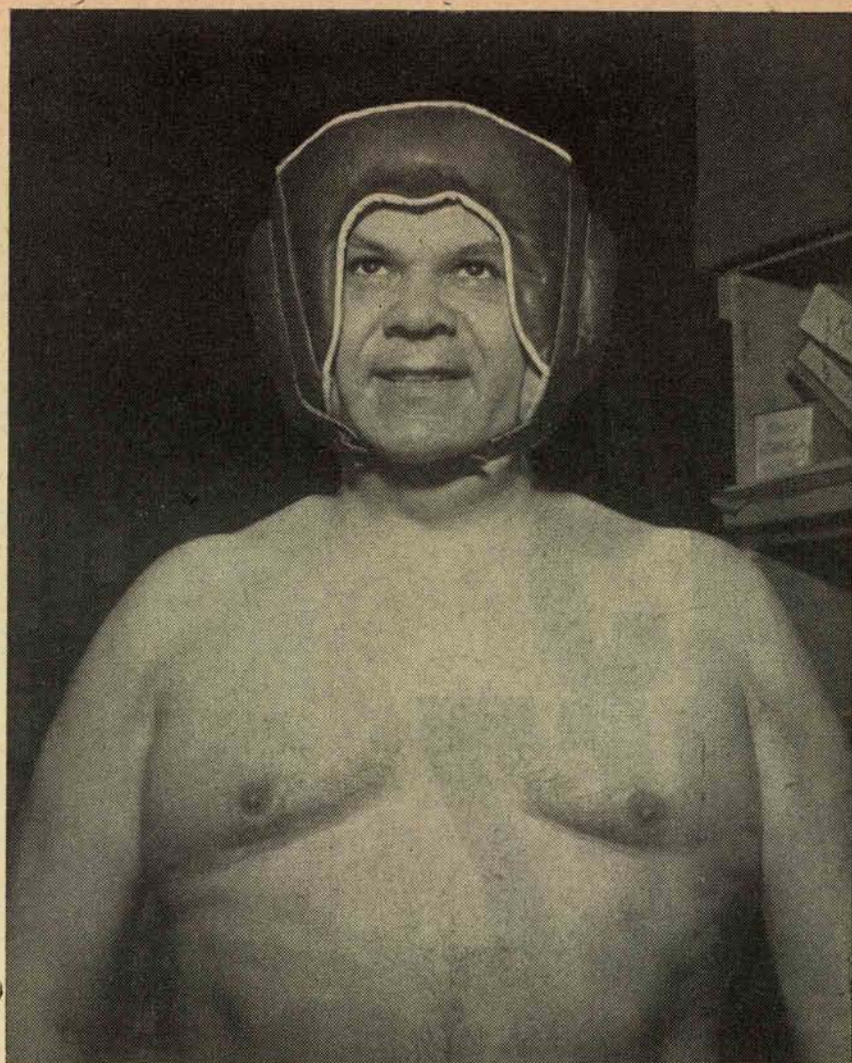
Aí o deputado Waldomiro Lobo resolveu entrar no «tablado»: foi um barulho. Os jornais belo-horizontinos deram manchetes, que diziam «deputado vai enfrentar o

←

Chamado por alguns de demagogo e tido por outros como líder popular, o deputado Waldomiro Lobo teve quase vinte mil votos no último pleito, e além disso recebe o carinho do povo em muitas ocasiões, como a da foto em que aparece carregado.

→

— «Já fui boxeur profissional», afirma o deputado Waldomiro contando que excursionou pelo País inteiro e esteve no estrangeiro realizando lutas. Diz que largou tudo porque não quis se sujeitar à imposição dos empresários que sempre queriam «marmeladas».



rei da sujeira». E o «rei da sujeira» é um lutador chamado Waldemar. Vendo isso, o deputado Milton Salles julgou que o Legislativo estava sendo manchado, desmoralizado, e prometeu pedir a cassação do mandato do Sr. Waldomiro Lobo, se a luta se concretizasse.

A curiosidade popular foi intensa. O deputado Waldomiro Lobo, diante de uma assistência nunca vista em lutas entre nós, venceu Waldemar, o «rei da sujeira». A luta se transferiu para a Assembleia Legislativa: o Sr. Milton Salles cumpriu a promessa, mas sem êxito, após um «entreviro» violento com o Sr. Waldomiro Lobo. Mas só houve troca de palavras. O objetivo do deputado Waldomiro Lobo, no entanto, estava conseguido: com a luta de que participou, pagou o prejuízo dado pelas anteriores, e arrecadou mais de Cr\$ 300 mil para a sua fundação, que protege o tuberculoso.

— Mas o deputado já lutou alguma vez? — perguntamos.

— Já, eu já fui boxeur... — e Waldomiro Lobo começa a falar de sua vida. Teve muitas profissões: começou como cozinheiro. Tinha onze anos, morava em Pinhal, São Paulo, filho de portugueses que era um pequeníssimo fazendeiro, e perdeu a mãe. Resolveu entrar pelo mundo. Foi parar no Paraná, cozinheiro de uma estrada de ferro em construção.

— Nos meus onze anos matei um homem... — revela.

Ele mesmo diz que em «legítima defesa», pois o tal homem lhe batera com um cabresto e depois voltara a agredi-lo. Levou um tiro e com onze anos, o agora deputado Waldomiro Lobo teve que fugir. Entrou para um circo, com a função de «forte» (homem que ajuda aos acrobatas). O ano de 1922 veio encontrá-lo em Minas, na cidade de Poços de Caldas. Chegara lá também um lu-

tador de box brasileiro, radicado nos Estados Unidos e com fama. Seu nome: Oseas de Freitas. Sem dinheiro, Oseas queria arranjar um rival. Difícil: ali ninguém sabia ou tinha coragem para enfrentá-lo.

Um popular sugeriu o nome de um rapaz de fora: Waldomiro Lobo. O lutador Oseas pôs-se a treiná-lo e combinaram uma luta feita à base da «marmelada». Mas o moço Waldomiro Lobo sentia remorsos antecipados. E tudo porque confiavam nele em Poços de Caldas. Resolveu dizer para Oseas:

— Vamos lutar pra valer: prefiro apanhar, mas não quero decepcionar os amigos, fazendo «marmelada»...

Lutou de verdade, e para surpresa, agüentou os dez «rounds». Por isso Joe Bonomo, o treinador de Oseas de Freitas, sugeriu que Waldomiro Lobo se tornasse profissional. Bonomo o treinou e o

(Continua na pag. 62)

WILSON FRADE

APRESENTA

AS DEZ MAIS

ELEGANTES
DE MINAS
GERAIS

FOTOS DE HUMBERTO CERRI

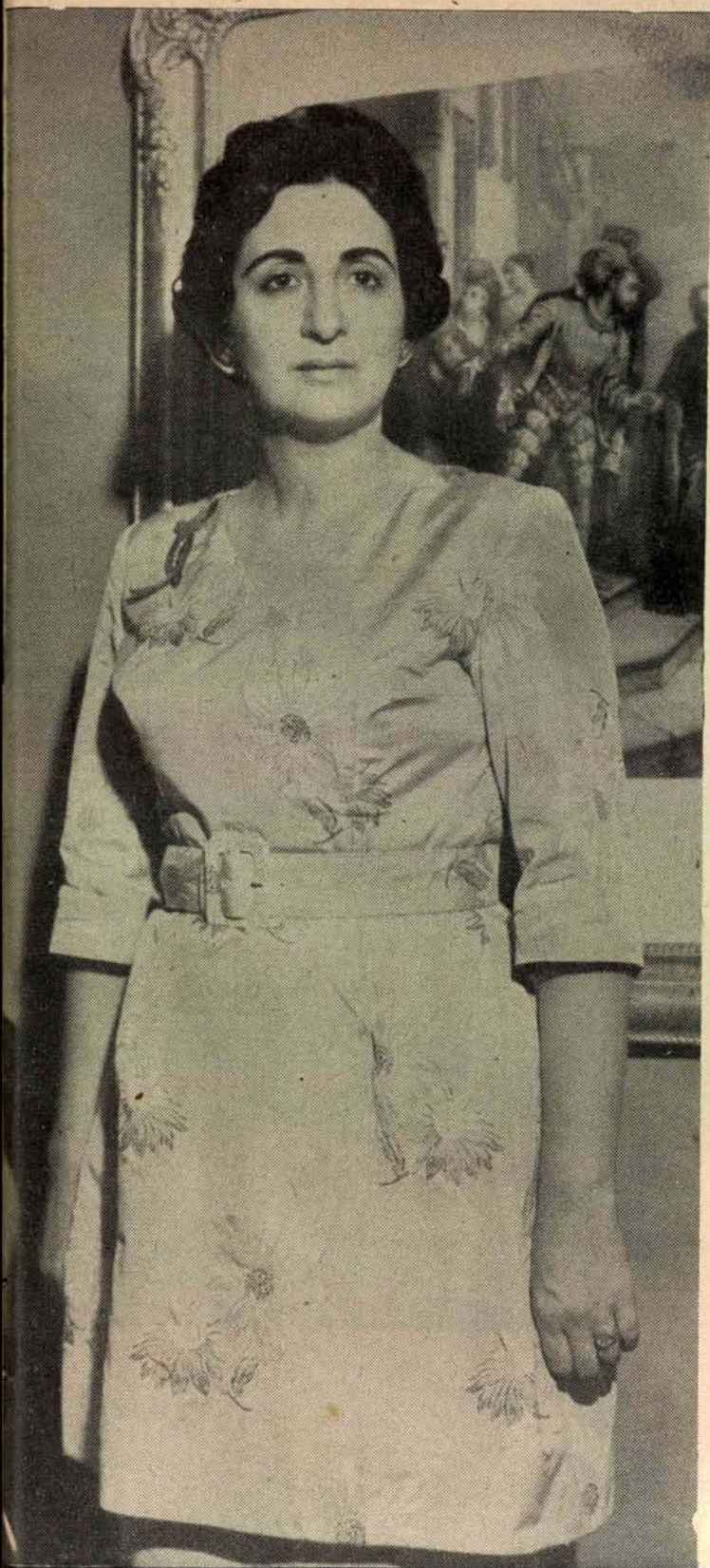
O CONCEITO DE ELEGÂNCIA, tem merecido, nesta fase intensa do colonismo social, uma série de interpretações. Na seleção de mulheres elegantes que anualmente se faz, esse conceito tem sido um só: a mulher que se veste bem. Ou, então, a mulher que se veste caro. Desta forma e baseado no critério que passou a orientar os colonistas e com raras exceções, somente a mulher rica estaria em condições de figurar nas listas que dominam as colunas de todos os jornais. Entretanto, não foi esse o critério que, nos anos anteriores, tomamos por base. E este ano avançamos mais ainda, nos distanciando do critério comum, para penetrarmos em um outro mais amplo, mais sério e menos fútil, sem fugir ao sentido exato da palavra, dado que a mulher para ser elegante não necessita prender-se aos rigores do figurino, muito embora sinta a discordância dessa imposição com o seu gosto e personalidade.

A mulher nasce elegante. De nada lhe valeria correr atrás das modistas ou comparecer a um «party» mesmo contrariada, contanto que fôsse notada. Às vezes, uma mulher é elegante sem se preocupar com as costureiras e sem estar atenta a todos os

MULHERES

convites. Dona Lúcia Machado de Almeida, por exemplo. O seu mundo são os livros. Só é realmente feliz quando está pesquisando as coisas históricas, ou, então, conversando informalmente sobre arte com alguém do seu gabarito intelectual. É a elegância associada à cultura. Quando em seus raros comparecimentos a uma recepção, domina, porque sabe o que vai conversar.

A lista que este ano lanço bem que poderia ter um outro título: — As Dez Mulheres que mais se destacaram no ano. Procurei situar cada uma em um diferente setor da vida social. Assim procedendo, creio ter dado a esse título «As Dez Mulheres Mais Elegantes de Minas Gerais», um sentido menos fútil e mais simpático. Procurei premiar, com este novo critério, aquelas que realmente se destacaram e que foram úteis à coletividade. Na lista que hoje lanço através de poderosa cadeia de jornais, revistas e emissoras de todo o Brasil, homenagem a beleza, a intelectualidade, a moça prendada, a «hostess», enfim, a mulher que não vive unicamente para o espelho e os figurinos.



A senhora Aloísio Aragão Vilar, em solteira Lígia Magon, foi a «patronesse» do ano. Com uma incrível capacidade de organização, esteve à frente de quase todos os grandes acontecimentos sociais-filantropicos, destacando-se sobretudo na preparação do Baile das Debutantes, a grande festa de 59. Com inteligência rápida, tirocínio e a indispensável calma para decidir, a senhora Magon Vilar, podemos afirmar, foi a chave do sucesso do baile, cuja renda foi até o momento a maior que se conseguiu de um acontecimento social, para uma instituição beneficente. Sua atuação no comando de qualquer empreendimento, é serena, elegante e simpática. Sua dedicação vai ao ponto de prejudicar seus afazeres domésticos, contanto que o acontecimento a que se propôs realizar, obtenha êxito integral. Pertence a uma família tradicional e em 57, sua irmã, a senhora Hilda Magon Moreira de Abreu, honrou esta lista com a sua presença. E' Presidente do Departamento Feminino do Centro Brasileiro de Cultura Italiana, ao qual deu impulso formidável. E' conselheira da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, sócia honorária da Associação de Pais e Amigos Excepcionais de Volta Redonda, da qual é uma das fundadoras, sócia das «Amigas da Cultura» e da Casa da Amizade, entidade que reúne as senhoras rotarianas. A presença da senhora Lígia Magon Vilar nesta lista é uma homenagem à mulher que elegeu a caridade como meta principal de suas atividades.



Senhora Alair Gonçalves Couto (Zilda Meireles). Em 58 foi apontada por Ibraim Sued como uma das Dez Mulheres mais Elegantes do Brasil. E, nesta lista, é a terceira vez que comparece. Mais do que a sua elegância, destacou-se este ano como a grande «anfitriã» de 59. Em sua bem decorada residência deu jantares e recepções, destacando-se aqueles em honra do Sr. e Sr. Roberto Marinho e dos cronistas Ibraim Sued e Jacinto de Thormes. Suas jóias são famosas em Minas e neste ano que hoje termina, a senhora Alair Couto se destacou em toda linha.

AS



DEZ MAIS

Senhora Eduardo Rinsler
— A loira senhora Brônia representa neste grupo a elegância da mulher européia. Nasceu na România e anualmente viaja para a Europa, onde passa o inverno esquiando nas montanhas da Suíça. Vive confortavelmente bem. Sua casa é das mais bonitas de Belo Horizonte e o bom gosto da senhora Rinsler pode ser notado em todos os seus detalhes. Forma, com seu marido, o rico industrial Eduardo, um dos pares simpáticos, bem freqüentados e esportivos da sociedade. Educa seus filhos Michel e Lívio, pelos métodos modernos e práticos adotados nos colégios europeus. Para isto, trouxe da Suíça uma governanta que com eles conversa em francês e italiano. Brônia participa pela primeira vez da lista das Dez Mulheres mais Elegantes de Minas Gerais.



A senhora Roberto Lobato, em solteira Jô Sousa Lima, é a mulher mais alta e jovem desta lista. Para muitos, é o rosto mais bonito da sociedade. Descende de tradicional família mineira, os Souza Lima, e aparece em nossa lista pela primeira vez. Extremamente bem educada, comparece regularmente aos grandes acontecimentos, ocasiões em que sua beleza e «charme» são notados. Sua residência é decorada com peças tradicionais de Minas, pois possui predileção especial por antiguidades. Foi uma das grandes «patronesses» de 59, inscrevendo seu nome nos principais acontecimentos sociais de sentido beneficente.



Senhora Mauro Roberto Mascarenhas Maleta, (Baby Burlamaqui). Em entrevista que dei ao «Jornal da Cidade» apontei esta senhora como a mulher mais «chic» de Minas Gerais. A notícia causou um certo alarme, como, aliás, acontece a tudo o que se aponta diretamente. Mas, a maioria concordou com a minha opinião. Baby é uma mulher muito natural. Além de tudo é bonita e de um ar «snob». Talvez seja esta a última vez que participa desta lista e é com pesar que anuncio esse fato. Está de mudança para o Rio, e, com sua partida, perderá a sociedade belo-horizontina uma de suas figuras mais destacadas.

AS DEZ MAIS



Senhora José Joaquim Carneiro de Mendonça (Sandra Rosa Rottoli). O ano passado fui buscar na Usina Esperança, onde reside em uma mansão antiga e decorada com peças raras e por isso mesmo valiosas do Brasil antigo, uma das senhoras mais fascinantes para figurar na lista que anualmente faço. A inclusão de seu nome foi muito bem aceita pela sociedade, que ganhou em Sandra uma das senhoras mais atuantes de 59. Mas, o motivo que me levou a trazê-la de volta a esta lista, não foram apenas o seu «chic» e o seu «charme». Foi sobretudo a sua destacada atuação na organização de um acontecimento artístico-social, que deu a Belo Horizonte uma posição simpática no cenário artístico brasileiro: a exposição de Arte Tradicional no Museu de Arte da Pampulha. Para o ano prestes a iniciar-se, Sandra tem programas sociais formidáveis. Vai inaugurar sua casa belo-horizontina, que está sendo construída com incontestável bom gosto.

Senhora Nelson Ferreira Pinto — As pessoas que me perguntam porque não renovo alguns nomes da minha lista costumo responder: — Porque o Pelé figurou nos anos passados no selecionado brasileiro e continua em forma, é justo tirá-lo do «time» este ano? A elegante senhora Clades Ferreira Pinto é um caso assim. Está sistematicamente em forma, e, se foi uma das mulheres mais elegantes do ano, necessariamente teve o lugar assegurado nesta lista. Foi a mulher mais convidada ao ano que hoje finda. E' elegante, inteligente e sua conversa fascinante domina em tôdas as rodas. E' a mulher mais glamorosa da sociedade. Está sempre rigorosamente bem vestida e neste 59 dedicou-se sobretudo ao trabalho de procurar, nas cidades históricas de Minas, peças antigas e tradicionais para a decoração de sua moderna residência.



Seleciono este ano a senhorita Mariângela Assis Figueiredo para representar nesta lista a moça «chic» e prendada do meu Estado. E tenho certeza de que esta participação alcançará muito boa repercussão na sociedade. Mariângela é a moça habilidosa que costumamos apreciar. Mantém, com sucesso, um curso de pintura em porcelana, com dezenas de alunas, selecionadas entre os melhores nomes da sociedade. Recentemente lançou outro curso, o de arranjos de flores artificiais, conquistando com êle, novo êxito e outro tanto de alunas, cujos trabalhos já foram apreciados em exposição que fez. Já teve uma «boutique», a «Gi-ki», e os primeiros desfiles de modas realizados em Belo Horizonte foram por ela organizados. Suas amigas ficam impressionadas com a ordem que ela observa em seu guarda-roupa. Com tôdas estas virtudes é o tipo da moça com quem um homem gostaria de casar-se.

Senhora Antônio Joaquim de Almeida (Lúcia Machado) — O «métier» intelectual de Minas Gerais, tem, na escritora Lúcia Machado de Almeida, sua representante máxima. Sua fama já transpôs as fronteiras do País, para tornar-se internacional. Sem preocupar-se sistematicamente com a moda, pois suas horas são tomadas pelo lar e pelos livros, é uma mulher elegante em todos os sentidos. Freqüenta pouco, mas, quando comparece domina pela sua inteligência. Tem sua conversa disputada pois é antes de tudo, uma mulher culta. Ficar-lhe-ia bem o título de a «hostess» de Minas Gerais. Tôda figura importante que nos visita, seja do mundo intelectual ou não, traz carta de apresentação para o casal Joaquim de Almeida, que desempenha a tarefa de assistir os visitantes com a satisfação de estar servindo às artes e às letras de seu Estado. Lúcia e Antônio Joaquim se completam porque são dotados da mesma afinidade intelectual. Dedicou-se sobretudo à literatura para crianças, sendo, neste setor, uma das escritoras mais lidas do Brasil. De sua bagagem literária se destacam: «Atíria, a Borboleta»; «Viagens de Marco Polo», «Escaravelho do Diabo», «Passeio a Sabará», «Passeio a Diamantina». E' ainda a única vovó desta lista.



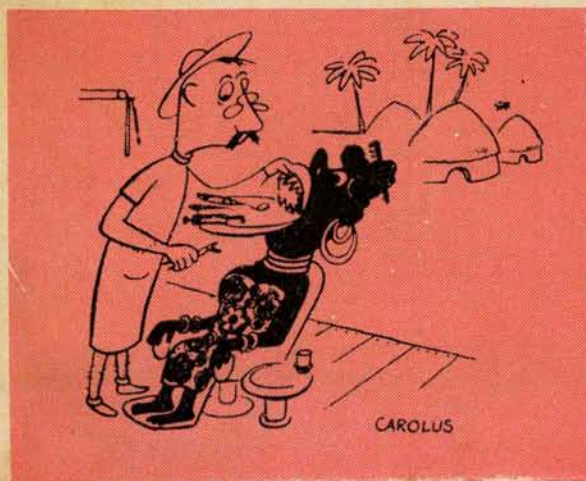


Senhora Sílvia Coelho Cunha Campos (Zizinha Prata Tibery) — Uberaba comparece pela terceira vez consecutiva na lista das Dez Mulheres mais Elegantes de Minas Gerais, desta vez para representar o «chic» da mulher do interior do Estado. A escolha recaiu na elegante senhora Sílvia Coelho Cunha Campos, que desce de uma das famílias tradicionais do Triângulo Mineiro. Sua presença nesta lista se faz de uma forma original, que bem revela a justiça da escolha. Um Júri formado de 12 senhoras da sociedade uberabense apontou-a e é com este título que comparece entre as Dez Mulheres mais Elegantes de Minas Gerais. Sua maneira sóbria de vestir-se simboliza muito bem a elegância tradicional da mulher mineira.





Quitandinha



PROBLEMAS

E aquele pintor tão célebre quanto arruinado, foi procurar o psicanalista.

— Confio no senhor, doutor — disse, em tom humilde — porque são muitos os problemas que me afligem.

— Coragem, coragem — replicou jovialmente o facultativo. — Quem de nós não tem os seus pequenos ou grandes problemas? A propósito, se não lhe desagrada, devo dizer-lhe que recebo sempre adiantado dos meus clientes.

Ainda que meio espantado, o pintor não viu outro jeito senão tirar o dinheiro e pagar.

— Muito bem — disse alegremente o psicanalista. — Um dos meus problemas está resolvido. Agora, vejamos o que se pode fazer com os seus.

Garotos e Garôtas



A professora instruiu os seus alunos na confecção de cartões para o «Dia das Mães», aconselhando-os a escrever um versículo bíblico como «Honra a teu pai e a tua mãe», por exemplo, em cada um. Ao correr os trabalhos, encontrou um onde se lia: «Para a minha querida mamãe, um feliz «Dia das Mães»; e no verso, com enormes letras azuis: «Não adulterarás».

— Papai — disse o garôto ao pai que lia o jornal — o senhor é capaz de assinar o seu nome, sem olhar para o papel?

— E? claro, meu filho — respondeu o pai, sorrindo. — Acho que não terei dificuldades.

— Então — apressou-se o garôto — assine o meu boletim, sim?

Depois de ouvir, sem entender, a linguagem complicada do irmãozinho de um ano, a menina de quatro virou-se, muito séria, para a mãe e disse:

— Oh mamãe, como eu gostaria de ser bem pequenina! Assim eu podia entender tudo o que o maninho fala.

Pai e filho (8 anos) conversam na sala de estar, enquanto esperam a hora do jantar. De repente, ouve-se um barulhão tremendo de louça quebrada.

— Aposto como foi a mamãe — diz logo o garôto.

— Mas, por quê? — pergunta-lhe o pai, intrigado.

E o menino:

— Porque ainda não a ouvimos gritar com a empregada, uai!



OS PARALELEPÍPEDOS — ESCREVEU O MENININHO, NA ESCOLA — SÃO ANIMAIS QUE POSSUEM OS PÉS PARALELOS.

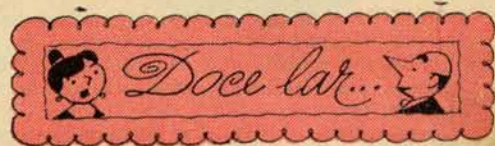
PIADINHAS SEM SAL

— Por acaso o senhor tem arroz bravo aí? — perguntou um freguês ao empregado do restaurante.
— No momento não — respondeu o homem — mas podemos tomar um pouco dele domesticado e irritá-lo para o senhor...

Quando a cliente telefonou ao dentista perguntando o que fazer com aquele bôlo de algodão que já estava em sua boca havia duas horas, o homenzinho lembrou-se de sua negligência, mas não querendo dar o braço a torcer, respondeu-lhe:
— A senhorita deve conservá-lo na boca por mais 20 minutos, sim?

Um antropófago tomou o avião pela primeira vez. Quando a aero-moça lhe apresentou o cardápio, ele o olhou com atenção, fez um trejeito e disse:
— Para lhe ser franco, nada do que está aqui me agrada. Mas, por favor, dê-me a lista dos passageiros, sim?

No desfile, chega a vez dos soldados e o pai pergunta ao Toninho?
— Você sabe quem são estes?
A resposta:
— Sei, sim; são os primos da nossa empregada.



— Benedita — disse à criada aquele rico industrial, que vivia em constante atrito com a esposa — será que você tinha necessidade de dizer à minha mulher a que horas cheguei em casa esta noite?

— Mas eu não disse hora nenhuma — protestou a empregada, explicando: — Assim que a patroa me perguntou, disse-lhe apenas que não pude olhar o relógio, porque senão o leite e o café iam entornar no fogo...

— A vida com meu marido — disse uma senhora à amiga — está ficando absolutamente impossível! Não fazemos outra coisa senão discutir! Basta dizer que, em um mês, já perdi dois quilos!...

— Coitadinha — disse, penalizada, a amiga. — Acho que você deve desquitar-se imediatamente.

— Oh, não! Agora não! — apressou-se a queixosa. — Primeiro preciso perder pelo menos uns dez...

Como aquele genro estivesse cansado de ver a sogra trocar todos os presentes que ele lhe dava, sempre alegando um defeito, resolveu dar-lhe algo que não lhe possibilitasse troca: ofereceu-lhe um cartão de crédito na melhor loja da cidade, no valor de 2 mil cruzeiros.

No dia seguinte, a mãe de sua cara-metade trocou-o por dois de mil.

NADA DE COMPLICAÇÃO

Dois ricos industriais conversavam num café, quando entrou uma bonita loura, a quem um deles cumprimentou todo gentil.

— Que maravilha! — exclamou o outro. — Quem é ela?

— Não diga nada à minha mulher — disse o primeiro — mas esta é a moça que contratei para secretária.

— Ela é uma estenógrafa eficiente?

— Bem, quanto a isto ainda não sei, mas por que já vem você criando dificuldades?

CRIANÇAS

COMO EVITAR QUE A CRIANÇA CHEGUE ATRASADA À ESCOLA



CRIANÇAS há que habitualmente chegam atrasadas à escola, trazendo aborrecimento para os seus pais, para as professoras e prejuízos para si próprias. E nota-se que esse fato se verifica com mais frequência entre as crianças ao redor de 12 anos. Contudo, dada a compreensão de que já são dotadas as crianças, nessa idade, a solução para o problema dessa natureza não deixa de ser fácil, bastando para o seu bom êxito, apenas um pouco de fibra, da parte dos pais.

Uma das boas medidas a serem tomadas nesse sentido seria pedir à escola que punisse o retardatário, de modo a que ele se esforçasse por chegar sempre à hora certa. Acontece, entretanto, que, de um modo geral, são inúmeros os problemas com que as nossas escolas já se vêem às voltas, e o ideal seria não apoquentá-las com mais este. Há casos em que a criança vai para a escola em ônibus especial, que nunca se atrasa. Neste caso, o problema do atraso pertence exclusivamente ao lar. E aqui está um plano que, se pôsto em prática direitinho, dará um resultado realmente satisfatório. Se o seu filho costuma chegar atrasado à escola, porque leva um ano para vestir-se, arrumar os objetos na pasta, etc., comece por preveni-lo, na noite anterior, que deverá estar pronto à hora certa na manhã seguinte, sem que ninguém o ajude a aprontar-se e sem que lhe digam que se apresse. Prometa mesmo pagar-lhe uns dez cruzeiros, por exemplo, cada vez que alguém lhe disser — «Ande depressa».

Feito isso, diga-lhe que, se à hora aprazada, ele não estiver pronto, não irá à escola nesse dia. Deverá ficar em casa, sentado, durante todo o tempo em que deveria estar na aula, sem livros, sem brinquedos, sem rádio ou televisão e sem nem ao menos gesticular. Terá apenas um descanso de dez minutos no fim de cada período de cinquenta.

A mãe que possuir energia bastante e não deixar de cumprir nenhuma dessas promessas pode ter a certeza que a dose não terá de ser repetida. A criança começará a aprontar-se à noite, colocará em ordem os objetos de que terá necessidade no dia seguinte, preparará os exercícios e se habituará a chegar à hora certa não só à escola, mas a todos os lugares aos quais deverá ir em horas marcadas.

As noções de responsabilidade e o senso do cumprimento do dever são adquiridos justamente com essas pequeninas coisas e, sem dúvida alguma, é uma valiosa aquisição, que acompanhará a criança por toda a vida. — Dr. Garry C. Myers.

Cartas

Conclusão da pag. 5

lidade. Só homens da estirpe de Jânio Quadros e Fernando Ferrari poderão dar ao Brasil uma fase de recuperação, acabando com o roubo e a corrupção.

Finalmente, tenho a satisfação de comunicar que esta cidade de Cruz Alta foi uma das pioneiras na campanha cívica pró eleição do Sr. Jânio Quadros à Presidência, fundando o Comitê Central Apartidário, de cuja direção tenho a honra de ser membro.

DARCY SHULTZ —
CRUZ ALTA — RS

PARA o governo de Minas Gerais aponto o nome de Magalhães Pinto, pela sua identidade com os princípios de homens da estirpe do atual governador dos paulistas. Para o Brasil, a única solução e a derradeira esperança é Jânio da Silva Quadros.

JOÃO DUARTE —
LUCÉLIA — SP

SINTO que o País está mergulhado em plena anarquia, navegando em águas revoltas, qual barco desgovernado e desprovido de um timoneiro que possa levá-lo a porto de salvação. Por isso, precisamos mudar completamente o rumo, caminhando para a candidatura Jânio Quadros, a nossa única esperança de melhores dias.

MARIA DE LOURDES SANTOS —
BELO HORIZONTE

SO' quem é cego, ou não quer ver um palmo diante do nariz, será capaz de dar seu voto em favor dos homens que estão desgraçando o nosso Estado, levando-o às portas da falência. Precisamos de homens da envergadura moral de Magalhães Pinto, para a chefia de nosso Governo. Um bom vice poderia ser encontrado na pessoa de Ribeiro Pena, homem de bem e suficientemente experimentado na administração, que poderia levar para Magalhães Pinto o que de melhor existe na coletividade pessedista do Estado.

No plano federal, acompanho Jânio Quadros, o único brasileiro que possui a «maluquice» admirável de acreditar que a honra que pretende mesmo restitui-la, da administração nacional. E que pretende mesmo restitui-la, a poder de vassouradas.

CLAUDIONOR V. DA CUNHA —
DIVINÓPOLIS — MG



Fonte Viva:

Regosijemo-nos Sempre

"Regozijai-vos sempre" — Paulo
(1 Tessalonicenses 5:16).

O TEXTO evangélico não nos exorta ao júbilo somente nos dias em que nos sentimos pessoalmente felizes. Assevera com simplicidade — «regozijai-vos sempre».

Nada existe no mundo que não possa transformar-se em respeitável motivo de trabalho, alegria e santificação. E a própria Natureza, cada dia, exhibe expressivos ensinamentos nesse particular.

Depois da tempestade que arranca raízes, mutila árvores, destrói ninhos e enlameia estradas, a sementeira reaparece, o tronco deita vergôntes novas, as aves refazem os lares suspensos e o caminho se coroa de sol. Sômente o homem, herói da inteligência, guarda consigo a carantonha do pessimismo, por tempo indeterminado, qual se fôra gênio irado e desiludido, interessado em destruir o que lhe não pertence.

Ausência continuada de esperanças e de alegria na alma significa evolução deficitária. Por toda a parte, há convites à edificação e ao aprimoramento, desafiando-nos à ação no engrandecimento comum. Ninguém é tão infeliz que não possa produzir alguns pensamentos de bondade, nem tão pobre que não possa distribuir alguns sorrisos e boas palavras com os seus companheiros na luta cotidiana.

Tristeza de todo instante é ferrugem nas engrenagens da alma. Lamentação contumaz é ociosidade ou resistência destrutiva. E' necessário acordar o coração e atender dignamente à parte que nos compete no drama evolutivo da vida, sem ódio, sem queixa, sem desânimo.

A experiência é o que é. Nossos companheiros são o que são. Cada qual de nós recebe o quinhão de luta imprescindível ao aprendizado que devemos realizar. Ninguém está deserdado de oportunidade, em favor da sua melhoria.

A grande questão é obedecer a Deus, amando-o, e servir ao próximo de boa vontade. Quem solucionou semelhante problema, dentro de si mesmo, sabe que todas as criaturas e situações da senda são mensagens vivas em que podemos recolher as bênçãos do amor e da sabedoria, se aceitamos a lição que o Senhor nos oferece.

Nesse sentido, pois, não nos esqueçamos de que Paulo, o intímato batalhador do Evangelho, sob tormentas de preocupações encontrou recurso em si mesmo para dizer aos irmãos de luta: — «Regozijai-vos sempre». — (Do livro «Fonte Viva»).



PRAÇA RUI BARBOSA, 187

Enderêço Telegráfico: —

«ITATIAIA»

BELO HORIZONTE

Minas Gerais — Brasil

Telefones:

2-8440

2-9440

2-8840

2-8563

2-8565

2-5123



Perfuração de poços
tubulares profundos
para captação de
água subterrânea.

Podemos máquinas e
pessoal habilitado, espe-
cialmente treinado na Svenska
Diamantbergborrings A/B, de
Estocolmo, Suécia, para trabalhos
em qualquer ponto do país



CIA. T. JANÉR

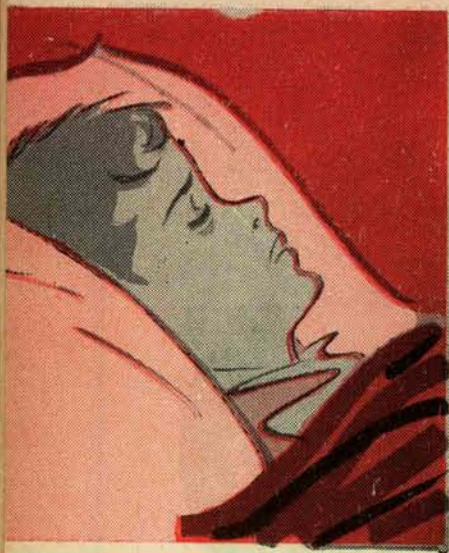
COMÉRCIO E
INDÚSTRIA

SEÇÃO DE ENGENHARIA "CRAELIUS"
Avenida Rio Branco, 85-12 - Tel: 23-5501 - Rio de Janeiro

Filial de Belo Horizonte

Rua Caetés, 1042 — Cx. Postal. 615

Fone: 4-0020



LUIS VILLA

Ilust. de Moura

De repente, seus olhos encheram-se de lágrimas e ela, silenciosamente como sempre, ajoelhou-se ao lado do marido que, a cabeça apoiada sobre as mãos cruzadas, soluçava baixinho: «Obrigado, meu Deus».

O BALÃOZINHO vermelho era uma pequena mancha no azul do céu lavado. Sentado sobre o muro alto que circundava o quintal, Alvinho abrigava-se do sol à sombra dos ramos da goiabeira que crescia rente ao paredão. As costas do menino apoiavam-se con-

Ao perceber que o balão caía, Alvinho abriu os olhos, seus músculos despertaram do entorpecimento, retezaram-se. Pôs-se de pé, e começou a correr ao longo do muro, num equilíbrio que o hábito tornava fácil.

Alvinho, os olhos fixos no pequeno ponto vermelho que risca-

O pai de Alvinho entrava no quarto do menino, arrastando os chinelos e coçando o corpo magro sob a camiseta de meia. Sentava-se na beirada da cama, punha a mão espalmada sobre o rosto ferido do filho. Levantava os óculos para a testa e olhava para a mu-

Uma Questão de Fé

tra o tronco liso da árvore.

Fazia calor. Um mornaço pesado envolvia tudo. O ciciar monótono de uma cigarra feria o ar límpido e parado. Alvinho, a cabeça pendida para trás, os olhos semicerrados, tinha os músculos entorpecidos, numa modorra que o dominava, poderosa.

Pela fresta das pálpebras, passou de repente, diante de seus olhos a pequena mancha vermelha, que subia. O menino seguiu-lhe a ascensão, sem abrir de todo os olhos. Aos poucos, o movimento ascensional do balãozinho foi-se fazendo lento, cada vez mais lento, até que cessou, completamente. Por alguns segundos ficou como que parado no ar, gôta de sangue incrustada no azul do céu. Mas logo começou a cair, num movimento irremediável de regresso à terra, de que pretendia evadir-se.

va o céu, corria célere, pelo muro longo. Mas o muro era velho. O limo e o musgo o haviam recoberto em diversos lugares. E Alvinho tinha os olhos pregados no balão. Seu pé falseou, de súbito, as pernas tremeram, todo seu corpo oscilou. O balão vermelho fugiu de suas vistas. Ele tombou no espaço, seu corpo bateu com força no solo duro do quintal. E o céu, tão azul, ficou, de repente, escuro, e escuro ficou tudo à sua roda.

☆

A mãe de Alvinho punha compressas de água fria na cabeça do menino, que escaldava. Fevereiro, inconsciência, dores em todo o corpo. Fratura na perna esquerda e em três costelas, além da grande ferida contusa na fronte. Dois dias e duas noites em luta sem tréguas contra a morte. O médico não dava esperanças.

lher, em silêncio. Ela abanava a cabeça.

☆

A noite, na sala de jantar, os pais de Alvinho discutiam, enquanto a empregada ficava olhando a criança, lá no quarto.

— Tenha fé, homem. Deus há de me escutar...

— Tem Deus nenhum, não, mulher. Trate de se agarrar é com o doutor. Você, com este negócio, acaba é matando o seu filho!

— Não diga uma coisa dessas, que Deus até castiga.

— Melhor que você vá cuidar do seu filho, que está sozinho com a criada. E largue de mão esse negócio de Deus curar alguém, que você vai acabar é matando o menino.

— Deus que lhe perdoe. Você não sabe o que diz...

E enquanto se afastava pelo corredor, ia repetindo:

— ... não sabe... não sabe...

☆
Naquela noite, ninguém dormiu. Alvinho teve tremores, batia queixo. Delirou.

Em volta do menino, os vultos espectrais da mãe, do pai e da empregada, uma negra que aleitara o avô de Alvinho. De vez em quando o pai se levantava e ia para a sala, fumar ou chorar escondido. A mãe chorava ali mesmo, baixinho, debruçada sobre o filho que sofria.

A madrugada veio surpreendê-los em vigília. Mas Alvinho melhorara um tanto, e o pai, à hora do costume, saiu para o trabalho.

☆
— Me dá água, mãe. A voz da criança era apenas um sópro, quase inaudível.

A mãe encheu meio copo de água da moringa, fresquinha. O médico visitara o doentinho pela manhã, receitara-lhe uns remédios, muito repouso e água fresca em abundância. Ordenara que lhe dessem dois banhos por dia, mantivessem a janela sempre aberta e o menino bem agasalhado. Voltaria no dia seguinte.

Alvinho tomou a água, estendeu os braços ao longo do corpo e adormeceu. Então a mãe voltou-se para a empregada e disse:

— Vamos rezar, minha filha. Vamos rezar de novo, que Deus acaba-nos ouvindo.

☆
O pai de Alvinho chegou mais cedo do trabalho. O menino piorara muito, nas duas últimas horas.

— Vá chamar o doutor, meu velho. Nosso filho está morrendo. E chame o Padre Custódio.

— E o que é que aquele urubu havia de vir fazer aqui dentro? Agourar o meu filho? Meu filho não vai morrer. Ele não vai morrer, coisíssima nenhuma, está ouvindo? E saiba que eu não que-



ro ouvir falar em padre nenhum aqui dentro da minha casa. Ele não vai morrer. Não vai morrer, ouviu bem?

— Ninguém quer agourar ninguém. Ele é tanto filho seu quanto meu. Mas ele vai morrer, sim, eu sei que ele vai morrer.

A velha começou a chorar, convulsa. O marido doeu-se, envolveu-a protetoramente com o braço e sentou-se com ela sobre o sofá da sala.

— Vamos, minha velha, acalme-se. Você está nervosa. E só isso: nervosa. Nosso filho vai ficar bom, você vai ver. Não chore assim, vamos.

Ela enxugou os olhos e olhou-o, suplicante:

— Então reze. Reze comigo. E' para o nosso filho. Vamos, reze comigo.

— Não adianta, meu bem. Eu não creio. Não adianta. Reze você. Eu vou chamar o médico.

☆
O Doutor Josias saiu do quarto de Alvinho e chamou os pais do menino. Pediu-lhes que fossem fortes, que se preparassem para o pior — todo um palavreado convencional. Por fim, disse tudo:

— Para falar a verdade, meus amigos, não creio... que passe desta noite.



A mãe do menino deixou a cabeça cair-lhe sobre o peito e começou a chorar, baixinho. O pai abraçou-a, fez-se forte, conteve o pranto, que lhe aflorava aos olhos. Mas ficou parado, sem dizer nada. O médico despediu-se e saiu, sem que nenhum dos dois se movesse.

Quando a porta se fechou atrás do médico, a mãe de Alvinho afastou-se do espóso e, silenciosa como uma sombra triste, caminhou até a parede, onde um Cristo estava pregado à cruz, e ajoelhou-se, lentamente, a Seus pés.

— Senhor, que as lágrimas e o sangue que eu derramei por esta criança sejam resgate bastante para os pecados em que a sua pequena alma inocente possa estar mergulhada. Mas, se não bastarem, Senhor, leva-me a mim, e deixa a meu pobre filho a ventura de sofrer, neste mundo, por amor de Ti. Em todo caso, Senhor, se é Tua vontade que, apesar de tudo, ele vá ao Teu encontro, então, Senhor, que a Tua vontade se cumpra sobre a terra. Amém.

Ergueu-se, silenciosa como viera, e desapareceu no corredor.

☆

As horas arrastaram-se, cruéis, naquela noite de pesadelo. Os velhos tinham os olhos fitos no pequeno corpo estendido sobre a cama. Quase pela madrugada, o menino abriu os olhos. Pela primeira vez, em doze horas, fez um gesto em direção ao vulto curvado da mãe, e, entreabrindo a boca, sussurrou:

— Mãe, me dá água.

A velha ergueu-se, encheu-lhe o copo, os olhos ardendo no pranto que a inundava. Seu filho movia-se, falava. Seu filho vivia, novamente. Curvou-se sobre o pequeno, beijou-lhe o rosto, molhando-o com suas lágrimas. «Graças, meu Deus, por me haveres ouvido». Ergueu-se e caminhou para



a sala, onde o Cristo tinha os braços abertos, pregado à Sua cruz.

Ao chegar à porta, estacou. De repente, seus olhos encheram-se de lágrimas, e ela, silenciosamente como sempre, ajoelhou-se ao lado do marido que, a cabeça apoiada sobre as mãos cruzadas, soluçava baixinho:

— Obrigado, meu Deus... Obrigado.

E ela, tocada subitamente por aquelas duas graças, de que era cumulada, a um só tempo, repetiu, baixinho:

— Obrigada... Obrigada.

☆☆☆

ADMOESTAÇÃO CELESTIAL

Procurando estar a par de tudo o que se passava em sua casa, enquanto estava fora, no exercício de sua profissão, um veterinário instalou um serviço de comunicações entre seu carro e sua casa. Alguns dias depois, estava ele atarefado com um "paciente", num local distante de sua residência, quando recebeu um comunicado de sua esposa, dizendo-lhe que seu filhinho de quatro anos tinha subido no telhado, por meio de uma escada, e não havia santo que o fizesse descer. Depois de pensar um momento, o veterinário instruiu a esposa para virar o receptor em direção ao alto e, com voz pausada, soprou no microfone: "Jônatas desça deste teto!"

De orelhas em pé, a esposa aguardou o resultado e não demorou muito para que o menino aparecesse na porta, com uma expressão de medo estampada no rostinho redondo.

— Mamãe — disse ele — Deus acabou de me dizer para descer do telhado!

JOÃO XXIII E OS CASAMENTOS

Pouco antes de partir para suas férias no campo, o Sumo Pontífice recebeu a visita de uma alta personalidade que fez questão de apresentar-lhe sua filha em companhia do noivo. O visitante, um expoente católico, solicitou a bênção pontifícia para o casal, prestes a realizar as suas núpcias, demonstrando claramente o desejo da aprovação do Santo Padre para o enlace.

Depois do colóquio com os visitantes, João XXIII manifestou a intenção de não conceder mais audiências desse gênero e, desabafando-se com o seu camareiro, monsenhor Mario Nasalli Rocca, disse: «A história iniciou-se com Paola Ruffo e Alberto, da Bélgica, por ocasião do seu famoso casamento. Agora aparecem líderes das várias correntes cristãs, que não se contentam em receber apenas a bênção, mas desejam uma espécie de consentimento pontifício. Neste caso, eu correria o risco de assumir a responsabilidade sobre os eventuais casamentos falhos».

☆☆☆

FELICIDADE PARA A BIRMÂNIA

De uns tempos para cá a Birmânia está vendo o seu futuro sob róseas perspectivas, já que foi encontrado no norte do País um elefante branco, que o povo está venerando como símbolo da paz e da prosperidade. A espécie é raríssima, pois o último exemplar encontrado naquela região apareceu no longínquo 1885.

A notícia provocou no País uma onda de entusiasmo e o elefante foi enviado diretamente para Rangoon, a Capital, onde o povo preparou a mais festiva recepção ao «portador da paz». O animal será tratado com todas as honras, e terá a seu serviço uma pequena corte, encarregada exclusivamente de não lhe deixar faltar coisa alguma. Se o elefante braco morrer na prisão, em consequência de causas não naturais, o fato será recebido pelo povo como prenúncio de grandes infortúnios para o País.

Trio maravilhoso...

...água de colônia, sabonete e talco Regina!
Três produtos distintos e de qualidades idênticas.
Perfume típico e inconfundível...
Pureza absoluta... Adorável frescor...
Eis algumas características do Trio Maravilhoso Regina.



Formosa jóia de arquitetura gótica, a Catedral da cidade de Colônia, simboliza a antiga Köln, onde Paolo de Feminis, no ano de 1690, inventou a fórmula da "Água della Regina", depois conhecida e admirada em todo o mundo com o nome de Água de Colônia. A Água de Colônia Regina, de suave e típica fragrância, é detentora, em nossos dias, da célebre fórmula original.

Os elementos de que se compõe a Água de Colônia são básicas também na fabricação do Sabonete e do Talco Regina, formando assim o Trio Maravilhoso Regina.

* ÁGUA DE COLÔNIA * SABONETE * TALCO

Regina

A VENDA EM TODO O BRASIL



a túnica no foco da *moda*

PARIS (Via Panair) — A túnica é, atualmente, o «leit-motiv» da moda parisiense, interpretado, aliás, de um modo diferente pelos grandes costureiros, e aparecendo, em cada coleção, em inúmeras variantes.

A túnica de Christian Dior lembra um tanto as saias arregaçadas das «varinas» de Lisboa. A de Pierre Cardin tem forma de sino e afasta-se da silhueta do corpo. A túnica de Guy Laroche assemelha-se, às

vêzes, a uma casula ou a um hábito de monje dominicano.

Túnicas curtas, túnicas compridas, túnicas

de meio comprimento, acabando nas cadeiras, na coxa, pouco acima ou abaixo do joelho,

uns centímetros mais curtas do que a saia ou do mesmo comprimento. Túnicas retas, franzidas na cintura, bombeadas, esvoaçantes, fendidas dos lados, decotadas ou subindo rente ao pescoço: não há variedade que não tivesse sido explorada por um ou outro modelista.

A dificuldade da escolha impõe, antes de mais nada, um exame severo dos próprios defeitos: a túnica pode escondê-los ou revelá-los. O equilíbrio das proporções entre corpo e vestido é o segredo supremo de todas as elegâncias.

OLGA OBRY



A túnica de Pierre Cardin tem forma de sino: aqui ela aparece num *tailleur de cocktail*, em lamê brocado de padrão em estilo japonês, nos tons bege, verde e marrom.

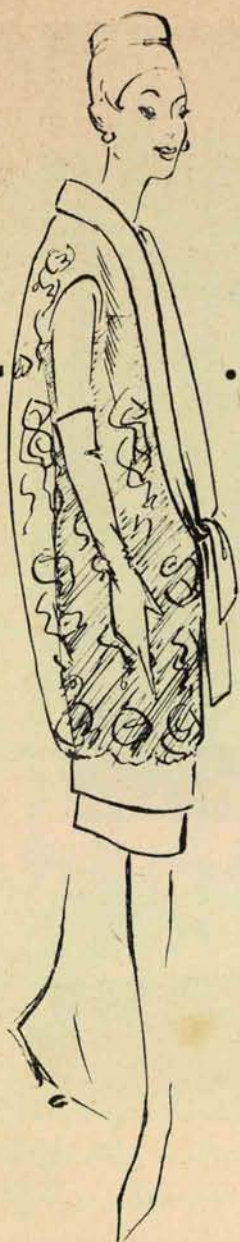
A TÚNICA NO FOCO DA MODA



Conjunto de saia e túnica comprida, abotoada dos lados e presa atrás por um meio cinto. Modelo de Guy Laroche em lã cinzenta.



Vestido de Guy Laroche com túnica tipo casula, presa na frente por um cinto enfiado nas costas. Este modelo, em lã bege, poderia ser também executado em tela de linho.

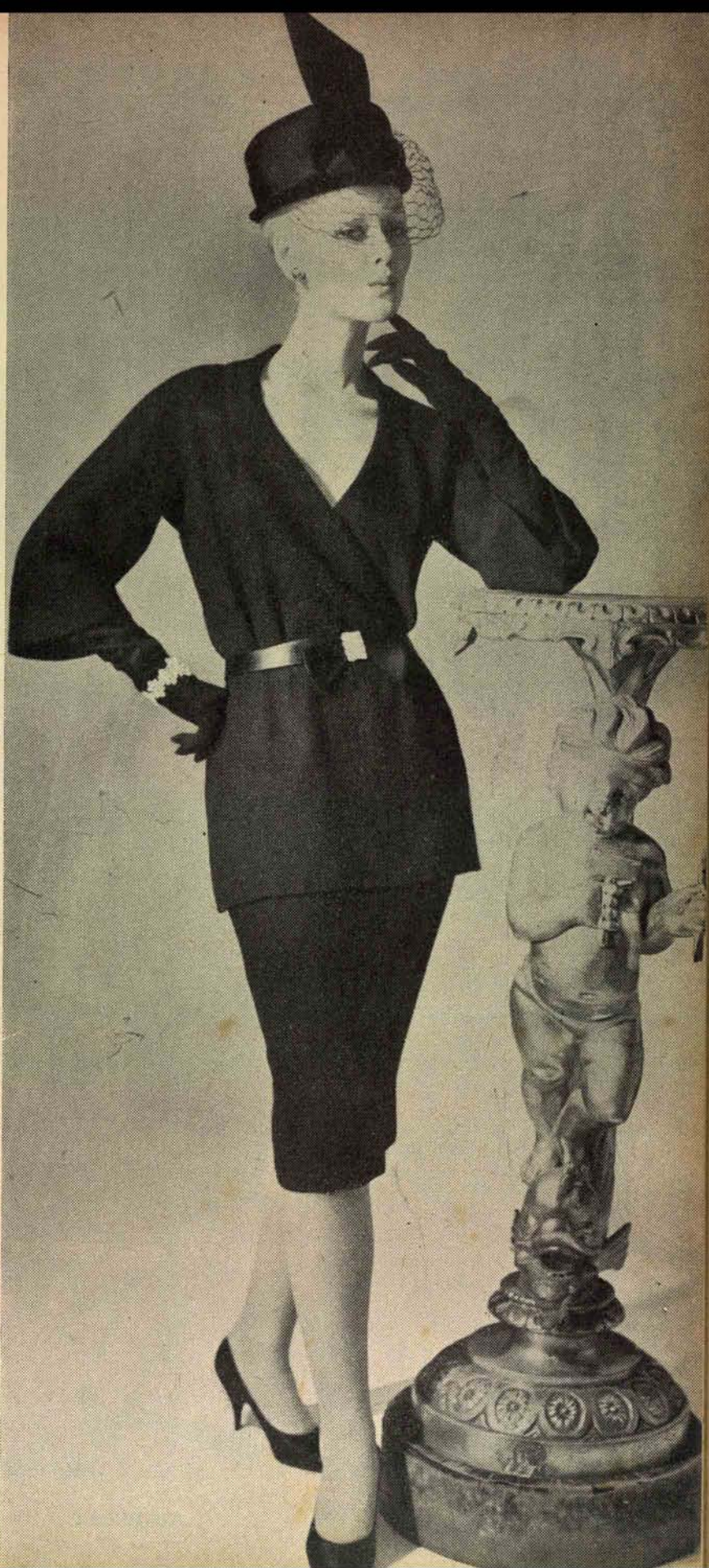


Modêlo de cocktail de Guy Laroche: sobre um fôrro de veludo negro, túnica comprida, inteiramente bordada com missangas pretas, cuja gola-chale e beira inferior são de veludo negro também.



Duas peças de Maggy Rouff, em crepe preto, com túnica de meio-comprimento e cinto de couro negro afivelado por uma jóia de strass.

1 DE JANEIRO DE 1960







Vestido de jantar, curto, em «cigalina metalizada» e «cigalina preta», enfeitado com grande rosa côr-de-rosa pálida na ponta do decote em «V» e acima do cinto drapejado; a túnica comprida é presa em cima, nas costas, e aberta dos lados. Modelo de Jacques Heim.



«Escarabeu» chama-se este modelo de Lola Prusac, em lamê verde e ouro, tecido à mão, de saia comprida e túnica curta e franzida debaixo de um cinto largo, pespontado.

A TÚNICA NO FOCO DA MODA



Vestido de cocktail em crepe azul de Christian Dior, com saia arregaçada e amarrada acima do joelho, formando túnica bombeada.

CURIOSIDADES SÔBRE OS PEIXES



A RESPEITO dos peixes, sempre existem novidades que chamam a atenção do homem, pois, muitas vezes, são realmente fantásticas as coisas, praticadas por esses habitantes das águas.

A fêmea do peixe pode pôr até 28.000.000 de ovos em uma única desova, mas a possibilidade que estes ovos têm de se transformarem em peixes adultos é 1 para 14.000.000. Procurando diminuir essa percentagem tão rigorosa, a fêmea saltou fora d'água e deposita os ovos em plantas penduradas nas margens, ovos estes que são conservados molhados, pelo peixe-macho, que salpica água sobre eles, até que nasçam os filhotes.

No oeste da Índia, no norte da Austrália e em outras áreas, o povo usa, para caçar, um peixe o remora que possui um poderoso sugador bem no alto da cabeça. Os pescadores colocam um anel de cobre em volta da cauda do remora e amarram no anel uma linha fina, mas bem forte, soltando-o por entre as tartarugas. Imediatamente, o peixe liga-se à casca de uma delas, e então, os pescadores arrastam sua presa.

Os periopthalmos, encontrados nas águas tropicais, nadam uma longa distância e saltam sobre a superfície da água, atingindo uma altura de 30 centímetros ou mais, em cada salto. Esse dançarino do lodo, como é chamado, encontrando uma rocha ou uma acha, trepa por ela com as fortes barbatanas que possui no peito, para descansar ou dar uma olhadela ao seu redor. Enquanto isso o peixe-voador, típico das áreas quentes marítimas, pode deslizar em uma distância de mais de 360 metros e alcançar uma altura de mais de 10 metros acima do oceano.

O peixe-espinho masculino é um modelo de dedicação paternal, piscatoriamente falando. Depois de construir o seu ninho, com o máximo de cuidado, ele sai à procura de uma companheira, usando para atraí-la a sua coloração vermelha. Depois que ela entra, deposita os ovos e sai novamente, o peixe-espinho torna a sair em busca de outra, e assim, procede, repetidas vezes, até que o seu ninho esteja completamente cheio de ovos. Então, fica de guarda perto do ninho, durante cerca de três semanas, defendendo os futuros filhotes contra tudo e contra todos que se aproximam. Depois que os filhotes abandonam o ninho, o pai sai novamente à procura de outras companheiras e recomeça o seu ciclo, continuando assim por cerca de um ano, quando, finalmente, vem a morrer.

Um outro peixe fascinante é a sôlha africana, que, além das brânquias, possui uma bôlsa de ar que se converte em pulmão. Assim, se o rio onde vive secar, ele pode perfeitamente fixar residência em uma toca de coelho, permanecendo aí até que as chuvas resolvam a encher o rio novamente.

Existe um tipo de peixe, na Tailândia, que caça a sua presa fora da água, expelindo pela boca gotas d'água, com tanta força e possuindo tão certa pontaria, que atinge os insetos a uma grande distância, derrubando-os com o estouro de verdadeiras balas líquidas.

Muito interessante também é a enguia elétrica, cujo corpo, que atinge um comprimento de 30 metros, possui três séries de «baterias» naturais, produzindo eletricidade à vontade. O pólo positivo da bateria encontra-se na frente do corpo da enguia, enquanto que o negativo localiza-se na retaguarda. Além do intenso choque elétrico, com o qual mata as suas presas, a enguia possui duas outras extraordinárias faculdades. Primeira: é capaz de andar tão rapidamente para trás como o faz para frente; segunda: tem a habilidade de descobrir objetos situados a uma considerável distância, e na mais densa escuridão.

Os Mistérios do Nascimento

Durante muito tempo, as leis do milagre do nascimento ficaram totalmente desconhecidas. Foi somente no século XVII, depois que um médico inglês chamado William Harvey descobriu os processos da circulação, que começaram a ser lançadas as primeiras luzes sobre tão maravilhoso mistério. Mais tarde, Anton Van Leeuwenhoek difundiu o uso do microscópio e foi o primeiro a descobrir as células embrionárias.

Régner de Graaf, um sábio holandês, levou os seus conhecimentos ainda um pouco mais longe e foi assim, de descoberta em descoberta, que se pôde conhecer este milagre da natureza, sempre renovado nos múltiplos fenômenos necessários ao nascimento de um bebê.

☆☆☆

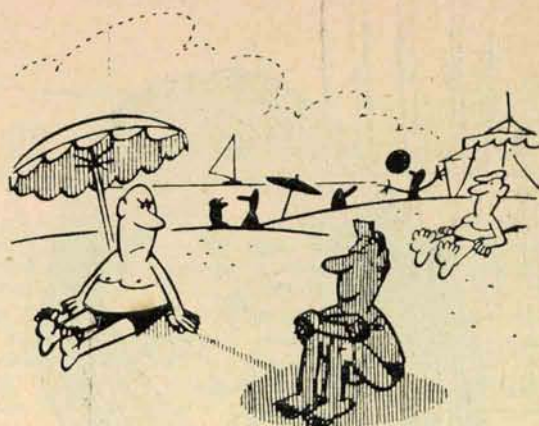
A Morte de Catilina

A batalha de Pistóia, na qual encontrou a morte Lucio Sergio Catilina, teve lugar no dia 5 de janeiro do ano 62 antes de Cristo. O pintor Alcide Segoni imortalizou a cena do encontro do corpo do grande conjurado em um quadro que se encontra na Galeria de Arte Moderna de Florença, Itália.

☆☆☆

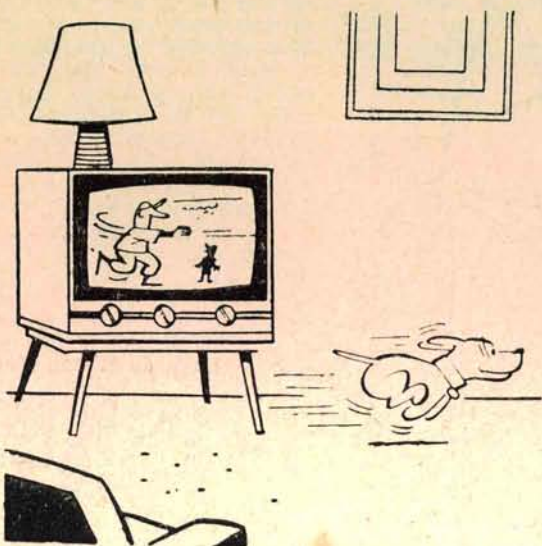
Juventude Literata

Não é verdade que os jovens de hoje sejam todos privados de interesses sérios e concretos. Em Nova Iorque, um instituto especializado em sondar as opiniões dos estudantes, realizou um inquérito do qual resultou que os jovens americanos lêem quatro vezes mais do que os seus genitores: e não é constituído de jornais escandalosos o material por eles procurado, mas de livros de conteúdo sadio — literatura e ciência.



humor

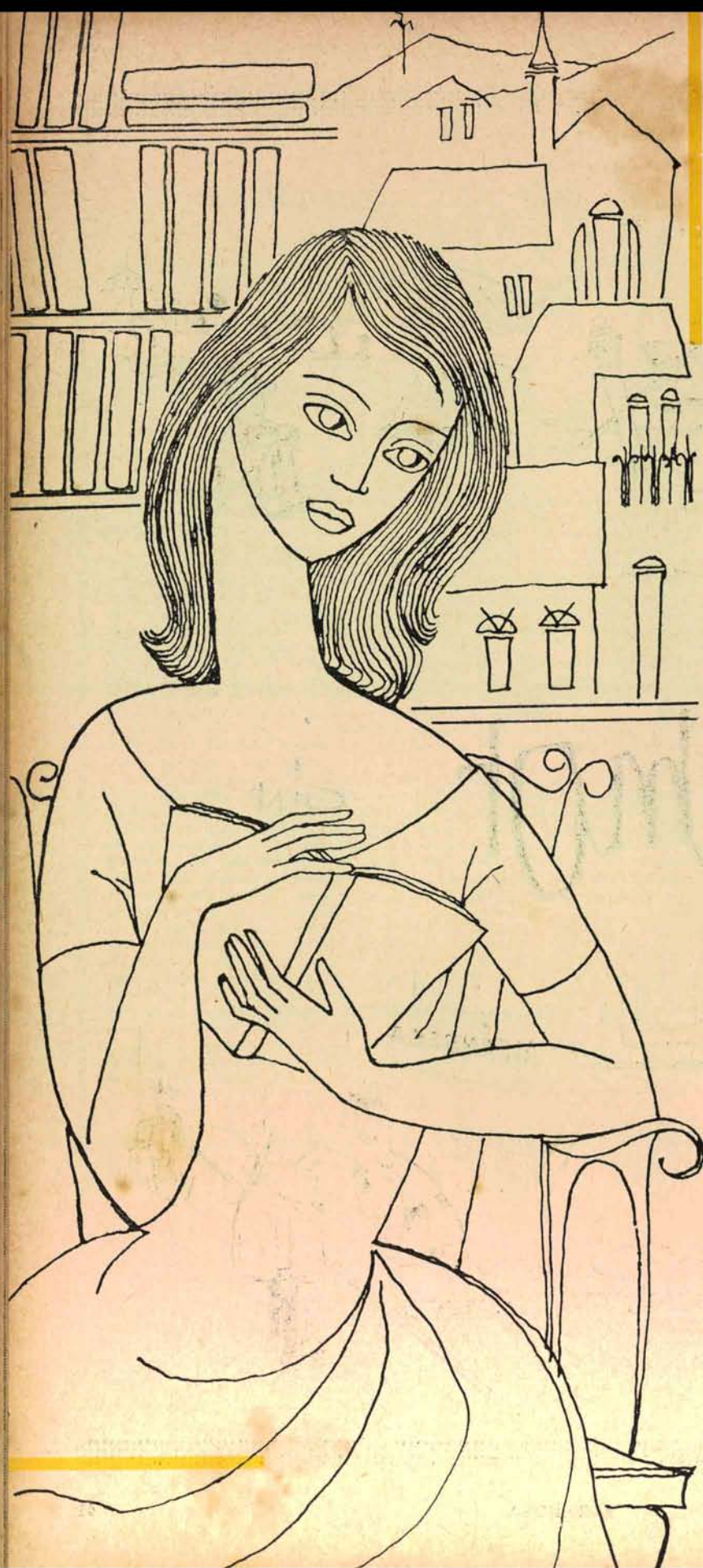
*
GIN



Às Coração

Aquêlê moço alto,
magro, de traços
regulares, bôca bem
feita, olhar inteligente, a
impressionara
fortemente.

ilust. de Wilma Martins



Vêzes o Adivinha

VERA MILWARD DE CARVALHO

A mãe de Osvaldo esperava-o, impaciente, à porta de casa.

A vizinha, que tinha telefone, transmitira o recado vindo do hospital. Dr. Arnaldo pedia-lhe que fôsse ver um doente, em seu lugar. Tratava-se do Sr. Augusto Carneiro, importante industrial, residente à rua L... nº 211.

Para um médico em início de carreira, era excelente oportunidade para tornar-se conhecido na alta sociedade e no meio da gente abastada.

Era êsse o raciocínio de D. Marieta — mulher prática, de temperamento autoritário, acostumada a dominar o marido e o filho. E o moço nada de chegar!

Ela não parava: entrava, saía, tornava a entrar, falava com o marido... saía de novo. Enquanto isso o homem fumava pachorrentamente seu cachimbo, recostado na cadeira de balanço.

Afinal, quando a senhora já estava no auge da aflição, avistou o rapaz virando a esquina.

Desceu a pequena escada e, quase a correr foi ao seu encontro.

— Meu filho! Um chamado urgente para você! O diretor do hospital pede para ir, em seu lugar, ver um doente. Ande depressa! Tomei nota do enderêço num papel que está sobre a mesa.

O moço beijou a mãe e não teve oportunidade de dar uma palavra. Ela falava todo o tempo.

Entraram em casa. Ele saudou o pai, sentando-se logo em seguida, para engolir a sopa, que já o esperava em banho-maria.

— Deixe o jantar para depois, Osvaldo. E' bom não se fazer esperar muito. E' melhor tomar um táxi ouviu?

Assim fez o rapaz.

Dentro de poucos minutos, encontrava-se à porta da magnífica residência do Sr. Augusto Carneiro, uma das figuras mais conhecidas e de maior projeção no meio dos ricos da cidade.

Ao toque da campainha, apareceu o criado — elegante e todo de preto — que o conduziu até o quarto do industrial.

Apenas a luz do abajur es-

tava acesa. As janelas revestidas de espessas cortinas, hermêticamente fechadas. Havia quase absoluto silêncio quando o facultativo foi introduzido.

Correu a vista em redor e, finalmente, encontrou submergido num grosso «edredon», o doente, do qual se viam apenas os olhos.

Aquilo contrariava as teorias modernas, quanto ao tratamento de qualquer moléstia.

Delicadamente, dirigiu-se à pessoa que estava à direita do leito. Pediu permissão para descerrar as cortinas e descobrir, um pouco, o paciente.

Era a filha do Sr. Augusto. Atendeu prontamente ao pedido. Discretamente, retirou-se, para que se fizesse minucioso exame. Só voltou quando a chamaram.

— O senhor seu pai tem uma gripe forte, falou êle à moça. O estado geral é bom. Todavia, necessita de alguns cuidados e repouso. Não deve, porém, permanecer em ambiente tão fechado... Isso seria prejudicial. Poderia falar com a senhora sua mãe?

— Não a tenho mais, infelizmente... pode falar comigo. Sou eu quem cuida dêle.

— Oh! Sinto imenso... Então... voltarei amanhã. Antes disso porém, peço-lhe avisar-me por telefone como passou êle a noite. Agora... com licença. Eu mesmo levarei a receita para mandar aviar na farmácia da esquina.

— Não se incomode... ia protestando o dono da casa. Mandaremos o empregado...

— Não é necessário. Tenho que parar na esquina, para esperar condução. Ora, não me custa nada...

O Sr. Augusto levantou um pouco a cabeça. Olhou meio indeciso para a filha e depois disse:

— Leticia, seu carro está à porta, não? Chame a empregada para acompanhá-la e leve o doutor até sua casa, passando antes pela farmácia.

— Pois sim, Papai — disse a moça, procurando disfarçar a alegria que lhe causara tal sugestão.

— Oh! Mas... — balbuciou o

médico que não sabia o que dizer.

Por fim, despediu-se e deixou o quarto, conduzido pelo criado.

Rapidamente, Leticia dirigiu-se aos seus aposentos. Colocou um casaco escuro nas costas e mirou-se no espelho. Correu a esponja sobre a pele. Achou-se bonita.

☆

Ela dirigia muito bem. Filha única, riquíssima, crescera cheia de mimos. O pai fazia-lhe tôdas as vontades. Desde garôta possuía o seu carro.

Osvaldo observava-a discretamente. Era de fato encantadora. A pele de um moreno delicado, os cabelos negros, soltos caíam-lhe em desalinho sobre os ombros e, às vezes, sobre o rosto, devido ao movimento do automóvel. Os olhos amendoados, guarnecidos por longos cílios, voltavam-se, de vez em quando, para êle, enquanto dizia qualquer coisa e sorria.

Foram seguindo; êle orientando-a acerca do caminho.

Entraram no bairro modesto em que êle residia.

— Aqui — disse êle — no cento e quinze.

D. Marieta estava na varanda. Indescritível a alegria da senhora, ao constatar que o filho viera no carro de Leticia.

Convidou-a a entrar. A moça agradeceu, prometendo voltar em outro dia.

Ao despedir-se de Osvaldo, seu olhar disse mais alguma coisa do que um simples «até a vista»...

Nessa noite, custou a conciliar o sono. Aquêlo moço alto, magro, de traços regulares, boca bem feita, olhar inteligente e atitude cerimoniosa, a impressionara fortemente.

☆

Durante oito dias seguidos, Osvaldo foi à residência do Sr. Augusto, ao fim dos quais lhe deu alta.

Naqueles mesmos oito dias, Leticia o levava sempre de volta para a casa, com pleno consentimento do pai, que via com bons olhos o namôro. Isto é, a opinião geral é que havia qualquer coisa

entre eles. Só a moça tinha dúvidas. Aguardava, ansiosa, uma palavra de Osvaldo que, embora atencioso e delicado, mostrava-se esquivo quanto a essa parte.

Na noite em que dera por terminado o tratamento, a mãe do moço abordeou-o.

— Escute, meu filho. Precisa-mos conversar.

— Pois não, mamãe. De que se trata?

— Trata-se de... Leticia Carneiro. Você precisa declarar-se a ela. A família espera que o faça. Seu pai e eu estamos radiantes com a perspectiva de tal casamento.

Osvaldo fitava a mãe, estupefato.

— Mas... Conheço a moça há oito dias, apenas. A senhora está sonhando... Como pode saber que a família...? E... Leticia? Que sabe de seus sentimentos?

— Oh! Tenho certeza de que o adora. Ela, própria mo confessou, na tarde em que veio tomar chá comigo. E o pai está pelo que a filha quer, além de reconhecer em você ótimas qualidades, sem nenhum favor, é claro.

— Mas... não é possível... Tudo tão precipitado!

— Venha cá, meu querido. Sente-se ao pé de mim. Sempre demonstrei ter bom senso. A moça é linda, rica e está doida por você. Que mais poderá desejar?

O rapaz não deu palavra. Caiu na mais profunda meditação.

A mãe aflagava-lhe os cabelos docemente, enquanto procurava dar força a seus argumentos.

Quando Osvaldo se encontrou a sós, no quarto, pôs-se a fazer considerações sobre sua palestra com a mãe. Até o sono lhe fugiu. Por fim, chegara à conclusão de que Leticia era de fato a criatura indicada para sua esposa. Bonita, meiga, de boa família e gostava dele. Que mais poderia almejar? Tinha simpatia por ela e, portanto, estava apto a amá-la. Isso era questão de convivência e tempo. Afinal, já estava com trinta e dois anos e bem em idade de contrair matrimônio. Antes de adormecer, tomara a firme resolução de falar a esse respeito com Leticia, com a maior brevidade possível.

☆

Amanhecera um dia claro, des-ses em que o sol sai muito cedo.

Todos os sábados, Osvaldo reservava as primeiras horas para ir à Biblioteca Pública, consultar livros de seu interesse.

A radiosidade da manhã, coadunando-se com seu estado de espírito, convidava-o a andar a pé.

No último quarteirão de certa

rua transversal, veio em sua direção uma jovem que lhe chamou logo a atenção. De determinado ponto em diante, começaram a caminhar lado a lado.

Entraram juntos na Biblioteca.

Todavia, Osvaldo, ao invés de procurar o que precisava, passou a observá-la de soslaio. Ela parecia inteiramente absorvida com o volume que logo escolhera.

De pele muito clara, ligeiramente rosada, o cabelo de um louro cinza, os olhos muito grandes e meio esverdeados, constituía um tipo muito interessante. Estatura mediana, bem feita de corpo, era, talvez, um tanto franzina.

O moço sentira-se imediatamente atraído. Não resistia mais o desejo de se aproximar.

O acaso veio em seu favor. O



lápiz com o qual ela tomava notas caiu ao chão. Rapidamente ele apanhou-o e entregou, olhando-a com simpatia.

— Senhorita...

— Carmen Santos, respondeu com simplicidade. Obrigada.

— Um tratado sobre... Pedagogia? — perguntou ele, olhando o livro que a moça mantinha aberto. — Professora?

— Sim... no interior. E... o senhor?

— Médico.

E foram por aí a fora.

A hora de se retirarem, o rapaz acompanhou-a até a casa dos tios, onde ela estava passando férias.

Na volta, ia pensando o seguinte: «Nada direi a Leticia. Encontrei o meu verdadeiro ideal. E' com esta pequena que me vou casar».

☆

Não havendo mais o motivo da

doença do Sr. Augusto, Osvaldo não voltou a avistar-se com Leticia.

Em compensação, todas as noites, logo após o jantar, ia encontrar-se com Carmen, no portão da casa de seus tios.

Certa noite, ao entrar em casa, a mãe interpelou-o:

— Osvaldo, venha cá.

Ele, que ia passando direto ao quarto, voltou.

— Que é?

— Olhe aqui.

Mostrou-lhe um envelope, o qual abriu.

— Convite para a festa em casa dos Carneiro amanhã, em regozijo ao restabelecimento do velho. Você é o principal convidado...

Esboçou um sorriso malicioso e falou em tom confidencial.

— Tenho impressão de que essa festa foi feita para dar oportunidade a você de aproximar-se de Leticia. Não a deixe passar. Trate de declarar-se...

D. Marieta parou, de súbito, surpreendida com a expressão séria do filho.

— Que tem você? — perguntou, franzindo o sobrolho.

— Desculpe, mamãe, se vou causar-lhe alguma decepção — falou ele em tom firme. — Nada existe entre mim e essa moça e eu não vou declarar-me a ela. E se a festa foi organizada com tal finalidade, darei a desculpa de chamado urgente e não comparecerei.

A mãe empalideceu. Não estava acostumada a ver o rapaz contrariá-la com tamanho desasombro.

— Não é possível! — exclamou, enérgica. — A última vez que tocamos nesse assunto, você se mostrou bastante acessível. Além disso... como pode cometer uma descortesia dessas, faltando à festa?

A senhora ia de um lado para outro, nervosa.

— Você estava cortejando Leticia. De alguns dias para cá, operou-se a mudança. Que houve, meu filho? Fale francamente.

— Pois bem — respondeu, com firmeza. — Conheci há pouco uma pessoa por quem me apaixonei e com quem pretendo casar-me.

D. Marieta, estupefata, fulminou o filho com o olhar. Fêz pausa e depois prosseguiu irônica:

— E posso saber quem é essa «pessoa»?

— Moça muito distinta, bonita, simples e instruída. E' professora e leciona no interior. Cha-

ma-se Cármen. Tenho intenção de pedi-la em casamento, no último dia de suas férias.

A senhora não se conteve. Explodiu em verdadeiro acesso de raiva.

— Imagino! Uma professorinha pobre, do interior! Por causa disso perder o casamento que o destino lhe oferece! E' o cúmulo! Além disso contraria a mim e a seu pai com tal atitude. Não é, Henrique?

O marido, que em tudo concordava com ela e ao canto fumava seu cachimbo, fez com a cabeça sinal de assentimento.

— E fique sabendo — continuou, encolerizada — que, nem ele, nem eu, lhe daremos a bênção para o passo que vai dar. Digo mais: terá que escolher, a nós ou a ela.

— Mas, mamãe — balbuciou, revoltado o rapaz. — Nem a conhecem! Isso é injustiça!...

— Nem queremos conhecê-la. Não se trata da moça pessoalmente, e sim da união medíocre, pobre, insignificante que irá contrair, quando tudo se encaminha para um casamento rico, importante, que o faria feliz e do qual muito nos orgulhariamos! Você perder uma oportunidade dessas!!! Assim é que paga os sacrifícios que fizemos para educá-lo e formá-lo? Essa é a ocasião de demonstrar a sua gratidão. Portanto, se levar a efeito o que tem em mente, estará cavando um abismo entre nós, para sempre!

Saiu bruscamente da sala, deixando o filho acabrunhado e em grande abatimento.

☆

Passaram-se três anos.

O velho casal encontrava-se na sala de jantar à noite. O ambiente era de silêncio e melancolia.

D. Marieta desfiava as contas do rosário e, de vez em quando, soltava profundo suspiro.

O espóso lia o jornal da tarde, enquanto grossas baforadas saíam de seu velho cachimbo.

Desde que Osvaldo se casara, era muito triste a vida daquelas duas criaturas. Tudo porque ela, a mulher de vontade imperiosa, assim determinara. O marido nunca tivera forças para reagir... O filho seguiu os ditames de seu coração e isso o afastara deles. Osvaldo deixara o emprego e fôra clinicar no interior.

A voz arrastada do Sr. Henrique veio dar alguma vida àquela cena monótona e enervante.

— Mulher... veja isso.

Estendeu a folha sobre a mesa.

(Conclui na pag. 81)

200 HORAS SEM DORMIR



QUANDO o locutor de rádio Peter Tripp teve a idéia de ficar acordado durante 200 horas, com a finalidade exclusiva de fazer uma acrobacia publicitária, os psiquiatras e psicologistas chegaram à conclusão de que tal façanha podia resultar em valiosos dados científicos, cuja utilidade poderia estender-se ao espaço exterior, onde um astronauta terá de ficar acordado durante longo tempo. Há algumas semanas, Tripp terminou a sua maratona insone recebendo a gratidão da ciência pela soma de dados que lhe forneceu. Jamais homem algum ficara tanto tempo acordado sob a supervisão intensiva dos médicos! Tripp teve o seu interesse despertado quando certa instituição iniciou uma campanha de auxílio aos portadores de defeitos congênitos: quando bem jovem ainda, ele usara muletas durante um ano, depois que os cirurgiões colocaram garras de aço inoxidável nos seus quadris, a fim de corrigir-lhe um defeito de nascença. Com a sua paciência, ele introduziu um elemento desconhecido para as pesquisas médicas e, depois de um primeiro obstáculo encontrado pelos investigadores liderados pelo psiquiatra Louis J. West, da Universidade de Oklahoma, Tripp foi instalado em um laboratório público onde tinha toda a assistência de médicos e de enfermeiros. Ai os médicos controlavam a sua pressão, pulso e respiração e lhe aplicavam diversos testes. Tiraram-lhe sangue regularmente do braço ou do dedo para ser enviado a cinco laboratórios, onde era submetido a nada menos de 40 testes. Tripp deixou de fumar e eram-lhe servidas cinco refeições diárias, todas com alto teor de proteínas. Nas primeiras 135 horas, ele não tomou qualquer espécie de estimulante, mas, neste ponto, o Dr. West achou por bem aplicar-lhe algumas doses de «ritalina». Depois de poucos dias, ele se tornou abatido, deixando de reagir ao que lhe competia fazê-lo e começou a ter ilusões de ótica. A medida que o tempo foi passando, o paciente começou a sofrer alucinações mais freqüentes, chegando mesmo a imaginar-se transmitindo um programa de algum edifício bem distante. Essas modificações no funcionamento mental fizeram com que os psiquiatras se lembrassem dos colapsos verificados nos países da Cortina de Ferro, provocados por privação de sono e por interrogatórios intermináveis. Para os psicologistas tais testes foram uma significativa advertência.

Não obstante Tripp haver vencido triunfalmente as suas 200 horas de vigília, o seu trabalho para a ciência ainda não estava terminado e, por isto, os pesquisadores conservaram-no acordado para mais alguns testes e, depois de lancetar a sua cabeça para colher material de exame, deixaram-no sossegado até que, com os olhos injetados e a pele macilenta, ele adormeceu durante 13 horas, intervalo em que ainda lhe foram aplicados alguns eletro-cardiogramas. Mesmo estando aparentemente bem, Tripp ainda tem sido submetido a testes diversos, a fim de que se verifiquem bem do seu bom estado.

1947 Três mulheres — tôdas elas judias recém-chegadas da Alemanha — dirigiram-se ao Departamento de Salvamento do Congresso Judeu, em New York, com espantosa solicitação:

— Por favor — pediram — vocês poderiam enviar pacotes de alimentos para este homem?

O funcionário olhou nome e endereço no cartão e exclamou, surpreso:

— Um alemão! Depois de tudo o que os nazistas fizeram a vocês!

— Oscar Schindler salvou nossas vidas! — retorquiram as mulheres. — Ele salvou mais de 1.100 judeus. Agora, temos obrigação de ajudá-lo.

Este episódio, fora do comum, abriu o arquivo da história do notável industrial gentio que ajudou a frustrar o plano insano de Hitler de exterminar a comunidade judia européia. Embora muitos outros cristãos, através do continente, arriscassem a vida para salvar os judeus do terror nazista, havia uma diferença surpreendente no caso de Oscar Schindler. Como alemão leal que produzia equipamento bélico, ele operava dire-

ta, Oscar tinha 28 anos — era um homem alto e de vigorosa constituição, cabelos louros avermelhados e olhos azuis.

Nesta ocasião, Schindler fez a primeira de uma série de decisões momentosas. Engajou-se no Serviço Secreto do Exército Alemão como funcionário civil em Breslau. Ali, formou amizades duradouras com inúmeros oficiais de carreira. Muitos deles, descobriu, secretamente detestavam a Hitler — e essa atitude o influenciou.

Rompendo a guerra, Schindler fez uma segunda decisão fatal. Poderia conservar o emprego, foi informado, apenas se se engajasse no Exército. Em vez disso, preferiu entrar para a produção bélica; ele e sua esposa foram à Polônia ocupada em 1940, em busca de uma fábrica. Os alemães estavam então ocupados em espoliar as propriedades judias, forçando seus donos à falência. Schindler adquiriu pequena fábrica «falida» em Cracow que, com 25 operários poloneses e sete judeus, produzia equipamento de cozinha. Sem que soubesse, havia



O HOMEM QUE LOGROU HITLER

tamente sob os olhos da Gestapo e da S. S. No entanto, dia a dia, desde 1940 até 1945, ele pessoalmente alimentou, vestiu e protegeu um número crescente de judeus e judias sob o signo da morte. A qualquer momento poderia ter sido executado por traição. Miraculosamente, o seu plano funcionou: todos seus 1.100 protegidos sobreviveram.

Até o Pacto de Munique de 1938 Oscar Schindler parecia destinado a uma próspera mas rotineira carreira como o filho de abastados católicos alemães que possuíam uma fábrica de equipamentos agrícolas em Zwittau, uma cidade na parte moraviana da Tchecoslováquia. Quando os nazistas penetraram pela região

encontrado então a «cobertura» para as suas futuras operações de salvamento.

Os judeus poloneses estavam sendo expulsos de seus lares e arrebanhados em guetos e equipes de trabalho forçado. Somente trabalhando numa firma de propriedade alemã, poderiam ter esperanças de escapar aos deslocamentos forçados. Os esforços de salvamento de Schindler começaram em escala pequena quando comprou a fábrica, e empregou os antigos proprietários e outros judeus competentes, que procuravam desesperadamente por trabalho. A princípio, não tinha planos conscientes de salvamento. Conservava cálidas lembranças de amigos judeus durante seus

dias de escola e deplorava a perseguição desencadeada em torno dele. Gradualmente, sua aflição se transformou em horror. Todo dia seus empregados judeus vinham solicitar sua ajuda para o pai, o irmão, o vizinho. — Traga-o! — era a resposta de Schindler. Pelo fim de 1941, estava empregando 190 judeus.

Em 1942, a diabólica «solução» de Hitler para o «problema» judeu — o código do assassinato sistemático de 6.000.000 de homens, mulheres e crianças — foi posto em funcionamento. Os judeus que tivessem vigor físico eram obrigados ao trabalho escravo, enquanto que os jovens, os fracos e os doentes, eram jogados em campos de concentração. Ordem

peremptória, foi distribuída aos industriais: todos os empregadores do trabalho escravo de judeus seriam responsáveis pela sua acomodação em recintos cercados de arame farpado, a serem guardados pelas tropas da S. S. Se não fôssem construídas barracas no prazo de cinco dias, até os judeus de físico vigoroso seriam enviados aos campos de execução.

Schindler ficou irado e revoltado com essa crueldade irracional. Como alemão leal, trabalharia 24 horas por dia para cooperar no esforço de guerra. Mas, como ser humano, considerava-se moralmente obrigado a usar todos os meios possíveis para perturbar o programa de matança de Hitler. Corajosamente, ordenou e pagou pela construção imediata de barracas enormes. Aqui, colocou seu rebanho de 190 judeus; ali, 450 trabalhadores escravos judeus de outras fábricas.

O número de seus empregados judeus devia crescer de 600 em 1942 a aproximadamente 800 em 1943, 900 em 1944 e 1.100 em

Poderia ter sido, a qualquer momento, executado por traição. Mas, durante cinco anos, protegeu 1.100 judeus à beira da morte, sob o terror da Gestapo.

1945. Nem todos esses trabalhadores estavam em situação legal. Alguns eram esposas ou pais de empregados; outros eram pessoas contrabandeadas para dentro da fábrica, com a assistência de Schindler, para se enconderem até que os judeus da resistência subterrânea pudessem contrabandear-los para fora do País. Quando os oficiais da S. S. faziam suas rondas de inspeção, estes estranhos tinham de ser ocultos ou disfarçados como empregados.

Uma vez cada mês, Schindler tinha de submeter listas cuidadosamente verificadas para conseguir as escassas rações de alimento destinadas aos escravos. Pelo privilégio de «alugar» cada escravo, tinha de pagar a seus pa-

trões da S. S. cinco zlotys (moeda polonesa) por dia, cerca de 150 cruzeiros, na época.

O custo da manutenção deste pequeno exército aumentava a cada semana. Os guardas de fábrica e barracas da S. S. estavam regularmente incluídos na lista de pagamento de Schindler, e ele pagava subornos enormes a oficiais nazistas. Era também pródigo em dar presentes, vinhos, festas, mulheres e favores adequados — tudo isso num calculado esforço de lhes obter a boa vontade.

O raciocínio rápido de Schindler salvou muitas vidas. Um dia, um oficial da S. S. ficou irritado com a vagarosidade de um homem idoso que tentava empurrar pesado carrinho de mão.

— Malingeringer! — berrou o oficial. — Execute esse judeu!

Enquanto o homem condenado era levado para um pátio de trás, Schindler, sorridentemente, disse ao ameaçador oficial:

— Acabo de receber ótimo conhaque francês. Deixe-me arranjar uma garrafa para você.

E se afastou impassível simulando indiferença. Uma vez fora de vista, correu a despensa, agarrou uma garrafa de conhaque com uma mão, uma garrafa de vodka com a outra, e disparou para o pátio de trás. Aí, o guarda da S. S. estava exatamente levantando o fusil. Schindler balançou a garrafa de vodka na cara do guarda.

— Nós estamos sôzinhos aqui... — murmurou quase sem fôlego. — Ninguém pode nos ver. Esqueça a execução. Eu esconderei o homem e fico com toda a responsabilidade. E leve o vodka!

O guarda baixou a arma, pegou a garrafa e desapareceu. Ainda segurando o conhaque, Schindler

desamarrou o trêmulo operário, disse-lhe onde encontrar esconderijo e voltou rapidamente ao seu «amigo» da S. S.

Em uma outra ocasião, Schindler soube, ao voltar de uma viagem a negócios, que, dentro de apenas três horas, dois de seus trabalhadores judeus deviam ser executados no campo de concentração de Plaszow. No dia anterior, tinham inadvertidamente quebrado uma prensa antiga. O acidente tinha sido testemunhado por um espião da Gestapo que, imediatamente correu ao comandante de Plaszow com uma história de «sabotagem». Durante a ausência de Schindler, os homens foram sentenciados à força e ordenou-se a todos os 30.000 prisioneiros do campo assistirem à execução. Schindler dirigiu-se às pressas para Plaszow e irrompeu no escritório do comandante:

— Eles são dois de meus melhores homens! — gritou. — Se vocês os enforcarem farei relatório ao Ministério da Guerra informando que vocês estão criando obstáculos ao esforço bélico!

O comandante não se perturbou. Em silêncio, Schindler tirou uma grossa carteira do bolso e deixou-a cair casualmente na mesa. O comandante fitou a carteira. Após uma pausa longa, disse:

— Está certo. Leve seus judeus e não abra a boca.

A alimentação e a assistência aos judeus estava sob a responsabilidade da Sr^a Schindler, que organizou cozinha e até hospital, servidos pelos trabalhadores escravos — seis médicos judeus e dois dentistas. Mulher de enorme coragem, freqüentemente censurava os guardas pela crueldade que demonstravam e firmemente



se recusava a ser intimidada pela Gestapo.

Três vezes durante a guerra a Gestapo encontrou pretextos para deter Schindler. De cada vez, a Sr^a Schindler apelava com indignação aos altos oficiais do Exército em Berlim — amigos de seus dias em Breslau — e forçava a Gestapo a recuar.

A despeito destas detenções, a coragem pessoal deste industrial não fraquejou. Certa manhã, Erna, a secretária judia-alemã de Schindler, foi convidada a tomar café à mesa. Um minuto depois, surgiu na sala um oficial da S. S. Schindler começou a derramar taças generosas de «schnapps», que o nazista friamente recusou:

— Minha honra de alemão não me permite beber na presença de um judeu! — rosnou, desdenhosamente.

Enraivecido, Schindler pulou da cadeira, agarrou o oficial armado e, com força desmedida, lançou-o fora da sala. Depois voltou para a mesa, explicando a Erna:

— Como é que ele ousa falar em honra alemã? Esse homem é pervertido, alcoólatra e sádico. Que é que ele conhece de honra?

No decurso de 1944, Schindler percebeu que a Alemanha perderia a guerra. Se conseguisse agüentar por um pouco mais de tempo somente, seus protegidos judeus estariam a salvo. Mas, o Exército Alemão estava abandonando a Polónia. Todas as fábricas deviam ser evacuadas e transportadas para o oeste. Ordenou-se a transferência dos trabalhadores escravos para os campos de concentração dos condenados à morte, onde téticos incineradores e câmaras de gás trabalhavam durante as 24 horas do dia, sem interrupção.

Foi neste momento que Schindler realizou o seu maior feito. Obteve permissão para mudar sua produção de utensílios de cozinha em fabricação de armamentos estratégicos para a Luftwaffe, localizando sua fábrica na região sudeta. Solicitou que todos os seus 900 operários especializados o

acompanhassem. O tempo era precioso demais para ser gasto no aliciamento e treino de novos trabalhadores.

Após semanas de espera, seu requerimento foi aprovado, e recebeu um bônus inesperado: podia transferir não somente seus 900 trabalhadores judeus, como também um número adicional de 200 do campo de Plaszow, a fim de preencher sua quota.

Assim, em outubro de 1944, Schindler foi para Brunnitz, Tchecoslováquia, para construir sua fábrica. Os 1.100 judeus não tinham chegado. De acordo com os regulamentos nazistas, tinham sido reprocessados primeiro em campos centrais — os 800 homens em Gross-Rosen, as 300 mulheres em Auschwitz. Os homens chegaram ainda a tempo, mas não as mulheres. Após três semanas ansiosas, Schindler soube

E' sempre mais fácil acreditar do que duvidar. Nossos pensamentos são naturalmente afirmativos. — John Burroughs.

que, por causa de confusões administrativas, as mulheres tinham sido jogadas na seção de execução do campo de concentração de Auschwitz.

Schindler dirigiu-se, rapidamente, para Auschwitz. Essas mulheres eram trabalhadores especializados essenciais, protestou. A morte delas afetaria a vital produção bélica! As autoridades ficaram indiferentes:

— Não se importe! — asseguraram-lhe. — Nós lhe forneceremos os 300 outros...

Schindler disparou para Berlim e apelou para seus amigos do exército. Surpreendentemente, em apenas um caso desta natureza conhecido, foi dada ordem urgente, para que essas 300 mulheres fossem transportadas imediatamente para o seu destino original! A ordem viera do Ministério de Segurança do Reich, adminis-

trado pela S. S., por insistência do Exército.

Os últimos seis meses de guerra foram terríveis. Guardando a fábrica de Brunnitz, estavam alguns dos piores homens da S. S. que Schindler jamais encontrara. A despeito de inúmeros presentes, sentiu que a qualquer momento poderiam eles massacrar os judeus, pelo simples prazer de matar. Para evitar tal catástrofe, Schindler discretamente distribuiu armas e munição a seus homens. Felizmente, as armas não foram nunca usadas. Em fins de abril de 1945, os guardas da S. S. sumiram, ante o avanço dos russos.

Agora, Schindler viu também que teria de escapar dos russos. Quando se preparava para partir, os líderes judeus assinaram documentos em russo, alemão, inglês e polonês, descrevendo exatamente o que fizera e expressando sua gratidão. Insistiram que o empregador levasse cópias com ele, e outras cópias foram enviadas às maiores organizações de socorro judias.

Cinco minutos depois da meia-noite de 9 de maio de 1945, certo de que seus 1.100 amigos judeus estavam finalmente salvos, Oscar Schindler despediu-se deles e dirigiu-se às linhas norte-americanas.

Sua história tem um cálido «post-scriptum». Em junho de 1957, Schindler, atualmente residindo em Frankfurt, na Alemanha, visitou New York, onde mais de 200 de seus antigos trabalhadores judeus, agora vivendo nos Estados Unidos, submergiram-no em presentes e comovente recepção.

Mas o tributo mais tocante, talvez, foi a decisão de vários dos antigos escravos da S. S., agora cidadãos norte-americanos. Como construtores de uma área residencial, acharam a maneira ideal de honrar seu benfeitor. Hoje, no bairro de Elmwood de South Plainfield, New Jersey, há uma rua chamada «Schindler Drive», que perpetuará o nome de um grande e nobre ser humano. Kurt R. Grossmann.

☆☆☆

CONTRA OS AVIÕES

Convencido de que o barulho dos aviões estava perturbando o sono dos cidadãos alemães, o ministério dos transportes da Ránia Westfalia baixou decreto proibindo terminantemente o tráfego de

aviões no aeroporto de Dusseldorf, durante a noite. Ficou constatado que o forte barulho dos motores estava causando fenômenos de histerismo nos cidadãos que residiam próximo ao aeroporto.

O Que Vimos de Bom Cinema em 1959

Continuação da pag. 110

MELHOR ATOR — Orson Welles, por sua atuação em *A Marca da Maldade*, película que também dirigiu.

MELHOR ATRIZ — Giulietta Massina, por sua atuação em *As Noites de Cabiria*.

(O crítico José Haroldo Pereira preferiu "votar em branco" com relação a estas duas últimas categorias).

Os leitores devem ter notado que não houve completa unanimidade. Confrontemos, por exemplo, as opiniões de José Alberto da Fonseca e de José Haroldo Pereira. Embora eles não tenham divergido fundamentalmente na escolha dos melhores filmes de 59, estes dois críticos adotaram posições inteiramente opostas na valorização das películas exibidas. José Alberto da Fonseca mostra-se francamente pessimista; em seu modo de ver, acha que o cinema está sendo, atualmente, abalado por uma crise. José Haroldo Pereira, ao contrário, considera o ano de 59 como muito frutuoso para a sétima arte. Não há nada de crise, o Cinema (com "c" maiúsculo, como prefere grafar) está em franco progresso: "... 1959 proporcionou um avanço decididamente inédito no estudo do Cinema, conseguindo transmitir, pelo conjunto de obras exibidas, todas as possibilidades estéticas e humanas da arte cinematográfica".

Mas um traço comum e importante que se nota nas declarações dos três críticos é o fato de que os filmes que se preocupam menos com o aspecto formal do que com o aspecto humano foram preferidos. É o caso dos dois melhores, *As Noites de Cabiria* e *Um Condenado à Morte Escapou*. Não se quer dizer com isso que Fellini e Bresson descuidem do aspecto formal; o caso é que estes dois diretores dão primazia ao conteúdo humano de suas películas e só em segundo lugar, e acessoriamente, cuidam da forma. Coisa que não ocorre por exemplo com *Lola Montez*, de Max Ophüls, e *Morte Sem Glória*, de Stanley Kubrick onde o aspecto formal tem primazia, ou pelo menos é mais manifesto, sobre o conteúdo humano (que também existe, e é importante, nestas películas).

E finalmente, uma última observação. Apesar de inferiorizado em quantidade, o cinema europeu demonstrou estar muito à frente do cinema norte-americano em qualidade. Apenas *A Marca da Maldade*, de Orson Welles, foi citado (só

uma vez e juntamente com outros) como o melhor filme do ano. Em posição secundária, foram lembrados apenas dois filmes: *Um Rosto na Multidão*, de Kazan, e *Embriaguês do Sucesso*, de Mackendrick.

Bem, uma vez vista a opinião da crítica, vejamos agora a opinião do público. Não nos foi fácil fazer uma estimativa dos filmes preferidos pelo público. Isto porque a companhia proprietária da maioria dos cinemas da capital, a "Cinema e Teatros de Minas Gerais S/A" e a sua subsidiária "Empresa Mineira de Cinemas", não se interessaram em nos informar os nomes dos filmes de maior êxito de bilheteria em seus cinemas. Não podemos dizer se isto é desorganização ou desejo consciente de mal servir ao público. Fomos forçados, portanto, a fazer uma estimativa pessoal a respeito dos filmes mais populares exibidos nas telas dos cinemas desta companhia.

Todavia, a Organização Benedito Alves da Silva, possuidora dos cinemas Candelária, Amazonas, Alvorada e Mauá demonstrou a maior boa vontade e cortesia em nos prestar tais informações e a gerência do cine Art Palácio também não opôs quaisquer obstáculos ao fornecimento de tais dados. Vejamos, então, os filmes que mais público atraíram às casas de projeção de Belo Horizonte.

ORGANIZAÇÃO BENEDITO ALVES DA SILVA — quatro filmes de grande sucesso: *Meus Amores no Rio*, *Um Condenado à Morte Escapou*, *Orfeu do Carnaval* e *Os Trapaceiros*.

CINE ART PALÁCIO — *A Trapaça*; *Pão, Amor, E...*, *As Façanhas de Hércules*, *A Revolta dos Gladiadores*.

CINEMA E TEATROS DE MINAS GERAIS, S/A e EMPRESA MINEIRA DE CINEMAS — *A Volta ao Mundo em 80 Dias* e *Saeta*.

É notável a lista dos filmes de maior êxito de bilheteria da Organização B. A. da Silva. O filme de maior sucesso foi o brasileiro *Meus Amores no Rio* (exibido em princípios do ano) que, dentro dos padrões brasileiros, pode ser considerado bem razoável. Em seguida vem *Um Condenado à Morte Escapou*, que é uma obra-prima do cinema, o melhor filme do ano juntamente com *Noites de Cabiria*. *Os Trapaceiros* é também uma boa fita, coisa que também é, mas em plano inferior a estes dois últimos, o franco-brasileiro

(Conclui na pag. 88)



BICO?

Não! Muito mais do que isso

É a oportunidade de contar com nova e definitiva fonte de rendas. Com um talão de assinaturas, lápis e os minutos de folga, em suas viagens, você terá a sua receita aumentada, colocando assinaturas da Revista ALTEROSA. Como viajante, por certo você sabe que a nossa revista goza de alto conceito, e que há milhares de assinantes em potencial, esperando apenas que alguém lhes proponha as vantagens de assinar ALTEROSA. Seja um dos nossos agentes de assinaturas, ganhando as boas comissões que pagamos por esse trabalho.

Aproveite melhor as suas viagens, vendendo assinaturas de

ALTEROSA

a revista que todos desejam.

Escreva à Soc. Editora ALTE-ROSA Ltda., Caixa Postal 279, Belo Horizonte, mencionando o seu nome e endereço completos, idade, estado civil, profissão, grau de instrução e fontes idôneas — com que não tenha parentesco — para referências. Garantimos absoluto sigilo sobre o assunto.



João Calasans, do «Correio da Manhã», José Oswaldo de Araújo, do Banco de Minas Gerais, Gualter Gontijo Maciel, da Petrobrás, Mário Matos e Miranda e Castro, de ALTEROSA.



Miranda e Castro palestra com Miguel Fenoglio, da Lintas Publicidade Internacional.

INAUGURADA A NOVA SEDE (PRÓPRIA) DE ALTEROSA



Myrtes D'Anna, da Dória Associados, Sônia Bedendo, da Denison, Jarbas Juarez Antunes de ALTEROSA, e Danilo Fonseca e Vernon Tardin de Figueiredo, do Banco da Lavoura.



Vicente de Araújo do Banco Mercantil de Minas Gerais, Hélio Adami de Carvalho, de «Ultima Hora» e Fábio Campos Mota da Cia. T. Janér.



Ennius Marcus de Oliveira Santos, de «O Diário», Otávio Rachid, da Lince Propaganda, Domingos Luiz De Grossi, da Orion Publicidade, e João D'Angelo, de «O Diário».

Expressiva homenagem à classe publicitária do Brasil — Uma embaixada de 30 destacadas figuras da publicidade paulista e carioca.

INAUGURANDO suas novas instalações — administração e redação — ALTEROSA convidou publicitários de São Paulo, Rio e Belo Horizonte, representantes das principais agências de propaganda do Brasil, para compartilhar conosco dessa natural alegria que motivou o festivo acontecimento.

A embaixada publicitária, composta de trinta figuras representativas da publicidade bandeirante e carioca, chegou pela Real e Panair, e, ao meio-dia de quinze de

dezembro último, confraternizava com os homens da propaganda de Belo Horizonte e jornalistas em nossa redação, que viveu um dia memorável.

O acontecimento refletiu o júbilo de toda a família de ALTEROSA, que expressou, através da palavra de seu intérprete, a sua profunda gratidão pela contínua cooperação que, desde seu aparecimento, sempre mereceu dos homens que, naquele momento, representavam as principais agên-

cias de publicidade do Brasil. E a emoção que nos dominava, refletindo o profundo sentimento de amizade que inspirara a homenagem aos publicitários brasileiros, os visitantes saberiam compreendê-la e senti-la, na mesma vibração de alegria que a todos envolvia num ambiente de elevada camaradagem.

Servido o **drink** — o aperitivo da amizade — os visitantes se dirigiram à Churrascaria Campaneira.



Maurino Costa e José Corrêa Moura, da Sino Propaganda, e Ulisses de Castro Filho, de ALTEROSA, numa palestra durante a recepção oferecida em nossa nova sede aos publicitários brasileiros.



Paulo Pecanha de Figueiredo Júnior, de «O Diário», Fernando Reis Lacerda, da Abrasivos Minas S. A., Helcio Orlandi Artacho da Itapetininga Propaganda, Carlos Anibal de Brito, da Publitec, e José Maria Rabelo, do «Binômio».



José Oswaldo de Araújo, do Banco de Minas Gerais, Manuel de Vasconcelos, da PN, Miranda e Castro, de ALTEROSA, F. Teixeira Orlandi, da J. Walter Thompson e Mário Matos.



Marco Aurélio Teixeira do «Estado de Minas», Antônio Rocha, de Rocha Publicidade, Edgar Melo, McCann-Erickson, Vernon Tardin de Figueiredo, do Banco da Lavoura, Joel Vaz e Alvarus de Oliveira, da Santos & Santos Publicidade.

Inaugurada a nova sede (própria) de ALTEROSA

ALMÔÇO DE 100 TALHERES NA CAMPONESA

A CHURRASCARIA Camponesa, o moderníssimo restaurante belo-horizontino, recebeu os publicitários brasileiros para um almoço de cem talheres, que transcorreu num ambiente de magnífica cordialidade.

Saudando os publicitários, em nome de ALTEROSA, falou o escritor Mário Matos, que focalizou a elevada finalidade da publicidade como fator social e elemento artístico para o embelezamento da imprensa falada e escrita, enaltecendo a atividade dos homens que, fascinados mais pela profissão, por força vocacional, que pelo provento dela auferido, realizam atualmente, no Brasil, uma

continua festa para os olhos de leitores e telespectadores, através de anúncios que, pela sua beleza e concepção artística, revelam a inteligência criadora dos publicitários brasileiros.

O jornalista Ennius Marcus de Oliveira Santos saudou, em nome dos publicitários mineiros, os seus colegas do Rio e de São Paulo, focalizando, generosamente, o progresso de ALTEROSA.

Manuel de Vasconcelos, professor e publicitário, diretor da esplêndida revista PN (Publicidade e Negócios) falou em nome dos publicitários do Rio e São Paulo, proferindo magnífica oração.



Myrtes D'Anna, da Doria Associados, Neyde Manso de Miranda e Castro, de ALTEROSA, e Sônia Bedendo, da Denison Propaganda.



Aurora Azevedo, Tânia Maria de Manso Pereira e Alberto De Carli, de A Publicidade Artística.



Domingos Luiz de Grossi, da Orion Publicidade, Ulisses de Castro Filho, Eli Loureiro Lima e Sinval Gomes de Oliveira, de ALTEROSA.



J. Waldemar Lichtenfels, da Multi-Propaganda, Jorge Azevedo, de ALTEROSA e C. Hugo Cépola, da J. Walter Thompson.



Wilson Manso Pereira, de ALTEROSA.



José De Mingo, da Norton, Jofre Alves Pereira, do «Jornal da Cidade», e Wenceslau Luiz Pinto da Cunha do «Diário de Minas».



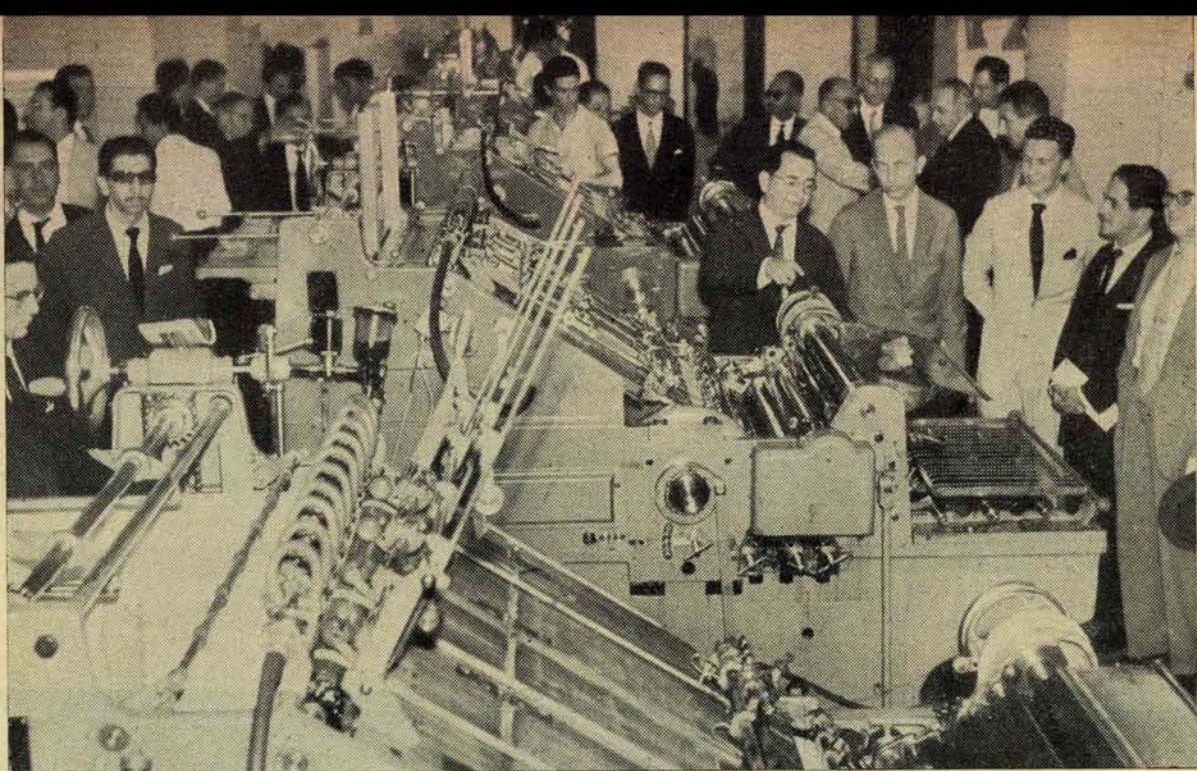
Justo Manso Soares e Euclides Marques de Andrade, de ALTEROSA, José Costa, do «Diário do Comércio» e Oldeimar Almeida, de ALTEROSA.



Newton Feitoza, de ALTEROSA, Hécio Orlandi Artacho, da Itapetininga, Carlos Aníbal de Brito da Publitec, Otávio Rachid, da Lince Propaganda e Luiz Cordeiro, da TV-Itacolomi.



Wilson Frade, de ALTEROSA, Hélio Adami de Carvalho, da Associação Mineira de Imprensa, Gualter Gontijo Maciel, da Petrobrás, e João Calazans do «Correio da Manhã».



Os visitantes, nas oficinas gráficas de ALTEROSA, quando assistiam à impressão da revista.

Inaugurada a nova sede (própria) de ALTEROSA

VISITA ÀS OFICINAS E PALESTRA NA TV ITACOLOMI



Aspecto da visita à seção de gravura de ALTEROSA, vendo-se à direita Moacir de Castro Oliveira, Sônia Bedendo, Myrtes D'Anna e Neyde Manso de Miranda e Castro.

A TARDE, visitaram os publicitários as oficinas gráficas e fotogravura de ALTEROSA, demorando-se, cerca de uma hora, na apreciação da nossa maquinaria, recentemente importada. A impressão geral, através dos comentários lisonjeiros, valeu por um incentivo aos funcionários das oficinas, cujo esforço e contínua dedicação sempre constituíram um dos maiores fatores do nosso progresso.

A noite, os publicitários compareceram ao programa «Figuras e Fatos», patrocinado pela Petrobrás, para uma palestra sobre publicidade.

Saudando os visitantes, em nome da Petrobrás, falou o jornalista Guálter Gontijo Maciel, chefe do Departamento de Relações Públicas da Petrobrás, que ressaltou a significação da presença no programa dos homens da publicidade do País, pelo interesse que o assunto despertaria entre os telespectadores. Focalizou, também, a ação do seu Departamento na divulgação da Petrobrás, que qualificou de «grandioso empreendimento nacional que se caracteriza pela fé na grandeza do futuro do Brasil».

Miranda e Castro, diretor de ALTEROSA, focalizou o sentido da homenagem que, através de «Figuras e Fatos» e do honroso apoio da TV Itacolomi, a sua revista estava prestando aos publicitários do Rio, São Paulo e Belo Horizonte.

A palestra transcorreu atraente, sendo focalizados os novos aspectos da propaganda moderna no Brasil.

Manuel de Vasconcelos, Gualter Gontijo Maciel, Miranda e Castro — quando saudava os visitantes — Jorge Azevedo, F. Teixeira Orlandi e Waldemar Batistela, ante a câmara da TV Itacolomi, no programa «Figuras e Fatos».



Hugo Maia de Souza, Maurino Costa, e Carlos Anibal de Brito.

Jorge Azevedo, F. Teixeira Orlandi, quando agradecia a homenagem à J. Walter Thompson pela passagem do seu trigésimo aniversário, e Waldemar Batistela.



Miguel Fenoglio, Castro Almeida, Reinaldo Sievers, e J. Waldemar Lichtenfels.

Helcio Orlandi Artacho, Manuel de Vasconcelos e Gualter Gontijo Maciel.





Procurando glória, aventura ou lucro — Milhares de pessoas reúnem-se todos os anos num dos mais perigosos esportes da América do Norte.

TODA primavera, nos rochosos Montes Gypsum do Desfileiro do Riacho do Sal, a 15 milhas a sudoeste de Okeene, em Oklahoma, realiza-se o mais insólito acontecimento esportivo da América do Norte: a anual «traga-as vivas» — Caçadas de Cascavéis.

Acompanhados por guias equipados de caixas de primeiros socorros de emergência, vários milhares de buscadores de emoções — corajosos, não invejados e desarmados, a não ser de varas em forquilha e de «pega-cobras» manuais — agulham as fendas dos rochedos e surram as moitas para desentocar mortíferas cascavéis de seu sono hibernar.

Esse perigoso passatempo, iniciado pelos fazendeiros para reduzir o número de cascavéis, que estavam matando seus cavalos, seu gado e suas famílias, é agora a maior fonte de cascavéis vivas do mundo. O 19º espetáculo anual do ano passado, realizado pela Associação Internacional de Caçadores de Cascavéis, sob os auspícios da Câmara do Pequeno Comércio local, atraiu mais de 15.000 pessoas de todas as partes do país e de lugares tão distantes como o Irã.

A caçada propriamente dita é precedida de dois dias de folguedos carnavalescos, incluindo-se a escolha de uma «Miss Encanta-

dora de Serpentes», concurso de altas estórias a respeito de serpentes e a concessão de diplomas de sócio da Ordem do Canino Branco. São conferidos atestados aos intrépidos caçadores da Caçada do ano anterior, que, atacados e mordidos por uma cascavel, sobreviveram.

Depois, cedo, na manhã do terceiro e fatal dia, uma grande cascavel marcada é solta nos morros. Aquêles que a apanhar viva ganha um prêmio de 100 dólares.

O primeiro grupo enviado é composto de caçadores, guias, jornalistas e fotógrafos. Estes últimos são convidados para autenticarem a caçada para aqueles que pudessem zombar ou pôr em dúvida. Depois de uma hora, parte segunda caravana com os que chegaram tarde, sendo seguida, cerca de duas horas depois, por um terceiro grupo de caçadores e espectadores que, antes de aventurarem-se no reino das cascavéis, bem compreensivelmente, quiseram primeiro ir à... igreja.

Nos 20 primeiros minutos, mais ou menos, um silêncio catedralesco paira sobre a caçada, à medida que os perseguidores furtivamente pisam o terreno. Os novatos no arriscado jogo giram a cabeça em tórno, nervosamente, ao mínimo ruído e põem seus «pegadores de cobras» em amedrontada defesa.

CAÇADA DE CASCAVÉIS

Nada de mais acontece e os caçadores novatos ganham segurança uns dos outros e dos veteranos de caras de fantasmas... muitos dos quais preferem ainda usar a vara em forma de forquilha. De repente, ouve-se um medonho tilintar. À medida que a pedreira surge à vista, o novato pára, gelado, somente para ouvir o aterrorizador chocalhar de uma horda de outras cascavéis ali perto.

Neste ponto, o caçador veterano, rapidamente, prende no chão a cabeça da serpente com sua forquilha, mantendo a cobra irremediavelmente presa ao solo, antes que ela possa voltar-se em posição de ataque. Erguendo-a, segura pelo pescoço, atira-a dentro de uma bolsa que trás ao lado.

A caçada continua. Uma suspeitosa abertura na silenciosa ladeira de um barranco de

pedra surge à frente. Um clarão de lanterna sonda a escuridão. Quando o jato de luz nada revela, esguicha-se gasolina no buraco. Dentro em pouco, os vapores fazem sair meia dúzia de cascavéis enfurecidas e forquilhas cravam-lhe as cabeças no chão, enquanto suas caudas açoitam violentamente.

Por vezes ouve-se um grito agudo. Um caçador perdeu seu alvo. Em apenas segundos para enovelar-se, a cobra, com rapidez de relâmpago, cravou dois caninos cheios de veneno para lançá-lo na corrente do sangue do caçador. A vítima é rapidamente carregada para uma ambulância de prontidão e transportada para um hospital próximo.

A caçada dura geralmente cerca de oito horas, após as quais os participantes retornam ao quartel-general, para pesarem suas laba-





eu fico... tem

Synteko

no assoalho!

Synteko é conforto e elegância para seu lar.

Com Synteko no assoalho, não há problemas de limpeza e conservação... não há problemas com a empregada.

Peça orçamento, Fone: **2-6592**

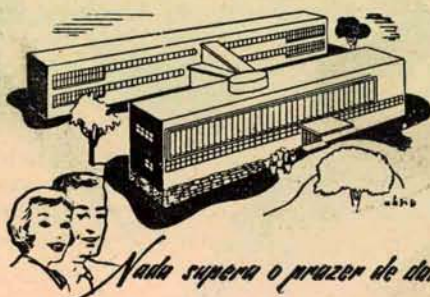
SINTEKO S.A. Rua Rio de Janeiro, 1017

DISTINÇÃO E ORIGINALIDADE

Ofereça o presente que fará o seu nome lembrado durante todo o ano. Ofereça uma assinatura de

ALTEROSA

O presente que chega 24 vezes



Nada supera o prazer de dar

A nossa capital será dotada agora de uma moderna organização hospitalar para a recuperação dos doentes mentais pobres, pelos processos mais modernos da ciência médica, aliados à aplicação da assistência espiritual recomendada pelos ensinamentos do Mestre. Iniciando essa obra de amor cristão, apelamos para os corações que sabem sentir o amor ao próximo, esperando que enviem os seus donativos ao

Hospital Espírita «André Luiz»

SECRETARIA: Rua Rio de Janeiro, 358 — Sala 34
Fone: 2-8360 — Caixa Postal 1718 — Belo Horizonte

redas que se contorcem.

O caçador com a maior serpente e dois peões ganham troféus. Os espécimes premiados são enviados para jardins zoológicos e parques de criação de serpentes. Alguns vão para laboratórios onde o veneno é extraído para fins médicos; inclusive, por ironia, para o único sôro conhecido para picada de cobra. Outros ainda são embarcados para fábricas de conservas onde são reduzidos ao que alguns glutões consideram um delicado manjar.

O preço geral no mercado local de uma serpente é de cerca de 50 centimos a libra. O recorde de caçada foi ganho em 1953 por Bob Bates, da cidade de Midwest, em Oklahoma, e Ralph Kramer, de San Diego, na Califórnia. Juntos, capturaram uma cascavel de seis pés e sete e meia polegadas, pesando 28 libras. Deram-lhe o nome de «Tiny» e foi vendida em leilão por 27 dólares, quase a 1 dólar a libra — Richard Piperno.

Philip e a Menina Chinesa

O Duque de Edimburgo, durante uma recente visita a Hong-Kong, pediu às autoridades que o ajudassem a encontrar uma moça que havia conhecido quatorze anos atrás: «Em 1945, quando era tenente da Marinha, entrei no porto com o meu caça-submarino, a fim de contratar o pessoal para limpar o navio. Entre as pessoas que se apresentaram, havia uma menina de nove ou dez anos, a qual me pediu, suplicante, que a contratasse, não obstante sua idade, assegurando-me de que, com sua agilidade, seria capaz de subir a lugares onde nenhum homem tinha ido até então. Tentei dissuadi-la, mas ela acabou vencendo-me. Lembro-me de que se chamava Ho Kwai-ying e que me fascinou com sua graça».

Com essa indicação e com a ajuda de algumas pessoas, a moça foi encontrada, a bordo de um navio, e conduzida à presença do príncipe Philip, que aproveitou o encontro, para estender-lhe a mão e dizer-lhe: «Está vendo? Não me esqueci de você».

Votos para Hitler

Uma pesquisa de opinião pública indicou que, para os alemães da República Federal, Adolf Hitler ocupa o terceiro lugar, ao lado de dois músicos, Beethoven e Bach, e de um poeta, Goethe, na lista daqueles que mais contribuíram para o engrandecimento da Alemanha. Encabeçando a lista, aparece o atual chanceler Konrad Adenauer e, em segundo, o «chanceler de ferro», Otto von Bismarck.

Passou por 500 Operações

Depois de estar internada desde 1943, tendo sofrido nada menos de 500 intervenções cirúrgicas e tomado cerca de 600 transfusões de sangue, a senhora Rosy Avogadri voltou à sua casa, nas proximidades de Dalmine, (Itália) completamente curada. A senhora em questão, depois de um violento traumatismo psíquico, foi acometida por uma forma raríssima de septicemia crônica, tendo sido visitada pelos mais ilustres e competentes médicos da Europa, que a fizeram objeto de todas as possíveis tentativas de cura.

O milagre do seu restabelecimento deu-se na Clínica de Patologia médica da Universidade de Pavia e foi realizado através de um medicamento russo, pedido por um rádio-amador de Treviglio e enviado à embaixada soviética de Roma.

QUANDO tudo que conhecemos sob a face da terra se vai, a relva ainda cresce, e se algum dia deixar de crescer, então será o fim de todas as coisas que têm vida... (Ricardo Bacchelli)

DE Cármen Carneiro — Um dia nos veremos novamente, um dia que será de libertação e nos reconheceremos imediatamente.

Tudo o que fôr supérfluo terá desaparecido. Todas as fraquezas, as agonias, as dúvidas, as limitações. Ficará só o que é essencial, eterno, ficará o selo da imortalidade, rubro, impresso em sangue, para a grande verificação.

E nos reconheceremos imediatamente. O espaço, a distância, o tempo, nada puderam contra nós. E a resposta ao porquê de tudo que passou e foi incompreensível estará refletida em nosso olhar.

Um dia nos veremos novamente. Essa a esperança que faz ouvir o ressoar dos sinos, que faz da vida um poema de beleza, que faz do sofrimento uma canção.

BENDITO o que, na terra, o fogo fez e o teto: e o que uniu a charrua ao boi paciente e amigo; e o que a enxada encontrou; e o que do chão abjeto fez aos beijos do sol, o ouro brotar do trigo; e o que o ferro forjou; e o piedoso arquiteto que ideou, depois do berço e do lar, o jazigo: e o que os fios urdiu, e o que achou o alfabeto: e o que uma esmola deu ao primeiro mendigo; e o que voltou ao mar a quilha, e ao vento o pano; e o que inventou o canto; e o que criou a lira; e o que domou o raio; e o que alçou o aeroplano.

Mas bendito, entre os mais, o que, no dó profundo, descobriu a Esperança, a divina mentira, dando ao homem o dom de suportar o mundo! (Olavo Bilac)

DE Laura Seabra — Eu sou como uma lâmpada bendita que as almas ilumina na desdita. Dos vencidos da vida sou fanal a livrá-los da treva infernal! Candeia que alumia os navegantes sobre as iras das ondas espumantes! A vida a alguém as ilusões desfez? Prometo refazer-lhas outra vez. Quem sou? A chama inquieta da esperança, a luz de quem espera e sempre alcança!

DE Manoel Moreyra:

Das promessas da Esperança quanto conforto nos vem! Se o Desespêro nos cansa, a Esperança é o maior bem.



Fuga

LEONOR TELLES

«A todo instante
baixa uma mensagem
celestial...
Quantos a
recolhem?...»

DE Petrarca Maranhão — Que morra todo o passado, extinto em nossa lembrança, mas não nos falte jamais a verde luz da Esperança!

OUVI um leve bater em minha porta. Indaguei: — «Quem é?» — respondeu-me uma voz cálida e suave! — Sou filha da confiança, adotou-me a perseverança e a fé. Sou esperada em toda parte e todos me querem. Sou o salva-vida dos desesperados; o maná dos famintos; sou a bonança dos marujos; o abrigo dos desamparados. Todos, em mim, buscam a felicidade. Sou aclamada e bem recebida. Todas as portas se abrem para mim. Deixa-me entrar! Meu nome: Esperança! (Esmeralda Castro Maia)

DE uma página enviada por Alice Rhode — Entre as ruínas, encontrarás, talvez, ainda uma flor azul de esperança. Mas a encontrarás tu? Digo-te que se encontra escondida, lá no mais recôndito dos recessos, entre escombros e onde pouco bate o sol. Queres trazer, em tuas mãos, a minha pequenina flor azul da esperança? Irás buscá-la? Tenho estado aqui à espera durante quanto tempo? Nem sei... mas sei que minha espera não é vã... Busca-a... pois eu te espero...

ELA partiu. E como quem partisse para um passeio que não desespera, sorriu-me apenas e depois me disse que voltaria noutra primavera.

Senti-me triste, mas na minha espera, como de mágoa nada pressentisse, fui cultivando uma feliz quimera, lembrando a frase que ao partir me disse.

Isto se deu há muito tempo atrás, quando eu vivia a vida de rapaz, cuja ilusão em mim já se apagou.

Hoje, pensando, vejo muito bem, que a primavera de ano em ano vem, mas a esperança nunca mais voltou. (Antonio Zoppi)

DE Alfredo Nora — Quando a névoa branquear os teus cabelos, as rugas do tempo vincarem o teu rosto, e as teias da aranha, tecendo a tua velhice, começarem a envolver os teus olhos, diluindo as figuras — espera ainda. Espera porque vai começar a verdadeira vida...

DE A. J. Pereira da Silva — Há, nesta existência, um ditado consolador: A esperança é a última que morre. Lêdo engano: a esperança, na criatura humana, jamais morre. Ela é eterna, porque renasce a cada fracasso, a cada tragédia, a cada crepúsculo?...

E a morte — não será um crepúsculo?

O DESAFORTUNADO SALTEADOR

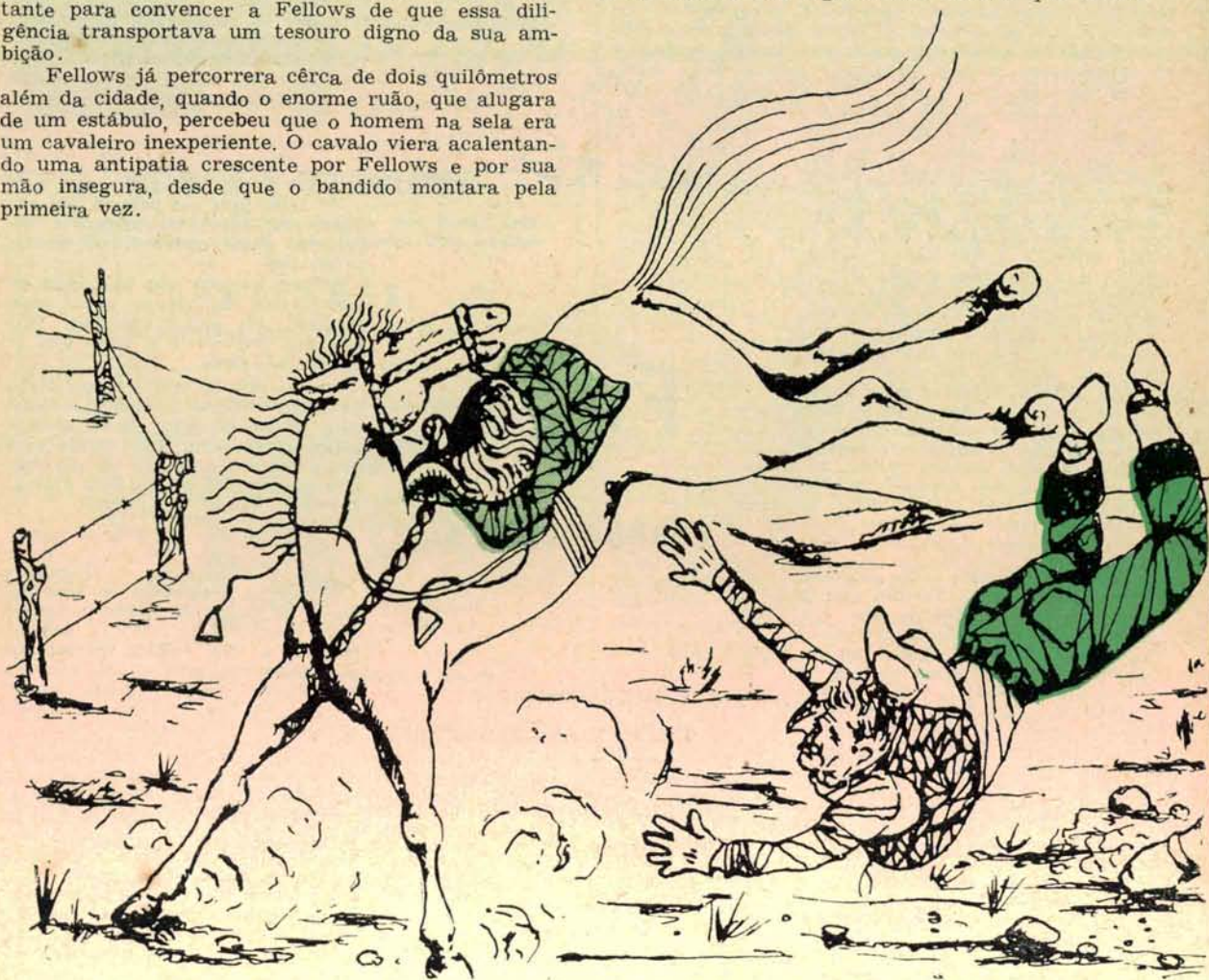
NA manhã de 4 de dezembro de 1879, um barbudo ex-presidiário chamado Dick Fellows cavalgou em direção sul, deixando para trás a cidade de Caliente, na Califórnia. Enquanto cavalgava, imaginava um plano de adquirir uma fortuna em ouro e fama imorredoura como o maior assaltante de diligência da história do Oeste.

Um pouco antes, naquele dia, o bandido avistara James Hume, chefe dos detetives da «Wells Fargo», e Jerome Meyers, Chefe de Polícia de Stockton, em cima da diligência, em Caliente. A vista de dois dos maiores homens da lei, no Oeste — armados de espingardas e viajando ao lado do cocheiro — foi o bastante para convencer a Fellows de que essa diligência transportava um tesouro digno da sua ambição.

Fellows já percorrera cerca de dois quilômetros além da cidade, quando o enorme ruão, que alugara de um estábulo, percebeu que o homem na sela era um cavaleiro inexperiente. O cavalo viera acalentando uma antipatia crescente por Fellows e por sua mão insegura, desde que o bandido montara pela primeira vez.

Exatamente depois da curva, havia um grupo de árvores, onde Fellows planejava esperar em emboscada pela diligência carregada do tesouro. O cavalo decidiu que já agüentara o bastante. Estacou abruptamente, pisoteou a terra e, resfolegando raivosamente, jogou o bandido de cabeça para baixo na estrada poeirenta. O ruão virou, então, e galopou de volta para a cidade, deixando o fora-da-lei aturdido e humilhado, à beira da estrada.

Esse incidente era típico das frustradas incursões de Dick Fellows no banditismo. O que era (para êle) um paradoxo acabrunhante. Porque, quando se tratava dos ingredientes básicos que faziam



Era inteligente, vigoroso e corajoso como um tigre. Mas quase tôdas às vèzes que tentava montar um cavalo, êle se saía daquele jeito : revirava de cabeça para baixo na poeira.

tudante em Harvard. Audaz e imaginativo, era um brilhante planejador.

Fellows tinha um defeito sério : não era capaz de montar a cavalo. Durante seus 13 anos como bandido, tentou 28 assaltos a diligências. Agarrou com sucesso mais de 100.000 dólares e quase destruiu a confiança pública na «Wells Fargo». Contudo, viu milhões irem-se embora, enquanto mordida o pó amargo da estrada, pois, em seus tempos, foi revirado à carroça do empório geral. Destramente, cavalos, desde puros-sangues até animais de tração. Sua inabilidade em pular à sela com o desembaraço de outros homens maus rotulou para sempre a Dick Fellows como o fora-da-lei mais inepto que o Oeste jamais conheceu.

Fellows chamou, pela primeira vez, a atenção dos mantenedores da ordem, na Califórnia, no in-

verno de 1869. O Xerife de Santa Bárbara caiu em cima da sela quando a diligência da Coast Line chocalhou cidade a dentro sem a caixa de dinheiro. A menos de quinhentos metros de distância do assalto, o servidor da lei encontrou o audacioso bandido — Dick Fellows — esguêlendo : «Levanta !» — enquanto se agarrava desesperadamente à égua malhada.

Essa foi a primeira vez que um cavalo mandou Dick para a cadeia. Fellows cumpriu quatro anos e voltou sem vintém para Caliente. Agora, enquanto subia penosamente à sela e encetava o caminho de volta da cidade, queimava de vergonha de seu último fiasco. Então, súbitamente, uma oportunidade de restaurar o respeito próprio se apresentou. Surgiu sob a forma de um cavalo amarrado à carroça do empório geral. Destramente, Fellows desamarrou as rédeas, trepou nêle e disparou para fora da cidade, a fim de tocaiá a diligência que viajava para o norte.

De alguma maneira, conseguiu grudar-se à montaria durante a sua disparada. Quando a diligência apareceu, aos solavancos, esporeou o cavalo de trás de uma rocha, agarrou seu revólver de seis tiros pendurado num coldre e rugiu o clássico : «Jogue a caixa no chão !»

A caixa rolou no chão e Fellows, com um aceino, mandou embora o assustadíssimo cocheiro. Então, levantou a arca e dirigiu-se vacilando para o cavalo. O animal deu um olhar assustado ao barbudo e à sua carga desajeitada e partiu como um raio estrada abaixo. Fellows ficou enalhado com uma caixa da «Wells Fargo», sem cavalo e diante da perspectiva de uma milícia de bons cavaleiros fechando o círculo.

Fellows saiu pelo campo a fora, procurando desesperadamente um esconderijo. A uma distância de apenas quilômetro e meio, os trabalhadores da Estrada de Ferro do Pacífico Sul estavam atarefados na construção do leito da estrada. Ao pôr-do-sol, dirigiu-se a esta cena : uma vasta mixórdia de dormentes, trilhos e terra revolvida. Estava escuro como breu, quando descobriu seu esconderijo. De repente, tropeçou e mergulhou cinco metros e meio num túnel, quebrando a perna esquerda.

Ondas de dor corriam pelo corpo, mas Fellows deu um jeito de arrastar para fora, e forçar a caixa da «Wells Fargo», que continha 1.800 dólares. Adaptou dois galhos forquoados num par de muletas e partiu mancojeando para as montanhas Tehachapi.

Em sua fuga, passou por uma fazenda branca e bem tratada. Peado, ao lado da casa, encontrava-se um cavalo de arado, de costas largas, que estava com sela e freio. O desafio era irresistível. Fellows nunca podia ver um cavalo sem se imaginar majestosamente escanchado no corcel, carregando o produto de um ousado furto. Subiu penosamente à sela, enfiou os calcanhares nos flancos do animal e se afastou.

A batida agradável do couro contra o assento de suas calças ajudou a dissipar a dor terrível da perna quebrada. Fellows cavalgou triunfante durante quilômetros — diretamente para um «canyon» sem saída. Uma milícia selou a entrada, antes que pudesse virar o cavalo. Sua pista tinha sido facilmente descoberta pelas marcas esquisitas dos cascos do cavalo : três ferraduras regulares de cavalo e uma de burro.

Durante seis meses, Fellows ficou prostrado na cadeia de Bakersfield, enquanto os dois pedaços do osso colavam. Considerou os efeitos que os cavalos exerciam sobre a sua carreira e chegou a uma decisão :



— Não será um animal idiota que vai me atrapalhar — disse ao carcereiro. — Quando eu sair daqui, vou praticar tanto até conseguir montar como um soldado da cavalaria.

As sessões de prática de Fellows deviam sofrer um longo adiamento. Foi considerado culpado de assalto à mão armada e condenado a oito anos na Prisão de San Quentin. Antes que as autoridades pudessem transferi-lo para a prisão, escapou da raquítica cadeia de Bakersfield e, ainda com muletas, empreendeu simultaneamente uma prática de equitação e a fuga.

Encontrou um garanhão malhado, mastigando feno, calmamente, no curral de um rancheiro, deslizou para dentro do estábulo e se apropriou de uma sela. Aproximou-se então do cavalo, cheio de determinação. O orgulhoso garanhão deu um olhar à figura coxeante, considerou-a desdenhosamente, e trotou para longe. Fellows estava segurando ainda a sela quando a milícia do Xerife chegou.

Fellows cumpriu a sua pena na prisão e depois retomou as suas tentativas de se tornar o maior salteador da história. Com seus últimos dólares, comprou um cavalo e praticou dar um pulo à sela e correr para baixo e para cima, a meio galope, pelas estradas da Califórnia do Sul. Seu corcel tinha um pêlo da cor de barro, patas magricelas e um andar cheio de solavancos. O treinamento continuou por mais dois meses. Fellows sentiu que agora estava pronto para tomar a posição a que tinha direito, em cima de um cavalo e nos anais do crime.

De julho de 1881 a março de 1882, Dick Fellows assaltou 19 diligências. Os corretores estavam tendo dificuldades em encontrar clientes que quisessem embarcar seus bens pela «Wells Fargo». O detetive-

chefe Hume tomou o comando pessoal da caçada e a companhia inundou o Oeste com circulares descrevendo o bandido. As ofertas de recompensa cresciam cada vez mais, e mais homens da lei foram convocados para caçar Fellows.

Em 22 de março de 1882 Hume e um esquadrão de detetives chegaram a Santa Bárbara, apenas 20 minutos após uma diligência pilhada da «Wells Fargo» entrar na cidade. O cocheiro estava certo de que o assaltante fôra Fellows.

A esse tempo, Fellows vinha sendo bem sucedido em cima de selas havia mais de ano, sem infortúnios. Mas, naquela tarde de primavera, seu demôniozinho equino voltou a lhe fazer diabruras. A um quilômetro do assalto, seu cavalo tropeçou num buraco e quebrou a pata direita dianteira. Fellows tristemente dispôs de seu animal — o único cavalo que o tolerara — e surgiu num celeiro próximo, à procura de outra montaria.

Encontrou um enorme cavalo de fazenda. Quando Fellows montou, a alimária aprontou tal confusão que dois empregados da fazenda vieram correndo, empunhando forquinhos. Ali estava o mais temido bandido da Califórnia, Dick Fellows, com uma perna presa ao estribo, pulando desesperadamente com a outra, enquanto o cavalo trotava em voltas pelo celeiro.

Exatamente um mês depois, Fellows foi condenado a passar o resto de sua vida na Prisão Folsom, na Califórnia.

O Rei Ricardo III oferecera, uma vez, seu reino por um cavalo. A inabilidade de Dick Fellows em montar lhe custara 30 anos atrás das grades e o rotulava como o bandido mais inepto da história do Oeste. — **Fred Warshofsky.**

☆☆☆

Um Ex-Boxeur no Legislativo Mineiro

Continuação da pag. 17

atual deputado petebista começou a excursionar como boxeur. Faz questão de mostrar os recortes alusivos à sua condição de lutador para o repórter e se justifica:

— Não quero que ninguém pense que estou mentindo...

* * *

O deputado Waldomiro Lobo pertence ao grupo petebista para o qual é «Deus no Céu e Getúlio (mesmo morto) na terra». Conta que se trata de uma amizade antiga. No dia que o ex-Presidente morreu, o deputado Waldomiro Lobo, comandou uma multidão que caminhava pelas ruas de Belo Horizonte, dando uma solidariedade póstuma a Vargas.

— Getúlio era meu amigo mesmo — conta o parlamentar trabalhista, que acrescenta — e só entrei para a política graças a ele.

Homem que gosta de conversar, (sempre pára com os eleitores e amigos na rua) Waldomiro Lobo tem sempre histórias para contar sobre sua vida, e diz que «minha vida dá um livro». Gosta de provar tudo que fala: saca um álbum com recortes de jornais nacionais e estrangeiros, com fotografias, e entre estas aponta

aquela em que aparece ao lado de Getúlio Vargas e Benedito Valadares, no tempo da ditadura. Esse álbum revela os aspectos do Waldomiro Lobo, artista de teatro e do rádio, e do homem que já gostava de uma luta.

— Sempre tomei atitudes: não é só como político que passei a fazê-lo...

Apresentando-se em teatros da América do Sul, do México, de Portugal, o deputado Waldomiro Lobo, que trocou a profissão de boxeur pela de artista, era chamado de «artista múltiplo», porque fazia de tudo: cantava, declamava, imitava, escrevia versos, mostrava ao estrangeiro como era o homem brasileiro.

Fazendo parte do elenco que apresentava, quando Getúlio já era ditador, a revista «Rumo ao Catete», vem daí a ligação com Vargas. Como artista, em festas, o hoje deputado Waldomiro Lobo sempre se encontrava, aqui ou no Rio, com Getúlio. Chegou 1946 e os choferes de praça, em Belo Horizonte, organizaram uma manifestação para Vargas, que disputava um lugar de Senador pelo Rio Grande do Sul. A surpresa de todos foi enorme, quando o ex-

Presidente, em vez de falar agradecendo, deu a palavra a Waldomiro Lobo que discursou em seu nome.

— Ai os partidos me cercaram: todos me convidavam para ser candidato a vereador...

Seu prestígio em Belo Horizonte, para onde veio em 42, era grande. A razão: criara um personagem (caipira) «Chico Fulô», que até hoje ele apresenta na Televisão Itacolomi, na Capital de Minas, e isso o fazia conhecido.

— A vida de artista sempre foi o principal para mim: eu não tenho temperamento de político...

Mesmo assim aceitou disputar um lugar de vereador pelo PTB. Só fez campanha, segundo afirma, durante dez dias: colocou uma mesinha com cédulas na rua. Nova surpresa: teve mil duzentos e cinquenta votos. Estava eleito, tranquilamente.

Como vereador em Belo Horizonte, o deputado Waldomiro Lobo lembra, como fato marcante de sua atuação, o seu papel na greve dos ferroviários da Central do Brasil, em 48.

— Fui um dos líderes...

Quando o mandato estava qua-



Para provar que o preço da lenha era muito caro, o deputado Waldomiro Lobo apareceu uma vez (foto) com dois pequenos feixes na Assembléia Legislativa. Houve risos e espanto no plenário e nas galerias.

se no fim, recebeu a incumbência de, em nome dos petebistas mineiros, ir falar com Getúlio em São Borja. Objetivo: forçá-lo a aceitar o lugar de candidato a Presidente da República. Da conversa nasceu a idéia («foi de Getúlio», diz ele) do vereador Waldomiro Lobo candidatar-se a deputado estadual.

— Temos muitos que têm dinheiro — disse Getúlio — mas não têm voto. Você não tem dinheiro, mas tem voto...

Surgiu como candidato, fazendo a propaganda eleitoral com retratos ao lado de Vargas. Teve 5.908 votos, elegendo-se. Candidato outra vez, os eleitores lhe deram 12 mil votos; e no último pleito subiu mais ainda: foi o segundo mais votado de Minas, com dezenove mil oitocentos e três votos. Seus adversários o chamam de demagogo e citam, como justificativa, a sua organização para dar apoio ao tuberculoso, que mantém agora, segundo afirma o deputado Lobo, cento e dezessete doentes. — «E' uma organização caça-votos», dizem os adversários. O deputado Waldomiro Lobo sorri ao ouvir isso, e pergunta:

— Quem já viu eu fazer campanha eleitoral com base no meu apoio ao tuberculoso pobre? Peço que alguém me prove isso. Faço campanha, mas não dessa maneira...

De fato, sua campanha se processa à base de outras iniciativas que tomam como base o combate aos chamados «tubarões». No último pleito uma camioneta carregava pelas ruas de Belo Horizonte um grande painel, com uma caricatura do deputado Waldomiro Lobo, em que ele aparecia com um

porrete na mão, e onde se lia: — «Desce a ripa Waldomiro». Sua atuação na Assembléia Legislativa está marcada pelo combate, e ele é o dono de alguns assuntos: — leite caro, carne cara. Defende sempre os cinco mil mineiros que trabalham perto de Belo Horizonte, na Mina de Morro Velho, em Nova Lima, e se declara independente.

— Sempre fui um rebelde, um independente...

Dono do voto de um eleitorado humilde (em posses) essa confiança foi adquirida na base da defesa de assuntos tipicamente populares, muito ligados às dificuldades da gente mais pobre. Contudo ainda o chamam de demagogo.

— Na acepção da palavra eu sou um demagogo, pois demagogo quer dizer condutor de multidões, e eu sou um condutor de multidões... Mas da desgraça alheia eu nunca zombo: por isso não peço votos aos tuberculosos pela ajuda que lhes dou...

Quando o possedista Alvaro Salles quis dar um tiro, o deputado Waldomiro Lobo regressava de Aimorés (Minas), onde tinha havido um crime de origem política. Lá o deputado Alvaro Salles é um dos reis — e o depoimento do deputado Waldomiro Lobo, como integrante de uma comissão enviada pela Assembléia para apurar tudo, contrariou os interesses do «rei». Diz o deputado Waldomiro Lobo que não quer tentar a Câmara Federal, mesmo sabendo que se elegeria: gosta de ficar em Minas, eis o motivo. E confessa que prefere não falar em política, ficando comovido ao se lembrar da sua vida de artista.

— Eu gravei e componho desde 1930... (Conclui na pag. 65)

MEU PAI AUSENTE

NÃO, meu pai não morreu. Nem viajou. Mas eu o chamo de «ausente» porque meu pai é um homem que vive correndo, cercado de preocupações por todos os lados. Meu pai só existe através dos brinquedos que me dá; quando o vejo é sentado à mesa, devorando e almoçando e saindo depressa para um «novo negócio»; também o vejo no escritório de nossa casa, consultando papéis, ainda por causa dos «seus negócios». Nas raras vezes em que nos faz companhia em frente à televisão, é cochilando o tempo todo naquela «cadeira do papai» que mamãe comprou o ano passado para eu lhe dar de presente no «seu dia»...

Eu sei que meu pai gosta de mim, pois trabalha tanto pensando no meu futuro. Às vezes fico pensando se vou precisar de tanto dinheiro quando crescer. Pelo jeito, nunca irei trabalhar, pois terei dinheiro, apartamento, terrenos e carro! Fico triste quando vejo meu pai cansado penso que a culpa é minha. Se eu não existisse, meu pai não precisaria trabalhar tanto! Que carga eu sou para ele!

Já com meu vizinho a coisa é bem diferente! Seu pai não é homem cercado de preocupações, embora tenha menos dinheiro que o meu. Sempre arranja tempo de passear com o filho; almoça devagar, enquanto conversa com o seu menino. Conserta-lhe os brinquedos velhos e lhe conta belas histórias. E' verdade que o meu vizinho não tem a metade dos brinquedos que eu tenho; não tem tanta fruta na mesa; não tem um carro à porta; nem roupas modernas; quando sai da escola não tem babá que lhe carregue a pasta nem dinheiro para o loteação; mas se o boletim vem com uma nota baixa, o pai compreende e o ajuda a melhorar a nota. O meu diz logo que «não vai sustentar vagabundo em colégio caro» — e assina o boletim de mau humor. Como eu gostaria de dar prazer a meu pai e de lhe evitar tanto desgosto, mas ele nunca tem tempo de me ouvir; eu quero que ele saiba quanta vontade eu tenho de o ver trabalhar menos por minha causa e me fazer mais companhia. Não quero ser uma carga para ele!

Meu pai ausente, que nunca me pode ouvir, que só pode me dar presentes! — M. Cunha.



Saudade

Zênith Feitoza

Saudade ! A chama lívida e indecisa
de um círio a arder, sob o furor do vento,
em aposento humilde onde desliza
um hibernal crepúsculo nevoento...

Saudade ! A imponderável mão da brisa
dando sensível estremecimento
à ingênua e simples hera que tapiza
de verde um muro em desmoronamento...

Saudade ! O brilho intenso e dolorido
de um fundo pranto, a custo reprimido,
ardendo nos serenos olhos meus,

pela distância que entre nós se espalma,
fazendo repetir-se na minha alma,
com agudas vibrações, o teu adeus !

Esparsos



Eu chorarei amanhã

Eu chorarei amanhã
Quando as palavras nascerem
à beira do meu silêncio.
Quando mãos cortarem
As raízes do meu coração.
Quando olhos me fitarem
Na distância do nunca mais...

Eu chorarei na sombra
De mim mesma
Na hora que quebra
O olhar bebendo
Últimos fatos...

Eu chorarei porque
A angústia é o prenúncio
De que chorarei amanhã...

Wanda de A. Prado



Uma luva

Que luva de mimosa fidalguia !
Alva, sutil, venusta, recamada...
Tão mimosa e gentil, que se diria
Guipura de Veneza recortada.

Quem de mão pequenina e delicada
Nela calçara os dedos, algum dia,
Que não a contemplasse, extasiada,
E não sentisse, em êxtase, alegria ?

Mas, talvez, por contraste a tanta alvura,
Uma gota de sangue, na pureza
De um dos dedos, manchava tal candura.

Espinho cruel magoou quem a calçara,
E, picando, pôs ainda mais beleza
Na fina luva de beleza rara !

Adazil Corrêa

Ex-Boxeur no Legislativo

Conclusão da pag. 63

Ele tem realizado, mesmo como deputado, temporadas na Televisão Itacolomi, encarnando o personagem «Chico Fulô», que chama de «vedete de minhas criações», e se sente feliz. Dá o motivo: mesmo os filhos de seus inimigos políticos gostam, e pedem aos pais que parem o carro na rua para verem o deputado Waldomiro Lobo passar, enquanto gritam:

— «Ei, Chico Fulô».

Nada melhor para ele. Mas voltando à política ele diz ter simpatias grandes pelo Sr. Magalhães Pinto, presidente da UDN, e seu candidato ao Governo de Minas. Mas a sua alegria é mesmo a música, e atualmente está com um samba pronto, que se chama «Falem de Mim». Terminando pede ao repórter, outra vez:

— Diga que não guardo rancor de ninguém.

☆☆☆

VOCÊ SOBE ESCADAS?

Sempre que o poeta Carl Sandburg sobe escadas, tem o cuidado de juntar os dois pés em cada degrau, para ter a certeza de que não está subindo muito depressa. Sem dúvida, essa atitude está de acordo com a opinião médica de que a ação de subir escadas força muito o corpo, particularmente o coração. Mas, porque muitas pessoas exageram o número de degraus que sobem, elas e seus médicos são excessivamente cautelosos, segundo o que afirma Bert Hanman, médico da Organização Mundial de Saúde e da Companhia de Seguros de Vida John Hancock.

Muita gente acredita gastar cerca de uma hora por dia subindo escadas, mas, usualmente, tal não passa de um exagero, afirma Hanman, cujos estudos mostram que, em média, uma pessoa que sobe dois degraus por segundo pode alcançar o último dos 102 andares do «Empire State Building» em apenas 15 minutos, sem contar os períodos de descanso. Uma pessoa mais vagarosa pode vencer os 1.860 degraus em cerca de meia hora!

«A PROVEITE o pó amarelado que cai dos pinheiros e prepare com ele um líquido para embelezar o rosto» — recomendava Catarina Sforza, em 1500, e o grande médico, seu contemporâneo, Marinello, aconselhava às mulheres «o pó das flores», para corrigir os defeitos do rosto. A cosmética moderna descobriu os pólenes graças especialmente às pesquisas de cientistas suíços, que descobriram o quanto tais elementos são ricos em fatores de crescimento e nutrição cutânea. De fato, os pólenes contêm, em média, 35% de proteínas, 40% de açúcares de diversos tipos, 5% de gorduras, 3% de substâncias minerais e outros elementos, como o cálcio, fósforo, magnésio, ferro, etc., 3 a 4% de umidade, dando um total de 87%. Para chegar a 100, faltam apenas 13% de substâncias das quais apenas algumas foram identificadas (como a aneurina, o ácido pantotênico, etc.). Já também acham-se representadas as vitaminas dos grupos A, B, C, D e E. Esse complexo, notavelmente rico, é completado por hormônios, fatores de crescimento e anti-bio-

AS ABELHAS

E A

BELEZA

DA MULHER



ticos: tudo isso concentrado ao máximo, em um volume extremamente pequeno, já que cada grão de pólen mede apenas alguns centésimos de milímetro.

A eficácia do pólen é comprovada seja pela aplicação oral seja pela aplicação cutânea, e esse emprêgo cosmetológico foi estudado especialmente na França; mas foi uma esteticista suíça, Maria Entrich, que, por ocasião do X Congresso Internacional de Estética e Cosméticos de Bruxelas, apresentou um relatório completo sobre as suas experiências de aplicações dos pólenes nos tratamentos de beleza.

A presença no pólen de ácidos nucleares concorre para aumentar a ação endérmica das substâncias de pólen. Os pólenes contêm, também, pigmentos que variam e, para evitar uma pigmentação cutânea, é necessário encontrar famílias de vegetais que possam fornecer um pólen o mais incolor possível. A família das orquídeas é a mais indicada para esse caso.

As mesmas substâncias que constituem o pólen, ligadas aos fatores de crescimento apontados pelos processos bioquímicos e metabólicos, colocadas em operação pelas abelhas, são encontradas na geléia real. Os estudos sobre o poder vitalizante do pólen partiram exatamente da observação do desenvolvimento rapidíssimo das larvas das abelhas, as quais, nutridas com o pólen misturado ao mel e à água, multiplicavam 1.500 vezes o seu peso, em apenas seis dias. De grande valor também foram as observações de biólogos russos, que descobriram no pólen misturado ao mel, do qual se alimentavam diariamente, a causa precípua da longevidade de um grupo de apicultores ultra-centenários.

O pólen das flores e a geléia real encontram-se entre as matérias-primas cosmetológicas de grande valor biológico e endérmico, e a sua absoluta inocuidade, aliada ao seu alto conteúdo de fatores de crescimento e de vitalização dos tecidos, transforme esses dois elementos no mais precioso presente que a natureza tem oferecido à ciência moderna.

A BELEZA DO

pescoço

PARA começar, leitora, dê uma olhadela no espelho e veja se os seus ombros e o seu pescoço estão em perfeita ordem. Saiba que, muitas vezes, as pequeninas manchas e os sinais indesejáveis têm o mau hábito de se ocultar, somente aparecendo quando você veste um vestido decotado, ou quando enverga trajes de banho — e, então, parecem duas vezes maiores!

A beleza das costas começa na hora do banho. Uma escova de cabo longo usada com vivacidade e com o auxílio de uma rica espuma de sabão é o bastante para pulosamente limpas, além de conservar as suas costas estimulando a circulação, ajudando a remover as impurezas que ficam sob a superfície. Também os cotovelos são beneficiados por esse tratamento, já que se livram das tão indesejáveis dobras escamosas. As pequenas manchas e os poros fechados são típicos das regiões gordurosas, mas uma limpeza diária com uma mecha de algodão embebida em água de colônia ou em uma loção adstringente resolve o problema.

Qualquer mancha sobre a pele

poderia ser rotulada com a expressão: «toque com cuidado». De fato, é uma questão vital essa de se resistir à tentação de espremer as manchas, até que se forme uma intumescência e a parte arruinada fique coberta apenas por uma leve camada de pele. Neste caso, você deve envolver a ponta dos dedos com um algodão e apertar de leve, para desobstruir a mancha. Feito isto, enxugue o lugar com um tecido fino e coloque aí uma gotinha de loção antisséptica como uma precaução extra. A aplicação de um pouco de loção de calamina ajudará a cicatrizar o lugar ofendido.

Muitas vezes, as manchas que surgem no ombro são causadas pelas alças muito apertadas que você usa. Previna-se, pois, contra elas, cuidando de verificar se as alças não a apertam demasiado. Uma fita de veludo costurada ao longo das alças, na sua parte inferior, é excelente meio de prevenir contra aquelas marcas vermelhas, que a impedem de usar um vestido que deixa os seus ombros descobertos.

O ideal para usar com as roupas de verão é um «soutien» com

alças que se ajustem a diferentes larguras.

Um decote pode ser muito bonito e muito trabalhoso, mas perderá toda a sua graça se estiver contornando um pescoço escuro, manchado e feio. Não se tem dúvida de que a água e o sabão, aplicados diariamente, constituem elementos indispensáveis e de grande eficácia para a limpeza do pescoço, mas pode ser que não bastem para remover as manchas que porventura existam. Neste caso, você deve lançar mão de outros recursos. Por exemplo: suco de limão com magnésia ou uma mistura de uma colher de sopa de água oxigenada com duas gotas de amônia. Molhe um algodão na mistura e passe em volta do pescoço, deixando que o líquido aí permaneça por uns 10 minutos. Se a sua pele for demasiado seca ou sensível, aplique uma leve camada de creme nutritivo, logo depois.

Cuidando bem do seu pescoço, você não precisa preocupar-se com a maquiagem, ao usar vestidos decotados. Basta espalhá-la bem, para que não apareça a linha onde termina a maquiagem facial.



1



2

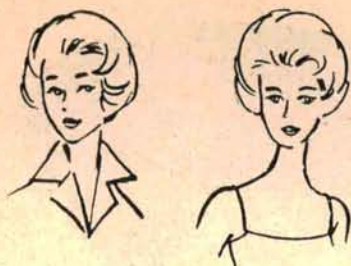
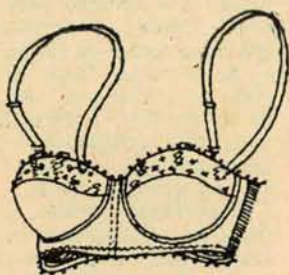


3



BAZAR FEMININO

→
Bonitos ombros, expostos sem constrangimento, constituem o ponto alto da estação quente. E, para que você fique livre dos problemas das alças apertadas, aqui está uma solução: um "soutien" de nylon e elástico, bordado, contendo 5 maneiras diferentes de ajustar as alças. Também pode ser usado sem elas.



4



O formato do seu rosto determina o tipo de decote que lhe fica melhor. Procure, pois, escolher inteligentemente.

1 — Rosto redondo — Sua linha é aquela que lhe dá comprimento. Blusas e vestidos com golas longas e decotes em V dão muita graça e elegância à sua cabeça e realçam a elegância dos seus ombros. Evite os decotes redondos que fazem o seu rosto ficar mais redondo.

2 — Rosto Longo — Os decotes que lhe ficam melhor são os do tipo «canoa». Os decotes em V só farão acentuar ainda mais o comprimento do seu rosto.

3 — Pescoço Curto — O que lhe assenta muito bem é ainda a linha longa. Um decote em V, não muito amplo, é o ideal. Mas, por favor, não procure afundar-se em decotes altos!

4 — Pescoço, Fino, Ombros Ossudos — Ficam-lhe muito bem as golas grandes e as do tipo camisa. Use-as levantadas atrás, o que lhe dará um ar mais casual. As alças finas e os decotes quadrados só servirão para acentuar mais ainda a finura.

QUANDO ÊLE

BAZAR FEMININO

LEITORA amiga, você agora vai passar as férias em uma fazenda, e levará as crianças; durante um mês, deixará seu marido sozinho. Serão, na certa, quatro longas semanas em que ele sentirá a casa completamente vazia... Pois bem, antes de sua partida, procure organizar cada peça da casa, para ajudá-lo para que ele não sinta, nem de leve, a impressão de estar abandonado. Assim, você poderá desmentir o provérbio «longe dos olhos, longe do coração». Para isso, aqui estão algumas sugestões:

A cozinha — É' onde ele tomará o seu café da manhã e, de quando em vez, fará a sua refeição da tarde. Reúna tudo aquilo de que terá necessidade, colocando tudo ao seu alcance, pois ele não é obrigado a conhecer os seus pequenos truques na colocação de objetos.

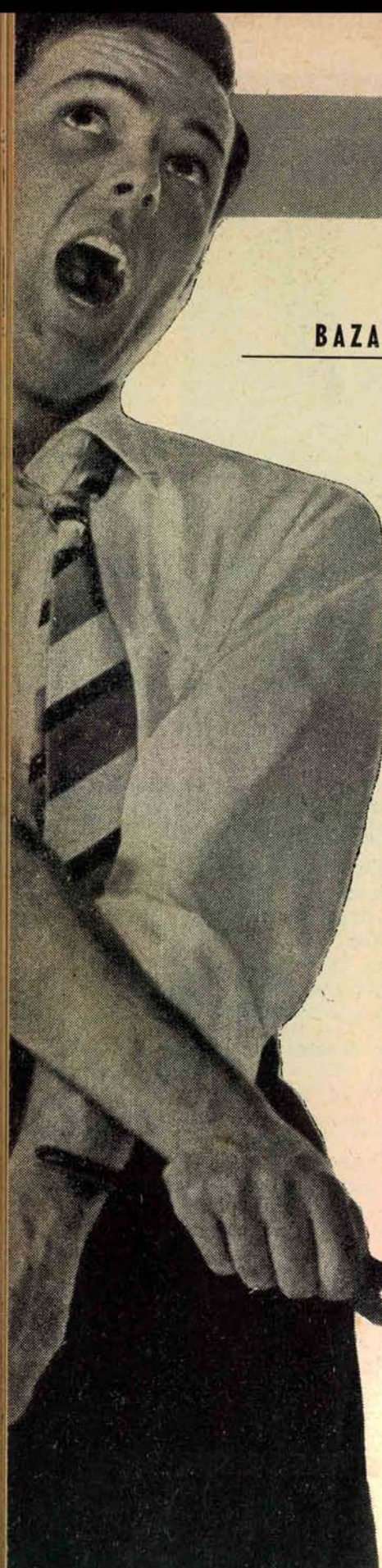
Calcule mais ou menos a quantidade de açúcar, de café, de chá, de biscoitos, etc., de que ele vai precisar, e deixe tudo em ordem, colocando em um local bem visível todos os utensílios de que ele irá necessitar.

Naturalmente, seu marido quererá jantar em casa, vez por outra, e terá imenso prazer em encontrar tudo aquilo que lhe pode proporcionar uma refeição rápida: tomates, ovos, conservas, molho, mostarda, etc. Organize, pois, o seu armário de provisões: batatas, salsichas, latas de sardinha e de camarão, legumes, etc. Não se esqueça de verificar se há óleo de salada, vinagre, sal e pimenta. Sem dúvida, você jamais usará o açúcar em lugar do sal, mas pode ser que isso suceda com ele e, por isso, é melhor que você coloque dois rótulos bem grandes nos recipientes desses dois elementos, para evitar desastres.

Deixe também à sua disposição uma pilha de panos de prato e um avental, para que ele não corra o risco de sujar-se na cozinha.

Na sala — É' bem possível que uma noite ele queira tomar um aperitivo em companhia de um amigo e o convide para ir a sua casa. Cuide de verificar se as garrafas estão em ordem e cheias, e, se costuma fazer provisão de cigarros e fósforos, não se esqueça de verificar a existência deles, pois, sem dúvida, ele ficará decepcionado se, ao abrir uma caixa, encontrá-la vazia.

Importante também é que você deixe em evidência os medicamentos de que ele poderá necessitar, tais como mercúrio-cromo, algodão, analgésicos, etc.. Lembre-se também de deixar em ordem os utensílios do quarto de banho.



FICA SÒZINHO

Durante a sua ausência, a casa deve continuar a viver, mas não espere que seu marido vá passar a enceradeira no chão ou retirar a poeira dos móveis. E' claro que esse trabalho deverá ser feito pela arrumadeira que, instruída por você, deverá ir a sua casa regularmente cuidar da arrumação, molhar as plantas e tratar dos pássaros. Para ele, será maravilhoso encontrar a casa sem-

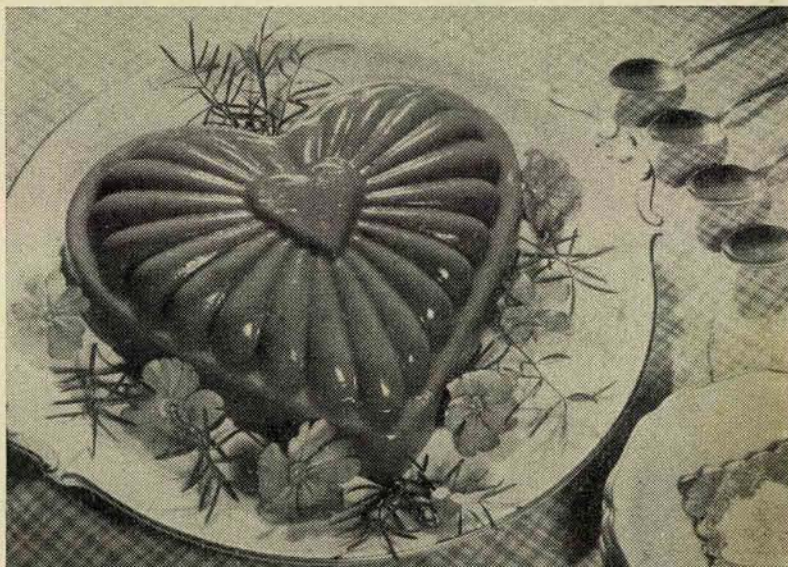
pre em ordem. Verifique também se as suas roupas estão em estado perfeito, para evitar-lhe o risco desagradável de encontrar uma camisa sem botão ou com o colarinho amassado.

Finalmente, não se esqueça de escrever-lhe com frequência, dando-lhe notícias das férias, contando-lhe a respeito do progresso das crianças; mas por favor, não faça de suas cartas uma série de

recomendações ou de perguntas aborrecidas. O que é que você tem comido? Você tem pensado nisto? Não se esqueça daquilo... Cuidado com aquilo outro... Procure deixá-lo à vontade e, ao regressar, não se espante pelo fato de não encontrar a casa na mesma ordem habitual. Se você observar bem, chegará à conclusão de que, apesar de tudo, ele não se saiu tão mal assim.

Ingredientes

5 ovos
1 lata de leite condensado
A mesma medida de
leite de vaca
1 barra de chocolate



De fácil preparo, esta sobremesa completa bem o seu jantar.

Pudim de Leite Condensado e Chocolate

Modo de fazer :

Ferva o leite de vaca e desmanche nele o chocolate, deixando-o esfriar.

Bata os ovos inteiros no liquidificador ou no batedor de ovos e, quando estiverem bem batidos, adicione-lhes o

leite condensado e o leite de vaca, misturando tudo muito bem. Coloque a massa em uma fôrma untada com calda queimada e leve ao forno, para que o pudim tome consistência.

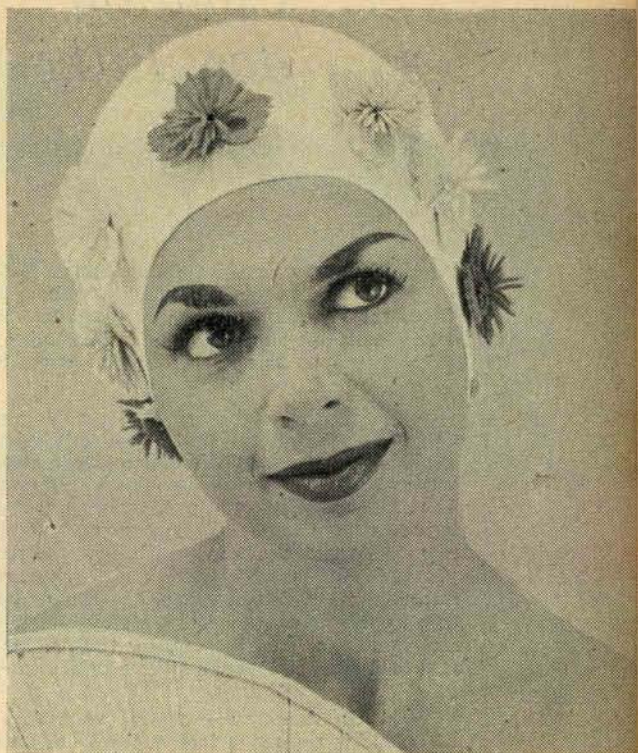
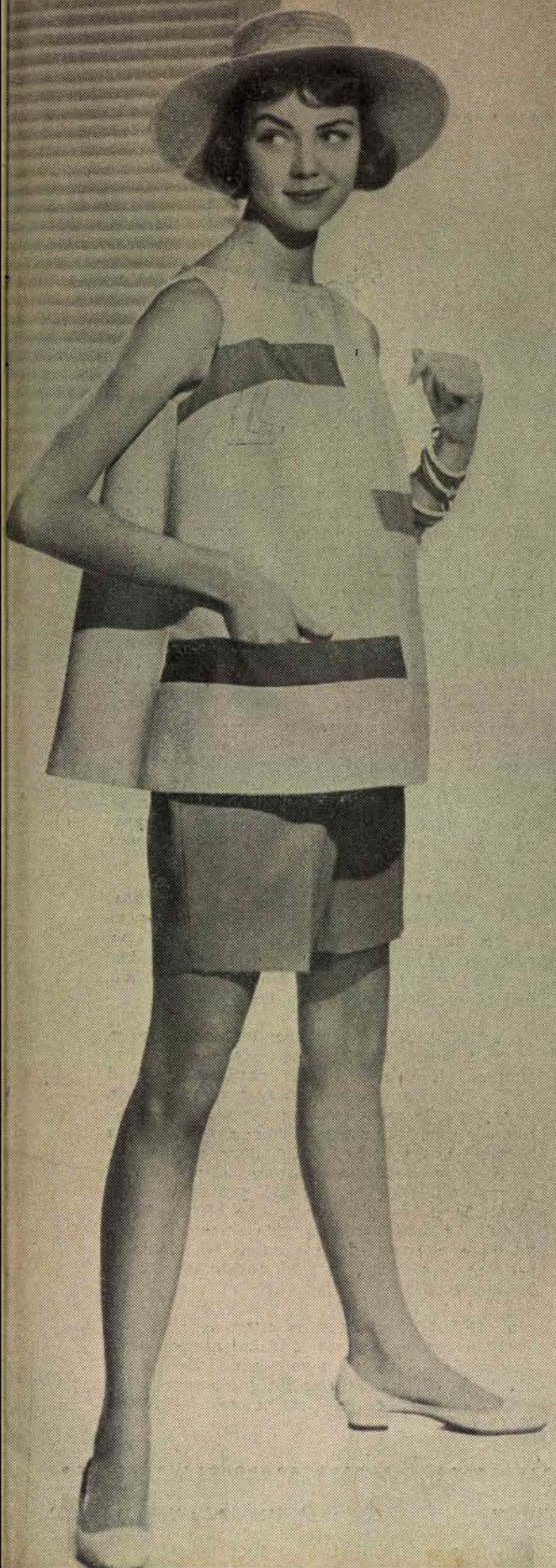
Desenforme na hora de servir e enfeite o prato com algumas flores.

Férias na Praia

Para a praia, eis um conjunto elegante, no qual o short leva um cinto que se liga por um pequeno laço. Uma gola redonda termina o decote da saída.



BAZAR FEMININO...



Colorida como um arco-íris, esta touca enfeitará muito o seu rosto com as mais alegres flôres em branco, azul, amarelo e vermelho, colocadas sobre a peça de espuma de borracha, material que, além de proporcionar conforto, conserva os cabelos e os ouvidos secos. (Foto Apla).

Para as senhoras que aguardam a chegada da cegonha, aqui está um delicioso conjunto esporte: o blusão é enfeitado com várias tiras da fazenda do short, imitando bolsos. (Foto Apla).



O CAMPEÃO DA AVENIDA, o Campeão das Sortes Grandes, vendeu em 4 de dezembro, da Mineira :

18.630 com 2 MILHÕES
(Fornecido ao Tesouro da Avenida)

Em 11 de dezembro, da Mineira :

12.001 com 2 MILHÕES
20.500 com 1 MILHÃO
12.000 com 50 MIL
12.002 com 50 MIL

Sortes Grandes ?

CAMPEÃO DA AVENIDA

e... não se discute

Avenida, 770 — Avenida, 612
Caixa Postal 225 — B. Horizonte

MUSEU DO OURO

Documentação histórica e artística do Ciclo do Ouro em Minas Gerais.

Aberto diariamente das 12 às 17 horas. (Fechado às 2^{as} feiras para limpeza).

Aumentar o alistamento eleitoral é trabalhar pela grandeza do Brasil. O próximo pleito, em Minas e no País, será decisivo para o futuro da Nação. Votar conscientemente, em homens dignos, é o nosso maior dever cívico e a única arma de que dispomos para assegurar um futuro melhor aos nossos filhos.

0 Mais Emocionante Esporte

Conclusão da pag. 91

escala da vida animal aquática. Siga o meu raciocínio e provarei este paradoxo; o arpoador aumenta a vida dos peixes a cada peixe que apanha. Parece difícil, admito, porém é simples como o ovo de Colombo. Tornarei maior minha incumbência afirmando que quanto maior o peixe que um arpoador fiska, tanto mais ele aumenta a população dos domínios dos peixes.

Um caçador submarino só pode pegar peixes acima de um determinado tamanho. E' fisicamente impossível pescar peixinhos menores com um arpão. Os peixes grandes, com muito poucas exceções, alimentam-se de outros, dos peixinhos miúdos. E o consumo diário de certos peixes é de muitas vezes o seu próprio peso em peixes pequenos. A partir de agora, você está comigo, tenho certeza. A cada peixe fiskado, a vida de centenas e centenas de peixes menores é poupada. Os sobreviventes produzem e reproduzem, multiplicam-se e se remultiplicam e passam a ser, com certeza, a classe mais piscosa que já se viu. Viva ! Orquídeas e uma medalha do Congresso para todos os caçadores submarinos, salvadores da espécie humana. Gratuitamente, ofereço esta explicação a todos os clubes de mergulho que estejam experimentando dificuldades com políticos e legisladores.

Um entusiasmado mergulhador americano com quem tive o prazer de passar muitas horas sob a água é Alexis I. duPont, de Wilmington, Delaware. Lex e sua esposa Anne passaram um mês na Jamaica e algumas das aventuras que tivemos são referidas em capítulos seguintes. Lex é um entusiasta da fotografia submarina e um ótimo mergulhador com compressores de oxigênio. Ele levou consigo o seu compressor. As horas passadas com o casal duPont, quer em terra firme, quer debaixo d'água, permanecerão sempre entre as mais agradáveis que eu possa recordar.

Lex é um famoso corredor automobilístico e, sem dúvida alguma, o melhor mecânico que conheço. Ponha uma pilha de peças e acessórios junto dele e, num abrir e fechar de olhos, Lex inventará algo útil e prático. Já fabricou um bom número de carros e, se alguma vez um mecânico profissional fôr incapaz de descobrir um defeito num motor evidentemente desarranjado, uma olhadela só, e eis Lex perdido num esforço absorvente, até que a má-

quina defeituosa esteja roncando novamente. Jamais encontrei alguém mais devotado a alguma coisa do que Lex, em relação a máquinas e à mecânica.

A exploração submarina é tremendamente popular nos lugares mais inesperados. Clubes de caça submarina estão espalhados a bem dizer pelos 48 estados. Naturalmente o Texas aí está incluído e, como se sabe, tudo no Texas é maior e melhor. Ao passo que, na maior parte de lugares, alguns turistas apenas descem, levados por um guia, abaixo da superfície, no Texas descobriu-se um modo de levar 100 espectadores de cada vez. Como ? E' fácil. «Por aqui, faz favor, descendo a escada». Quando o grupo inteiro de visitas está assentado, todo um teatro submarino submerge alguns pés abaixo da superfície de uma nascente próxima ao Rio São Marcos. Pode-se ver, através de janelas totalmente de vidro, um palco submarino, no qual representa um grupo de mergulhadores. A entrada do tanque submersível permanece acima d'água. Dois compressores especiais fornecem ar aos atores submarinos. O programa dura uma hora e inclui, entre suas atrações, bailarinas aquáticas, patos que mergulham em busca de guloseimas, palhaços cabriolando no meio de peixes que vêm buscar alimento na própria mão. Durante todo o tempo, a audiência é mantida em contato com os artistas por meio de um sistema de intercomunicação. O folheto diz que, em virtude da temperatura (21 graus) o espetáculo é apresentado durante o ano todo.

Novos empregos dos equipamentos submarinos são descobertos constantemente. Uma das mais recentes é, sem dúvida alguma, mergulhar à procura de petróleo. Algumas das maiores companhias de petróleo têm agora vários geólogos submarinos, bem treinados, os quais, inteiramente equipados com «pulmões aquáticos», nadadeiras e instrumentos específicos de seu ofício, mergulham nas águas do golfo do México procurando tudo aquilo que possa ajudar a companhia a localizar poços de petróleo. Todos esses geólogos passaram por rigorosos exames para homens-rãs da Marinha e, operando no Golfo do México à profundidade de 15 a 18 metros, na costa oriental do Texas, recolhem quaisquer amostras de sedimentos, vida marinha animal ou vegetal, que

possam dar a informação que procuram. É claro que não esperam dar com um pósto de abastecimento submarino com duas bombas — uma para gás normal e outra para gás etílico — entretanto um bom número de grandes poços de petróleo têm sido localizados em formações de rochas calcáreas. As investigações dos geólogos mergulhadores podem ajudar a determinar onde há possibilidade de tais poços serem encontrados. A procura a, ésmo tem até agora sido responsável por muitos dos achados. Um dos geólogos exploradores nada mais colhe além de bôlhas de gases naturais que escapam do fundo do mar. Com a ajuda disto, os peritos podem conseguir determinar a localização de diferentes formações, nas quais o petróleo é mais encontrado.

Um recorde espetacular foi estabelecido por Ed Fisher, em 1954. Acampando a 9 metros sob a superfície do mar, nos recifes Franceses de Key Largo, na Flórida, Ed permaneceu submerso durante 24 horas e 1 minuto, munido apenas de um equipamento comum de mergulho. O ar era renovado de hora em hora pela troca dos depósitos sob a água, do que estava encarregado um grupo de sete ajudantes.

Nas encruzilhadas das Américas, na costa do Panamá, banhada pelo Pacífico, encontramos uma grande atividade submarina. Uma das maiores áreas de pesca do mundo encontra-se aí e, se alguém duvidar disso, pode pôr-se em contacto com o Major O. Chapelle, dos Mergulhadores da Zona do Canal. Ele se sentirá mais do que feliz em conduzi-lo a toda parte e provar a afirmação. Um dos melhores mergulhadores do clube, Jeff Coffey, levou para casa, recentemente, um mero de 170 quilos de peso. (De que tamanho será a sua geladeira?!) Há também outros relatos de arpoadores sobre essa área.

Uma das melhores revistas mundiais que fazem a cobertura do esporte submarino é a de publicação americana: «The Skin-diver» («O Mergulhador»). No espaço de poucos anos essa excelente bíblia para mergulhadores tornou-se a principal publicação no seu campo. Fotografias excelentes e reportagens atuais sobre as últimas novidades no que concerne à exploração, equipamento e qualquer coisa que se refira ao mundo subaquático, são oferecidas mensalmente, num formato atrativo. Seu endereço é: P. O. Box 128, Lynwood, Califórnia. — **Cornel Lumière.**

☆☆☆

CONTANDO ATÉ DEZ

Quando uma pessoa conta de 1 até 10, para não explodir em uma crise nervosa, na verdade ela está resistindo a uma necessidade física que data da época do homem-da-caverna. De fato, quando a pessoa está irritada ou com medo, a adrenalina espalha-se pela sua corrente sanguínea, o sangue precipita-se para o cérebro e, então, ela está pronta para reagir fisicamente. Acontece, porém, que tais reações violentas eram necessárias à sobrevivência apenas nos tempos primitivos, diz o Dr. Lawrence E. Morehouse, diretor do «U.C.L.A. Human Performance Laboratory».

No mundo moderno, ao invés de liberar a tensão nervosa, uma resposta atrevida pode, em muitos casos, custar o nosso emprego ou a nossa felicidade.

Um trabalhador inteligente, por exemplo, antes de explodir com uma má resposta, pedirá a seu rival de trabalho que repita a frase, procurando ganhar tempo para acalmar-se. Outras pessoas há que, enfrentando situações de alta tensão, acham melhor lançar mão dos chamados truques, como, por exemplo, o de respirar profundamente duas vezes, antes de falar ou de agir com impetuosidade.

☆☆☆

A MISSÃO DA ESPÔSA

Respondendo a um quesito levantado no Parlamento pela oposição, o primeiro-ministro inglês Harold Macmillan disse que aprova o trabalho dos ministros que, devendo ir para o estrangeiro em missões, fazem-se acompanhar de

suas espôsas e põem na conta do governo todas as despesas relativas. «Estou convencido — declarou Macmillan — de que um ministro se desincumbe muito melhor de seus deveres oficiais quando sua espôsa o acompanha».

IMPRESSOS DE QUALIDADE

- REVISTAS
- JORNAIS
- CARTAZES
- RÓTULOS
- TESES
- RELATÓRIOS
- FOLHETOS

Pontualidade e Preços Razoáveis

TIPOGRAFIA E OFF-SET

Orçamentos
das 12 às
18 horas

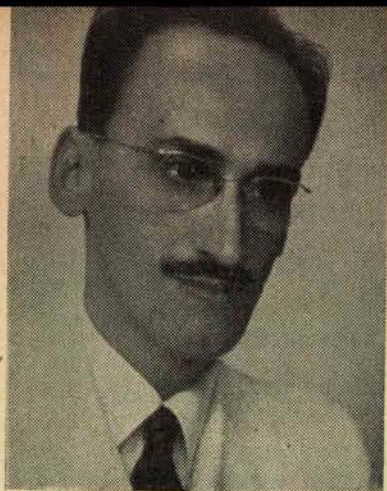
EDITORA

ALTEROSA

Av. Afonso Pena, 941

Fone : 2-4251

Cada novo eleitor que você alistar será mais um soldado no combate à corrupção e aos desmandos que infelicitem o País. O voto é a única arma do cidadão para a defesa dos interesses da coletividade. Minas e o Brasil confiam no seu voto.



"UNIVERSO-FANTASMA", obra de palpitante atualidade, laureada com o "Prêmio Carlos de Laet" da Prefeitura do Distrito Federal, continua inédita no Brasil, embora já tenha sido traduzida para o espanhol e divulgada em mais de vinte países das três Américas através de "O Cruzeiro Internacional".

ALTEROSA, que se regozija de ter o autor daquele livro — escritor Gibson Lessa — como um dos seus principais colaboradores, publica dois capítulos de "Universo-Fantasma", um intitulado "A Miragem Astronômica" e o outro "Pulsa o Universo". São dois flagrantes através dos quais poderão os leitores, em rápida visão, apreciar a agudeza com que Gibson Lessa surpreende, retrata e documenta a perplexidade do Homem Moderno em face das novas concepções do Universo.

GIBSON LESSA

UNIVERSO —

fantasma

A Miragem Astronômica

DE todas as coisas (macro-cósmicas ou microscópicas) que, **materialmente**, compõem a pseudo-realidade do Universo, a mais falaz é o próprio Universo.

Como é duvidosa a evidência do Universo...

Basta lembrar que o céu que estamos vendo, aquele céu tão estrelado, não é um céu que esteja sendo — é um céu que foi.

Estrélas e galáxias não cintilam o que são, cintilam o que foram, simbolizam a fraude do Tempo no Espaço, são memórias luminosas do Passado.

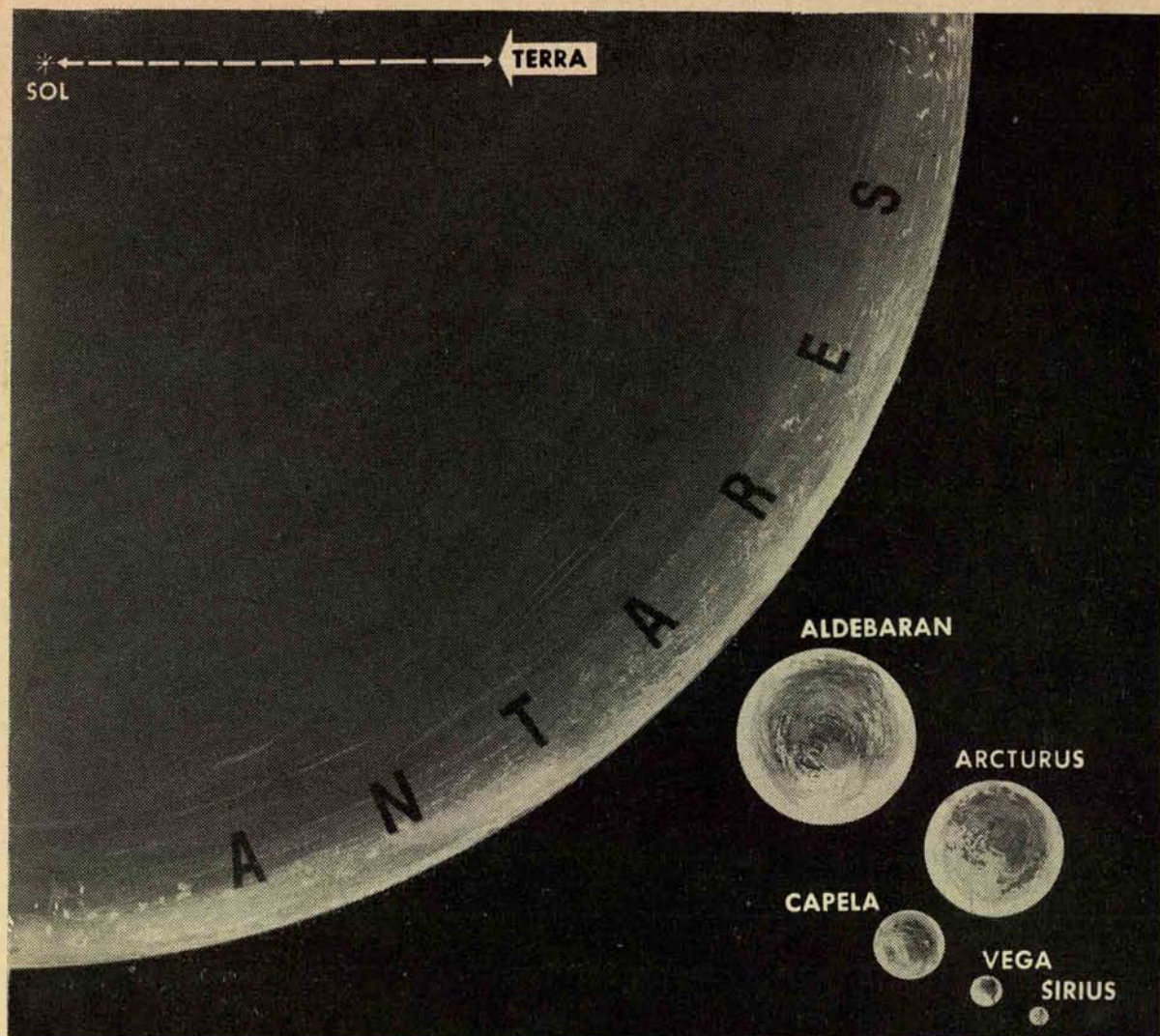
Mediu-se a Luz em termos de velocidade, e o resultado foi: trezentos mil quilômetros por segundo, ou seja, algo que chega à vista humana ou foge dela, à pancada de um segundo, na velocidade de nove e meio bilhões de quilômetros.

Corolário: a Lua que ali vemos

nesse instante, afastada 384 mil km é uma Lua que não existe agora, é uma Lua que existiu há um segundo e um quarto.

O Sol, por sua vez, tão vivo, tão claro, tão real, tão instantâneo, é tão somente a imagem daquilo que ele foi há oito minutos e a 150 milhões de km atrás. O Sol que nasce, não é o Sol que vemos: vemos um Sol nascido e, à tarde, no horizonte, o Sol que morre, na realidade, é um Sol que já morreu.

Faiscam na Via-Láctea as vinte e uma estrélas que a iluminam com brilho de primeira grandeza. A mais próxima — Alfa do Centauro — dista da Terra apenas 4,3 anos-luz, e não obstante, essa distância basta para que possamos afirmar que dos 200 bilhões de estrélas que compõem a nossa galáxia, nem a estréla mais próxima (nem ela) não existe, existiu. Alfa do Centauro não é um



astro real, é uma lembrança do passado, é uma hipótese, é o espectro luminoso de uma coisa que existiu há quatro anos e três meses atrás. Nesses quatro anos e três meses, Alfa do Centauro pode ter explodido, pode ter desaparecido tragada pelo Nada; todavia, para o olho humano, tão realista (e tão ingênuo) Alfa do Centauro está lá, brilha, é a estrela mais vizinha do Homem, é uma realidade astronômica, uma evidência existencial e científica...

E Sirius? a mais luminosa de todas, tão branca, tão vinte e seis vezes mais brilhante do que o próprio Sol? Sirius é? Sirius não é. Sirius foi há nove anos atrás. Será Sirius ainda?

E Antares, a maior de todas as estrelas conhecidas (maior que o Sol 113 milhões de vezes) ainda será Antares? Ela nos aparece como foi há mais de três séculos e meio. A Antares que ali

vemos, vermelhona, aquela Antares que está ali, ali não está, ela não é. Ela não é o que aparenta, ela é o espectro daquilo que ela foi há trezentos e cinquenta anos passados. A Antares que hoje vemos é uma Antares que existiu no ano de 1599...

... uma Antares contemporânea de Galileu, o Galileu da primeira luneta que se construiu no mundo...

... uma Antares contemporânea de Cervantes, o Dom Quixote dos moinhos de vento...

... uma Antares contemporânea de Shakespeare (to be or not to be?) quem sabe, Hamlet, se a perplexidade de tua pergunta não te acudiu numa daquelas noites de 1599 quando (perambulando pelo pátio do castelo de Helsingor), fixaste teus olhos nessa Antares cuja luz somente hoje está chegando a nós?

Canopus... Deneb... mais duas

EM PLENO DELIRIO DAS DIMENSÕES — O Sol, tido e havido pelos astrônomos como um milhão de vezes maior que a Terra (que é, no desenho acima, um ponto invisível entre as duas setas...) seria um grão de pó em comparação com Antares, por exemplo, a maior de todas as estrelas conhecidas, e que é 113 milhões de vezes maior que o próprio Sol...

UNIVERSO—

fantasma

estrelas de magnitude máxima, brilhantíssimas. Entretanto, que são elas? O espectro atual daquilo que foram há seis séculos e meio, ano da viagem de Marco Polo à China, época da invenção da bússola.

E assim a Via-Láctea toda, do hemisfério boreal ao hemisfério austral: 4.850 estrelas visíveis a olho nu, 4.850 fantasmas do Passado.

E os fantasmas invisíveis? aqueles que os olhos não vêm, mas os telescópios proclamam? aqueles bilhões de bilhões de astros a bilhões de bilhões de anos-luz?

Grudemos os nossos olhos anões na ocular do telescópio de Monte Palomar, o gigante cujos olhos medem cinco metros de diâmetro: ei-lo a exhibir-nos, hiperbólico, a sua última conquista, a descoberta na constelação da Águia de uma nova estrela, dez mil vezes mais brilhante do que o nosso Sol. Eila, a nova estrela, a cintilar numa distância de 2 mil anos-luz! a aparecer-nos agora tal como foi no dia em que (no dia em que o quê?) no dia em que, numa estrebaria de Belém, nasceu o filho do Criador dos Mundos...

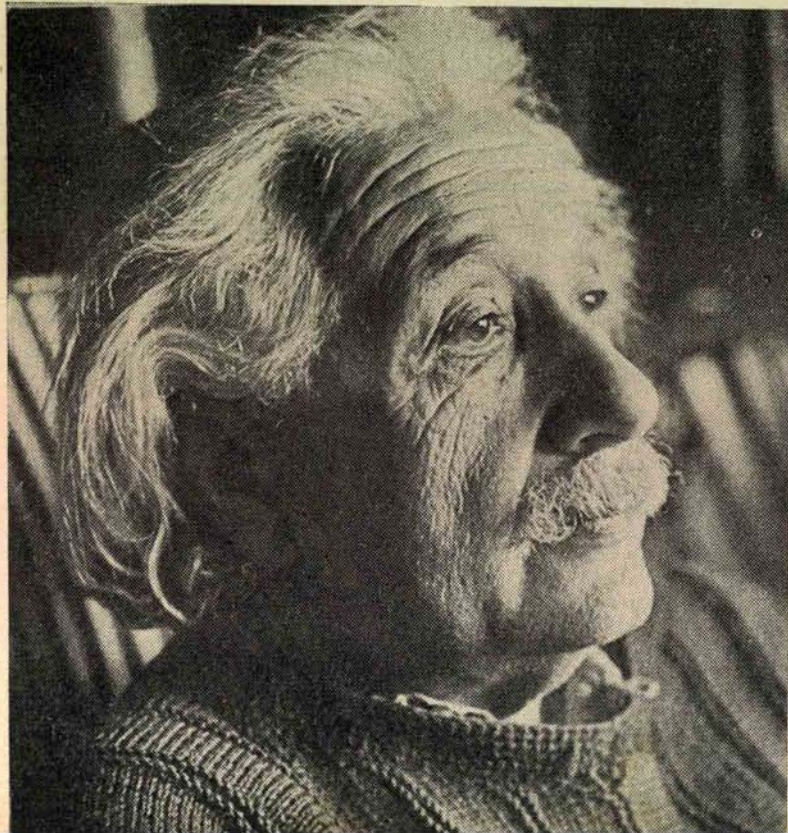
Ainda não é tudo: existe An-

drômeda... que dizer de Andrômeda? a mais próxima de todas as galáxias, com os seus bilhões de estrelas palpitando a 700 mil anos-luz?

700 mil anos... que era a Ciência há 700 mil anos? Não era. Não existia. A Ciência tem apenas 5 mil anos de idade.

E das estrelas que compõem a galáxia do Leão, que dizer? «Quando fotografamos a galáxia do Leão (já disse Eddington) é um passado de dois milhões e meio de séculos que nos aparece».

Que era o Homem há dois e meio milhões de séculos?



EINSTEIN, com a Relatividade, revolucionou a concepção do Universo.

Pulsa o Universo

Andrômeda, a mais próxima das galáxias (universos de estrelas semelhantes à nossa Via-Láctea) é um arquipélago de bilhões de astros distantes de nós 700 mil anos-luz. A Andrômeda que vemos hoje é uma Andrômeda que existiu há 700 mil anos atrás...

Não era. Na escala da evolução, nem um batráquio da era cambriana poderia o Homem ser, porque há dois milhões e meio de séculos nenhum ser vivo ainda havia surgido no Mundo.

Que dizer, finalmente, das galáxias situadas a uma distância superior à idade da própria Terra, isto é, das galáxias que brilham há mais de três e meio bilhões de anos-luz?

Nada, nada a dizer, até por que, para tais galáxias, nesse instante, a Terra não existe, jaz ainda no ventre do Sol, nem sequer nasceu...



FÍSICOS ou prestidigitadores?

Astrônomos ou nigromantes?

Sábios e cientistas ou bruxos e ilusionistas?

Desceram ao âmago do Átomo, os físicos; que nos trouxeram de lá? Fantasmas de energia.

Subiram às estrelas, embrenharam-se pelas galáxias, escorregaram pela esfera de um Universo curvo que se dilata e se expande não mais até ao Infinito apenas, mas até às raias inimagináveis de um Super-Infinito delirante. E que nos mostraram de lá, os astrônomos? O espectro do Nada.

Bem que Einstein tentou, ao delimitar a área do Universo cósmico, fechar o ciclo das indagações.

Esférico, finito e fechado sobre si mesmo, o Universo de Einstein era uma jóia, uma pérola (ou numa imagem mais diáfana) uma bôlha de sabão onde estrelas, planetas e satélites, cumpriam suas órbitas, não no interior da bôlha,

mas espalhados, distribuídos pela superfície.

Repousante e tranqüilizadora, a idéia de um Universo curvo, flexionado sobre si mesmo, trazia no seu bôjo promessas e esperanças, as chaves, talvez, capazes de algum dia abrir o segredo de todos os mistérios.

Quem sabe, com a potência dos futuros telescópios, atingiria o Homem a visão das galáxias antípodas?

Se a luz no espaço sideral caminha em linha curva, acompanhando a esfericidade do Universo, quem sabe, completada a curva, acabaria o astrônomo, de olho na luneta, por contemplar as suas próprias costas?

Far-se-ia a cobertura do cosmos (cobertura telescópica) e o Universo do futuro deixaria de ser uma incógnita perdida no Infinito para se transformar num globo devassável, passível de ser apresentado em atlas, numa simples carta planisférica.

O diabo era o tamanho da bôlha. Mediram-lhe o raio e o re-

sultado foi tremendo: 16 bilhões de anos-luz. Quer dizer: para dar a volta na superfície em curva do Universo e completar o circuito, qualquer raio luminoso teria de percorrer uma distância que nenhum telescópio do mundo, nem mesmo o gigante de Monte Palomar (com o seu alcance de 2 bilhões de anos-luz) em tempo algum, poderia acompanhar.

Não poderia mesmo? Por que não poderia? Não poderá um dia a cibernética fabricar o aparelhinho eletrônico (não esqueçamos: «a Ciência contemporânea pensa com os aparelhos, não mais com os órgãos dos sentidos») capaz de multiplicar por dez ou vinte a potência de alcance dos atuais telescópios, permitindo ao astrônomo a contemplação dos confins antípodas, com perspectivas de retorno da visão ao ponto de partida, ou seja, às costas do contemplador?

Sim, poderia, se o Universo de Einstein fosse somente curvo.

A Ciência, porém, é insaciável. Masoquista, adora complicar o Mundo, e complica-o, só pelo pra-

zer de flagelar-se com as próprias complicações que vai criando.

O universo não é estático; a bôlha incha, decreta em 1917 o holandês William De Sitter. E esclarece: a bôlha é esférica, mas não é estática. Não poderá jamais ser contornada. Ela se dilata de tal forma que, à superfície dela, o que acontece é que as galáxias entre si (cada qual portadora dos seus bilhões de estrelas) cada vez se afastam mais umas das outras, fugindo da Via-Láctea como demônios da cruz.

Seria verdade?

Era.

Mobilizaram-se os observatórios astronômicos de Flagstaff, no Arizona e o de Monte Wilson, na Califórnia; examinaram-se os espectros de mais de 200 galáxias, e não é que De Sitter estava com a razão? Não era estático o Universo. Einstein não havia fechado o circuito das indagações, pelo contrário, ampliara-o.

O Universo se expandia, e já agora, com os aplausos de um russo, o matemático A. Friedmann (1922) e até com as bênçãos de um padre, o belga Georges Lemaitre (1927). Acode o norte-americano Edwin Hubble (em nossos dias) e comprova: as galáxias fogem, estão fugindo da Via-Láctea e quanto mais dela se afastam, mais se afastam, numa proporção que Hubble tratou logo de medir sem cerimônia: a velocidade de afastamento é de 170 km por segundo em cada milhão de anos-luz, quer dizer, a mais longínqua de todas as galáxias, aquela por exemplo, que se

encontra na direção da Ursa Maior, está fugindo da Via Láctea numa velocidade de 42.000 km por segundo.

Era só?

Não, ainda não era. As galáxias não estão apenas se afastando de nós. A repulsa é generalizada. No frenesi da fuga, estão também se afastando umas das outras, num assanhamento, num pandemônio, numa debandada cósmica à altura de enlouquecer ou, pelo menos, de deixar perplexo o próprio Criador, se o Criador fôsse astrônomo.

«Ai de nós, é muito tarde» geme esmagado pela teoria da expansão o astrônomo do Observatório de Paris, Paul Coudere. Já não poderá o Homem alimentar jamais a esperança de vir um dia a contemplar as próprias costas. «No começo da expansão talvez ainda fôsse possível à luz dar a volta no Universo. Mas, agora, as velocidades de afastamento se tornaram demasiado enormes. Em regiões, onde as galáxias em expansão fogem de nós com velocidades inimagináveis fóton algum jamais poderá alcançá-las; o caminho se alonga e dispara em proporções alucinantes, mais veloz que a própria velocidade da luz. A parte acessível, mesmo em teoria, aos nossos olhos, já não é mais que uma parte insignificante do volume total...

... a porção de universo que o homem poderia ver se suas técnicas o permitissem nesse instante, representa atualmente 1% do volume total...

... e esse 1% de conteúdo do fragmento prometido aos nossos olhos representa, à medida que o tempo passa, uma fração cada vez menor do conjunto...

... chegamos demasiado tarde a um mundo demasiado velho...

Que pena, e agora? Sob o impacto da fuga, da debandada das galáxias a se abismarem nos confins do NADA, iriam afinal os astrônomos, escarmentados, reconhecer o impasse? iriam entregar os pontos, render-se, bater em retirada?

Arquivariam a Astronomia, retornariam à Bíblia e volveriam, em estado de pureza, a contemplar apenas os lírios dos campos?

Que esperança! O universo estrelado é uma esfinge de bilhões de olhos, de olhos que fascinam: como escapar-lhe aos sortilégios? Renunciar ao convívio das galáxias, só porque as ingratas fugiam? Pois sim... Era só trazê-las de volta. E as trouxeram? Sim, com toda a pompa matemática. A força de repulsão opuseram geometricamente uma outra força: a força de contração...

E o resultado foi um primor de harmonia: o Universo passou não somente a dilatar-se, mas também a contrair-se, pulsando vivo como um coração, a contrair-se e a dilatar-se, simultaneamente, em sistole e em diástole — um coração de luz a arquejar dentro da Eternidade.

Ah! poetas, poetas, sonâmbulos do Verbo, fazei-vos astrônomos, encampai o Universo e, de lira em punho, habitai entre nós.

☆☆☆

ANÁLISE DE COLEGIAIS

De um modo geral, todo mundo pinta o estudante de colégio como sendo um elemento dotado de uma caráter independente, mas, segundo as afirmações do Dr. Melyvin L. Selzer, psiquiatra da Universidade de Michigan, esse quadro está completamente errado.

Dos 506 estudantes entrevistados pela sua clínica de higiene mental, um pouco mais de um terço foi classificado como psiconeurótico, mas de um

quinto foi considerado como esquisofrênico e mais ou menos um quarto foi classificado como vítima de outros distúrbios de personalidade. Ainda que esses estudantes tenham ido à clínica espontaneamente, ou tenham sido encaminhados pelo médico, os resultados mostram, diz o Dr. Selzer, que existe uma considerável tendência para amenizar a séria natureza de distúrbios mentais nos estudantes de colégio. Os colegiais são tão portadores de dúvidas mentais como o resto da população.

☆☆☆

OS NOIVOS ERAM LADRÕES

O reverendo Charles S. Mundell, da cidade de Los Angeles, foi vítima de um assalto a mão armada, enquanto estava celebrando o casamento de dois jovens. Quando fez à noiva a clássica pergunta, surpre-

endeu-se com a sua resposta: «Mãos ao alto! Solte o dinheiro, senão eu disparo!» A «noiva», exibindo um revólver, furtou cerca de 8 mil cruzeiros do sacerdote e fugiu em um automóvel, em companhia do seu companheiro.

Às Vêzes o Coração Adivinha

Conclusão da pag. 45

D. Marieta colocou os óculos e leu:

Cena trágica no Cassino L...

«A senhora Leticia Carneiro Silva, foi alvejada pelo marido, ao lado de um homem de nacionalidade estrangeira — que a acompanhava — quando ambos jogavam à mesa de «bacarat».

«Como todos sabem, essa senhora, única herdeira dos milhões do falecido pai — Augusto Carneiro — desde solteira era afeita ao jogo. Muitas vezes fora vista em cassinos, onde ia furtivamente. Casada há dois anos com um aviador muito distinto, tivera já vários atritos com ele, que não concordava que a esposa frequentasse esses lugares. Então, ela se aproveitava de suas viagens para dar expansão ao antigo vício. Ultimamente, sua companhia fora sempre esse homem com quem estava, quando se deu a tragédia. Não se sabe se o marido fora avisado ou se, chegando de surpresa em casa, desconfiou e saiu a procurá-la. O fato é que o desfecho foi doloroso. A vítima foi recolhida ao Hospital S... em estado grave, enquanto o marido e o estrangeiro foram conduzidos à delegacia».

«Amanhã, forneceremos outros detalhes a respeito do triste drama».

D. Marieta, trêmula, emocionada, colocou o papel sobre o móvel, enquanto seu olhar expressivo encontrou o do marido, nas mesmas condições. Compreenderam-se.

— Iremos... amanhã? — perguntou ela.

— Claro. O mais breve possível.

☆

Entardecia. Os últimos raios solares adivinhavam as flores amarelas da trepadeira, que cobria a varanda da casa do Dr. Osvaldo Silveira, o médico mais querido e conceituado do lugar.

Debruçado sobre o parapeito, um par amoroso, entregue a seu encantamento, não reparava que certo casal de velhos caminhava em direção à sua residência.

— Minha querida — dizia ele, com ternura — cada dia que passa, sinto-me mais feliz a seu lado. Nem sei como agradecer a Deus a esposa que me deu!

— Meu amor — balbuciou ela, comovida — eu sim, nunca pensei merecer a ventura que possuo. Sômente a mágoa de vê-lo afastado de seus pais por minha causa é que tolda o céu da minha felicidade. Em compensação... tenho uma notícia a dar-lhe...

Achegou-se mais a ele. Não precisou explicar. Há muito o moço sonhava com aquele acontecimento... Tomou a mulher nos braços e beijou-a longamente.

— E'... verdade? !... Quando?

— Sim. Em dezembro próximo.

Ali ficariam abraçados, esquecidos do resto do mundo, se o ruído do portão não lhes tivesse chamado a atenção.

— Devem ser clientes retardatários — exclamou ela.

Mas, o moço não a ouvia. O choque havia sido forte demais. Empalideceu e não pôde sair de onde estava. Sômente uma voz — da qual tinha imensa saudade — ele escutava:

— Meu filho!... Meu filho!

Teve que correr para amparar a mãe, a qual percebeu que ia desfalecer.

— Papai, ajude-me a levá-la para o quarto.

Quando D. Marieta voltou a si, estava estendida na cama do casal. A volta, com expressão de ansiedade encontravam-se o marido, o filho e a nora.

— Não se preocupem... — falou de mansinho. — Estou bem... E'... felicidade demais.

Olhou para o rapaz, de modo significativo.

— Você tinha razão, meu filho.

Depois, com profunda ternura, disse aos dois:

— Eu estava errada. Perdoem-me.

Naquele instante os últimos raios de sol acabaram de desaparecer. Era a hora do crepúsculo. Ao longe, os sinos da Igreja badalavam a «Ave-Maria»...



VOCÊ DÁ A FESTA

e nós entramos com todo o trabalho, resolvendo todos os problemas!

Nas FESTAS DE ANIVERSÁRIO de seus filhinhos, você não terá trabalhos nem preocupações, não fará mais despesas com a ornamentação da casa e não haverá mais pratos, copos e talheres para lavar... Com apenas 120 cruzeiros por pessoa, nós faremos tudo isso: ornamentação festiva, um lindo bôlo de aniversário e uma rica mesa de doces finos e variados, com refrigerantes, apitos, bolinhas, etc. E a sua festinha será exibida num programa da TV Itacolomi.

Reserve, com antecedência, os serviços que lhe oferecemos, marcando o dia e a hora da sua próxima festinha.

Churrascaria

CAMPONEZA

Rua Goitacazes, 36 —

Fone 4-3590

COMO TER BOA MEMÓRIA

Na cidade de Saint Ann, nos Estados Unidos, um leitor devolveu um livro à biblioteca da cidade, dez meses após tê-lo tomado emprestado, com o seguinte bilhete: "Desculpem-me ter esquecido de devolvê-lo". O nome do livro era *Como Conseguir Uma Boa Memória em 10 Dias*.



Cornel Lumière viveu a maior parte de sua vida perto do mar — alguns dos lugares que já chamou “minha terra” são a Riviera Francesa, Córsega, Capri, Java, Sumatra, Sião, Bali, Queensland, Nova Caledônia, Havai, Califórnia e as Caraíbas.

O autor de “O Maravilhoso Mundo Submarino”, seu primeiro livro sobre este assunto, é de ascendência franco-holandesa. Educado na França, integra-se a novos povos, países e línguas com facilidade.

A guerra encontrou Lumière engajado ao Exército Australiano, como intérprete de japoneses. Horíveis navios e o trabalho escravo em acampamentos de prisioneiros de guerra no Extremo Oriente deixaram-lhe poucas marcas e o seu senso de humor intacto. Em 1945, após três anos e meio em acampamentos nas selvas de Burma e Sião, retomou a sua busca de novos horizontes.

Seus interesses preferidos são a exploração submarina, mergulho sem equipamento, excursões a recifes e, quando possível, a caça submarina.

O mais emocionante

CAPÍTULO I

VOCÊ costuma ler folhetos de propaganda de excursões, dêsses que prometem mostrar-lhe todas as atrações turísticas desde o Rio até Reno, numa quinzena? A melhor época de sua vida condensada numa viagem de três dias (tudo incluído, é claro), admirando todas as maravilhas do México, as catacumbas de Cartago ou os gêiseres da Groenlândia, viajando por meio de qualquer coisa, desde um avião super-ultra-estratosférico, até um navio de cabotagem, por uns poucos milhares de cruzeiros? (E aproveite o nosso plano a longo prazo).

Escolheremos, para nossa exploração, um mar tropical, por causa da temperatura agradável durante o ano inteiro, porque lá encontraremos lindos recifes e peixes por toda parte, e por fim — mas não menos importante — em virtude da perfeita transparência da água.

Não é absolutamente essencial que você saiba nadar, já que há pessoas que dão caça aos peixes de cima numa prancha (usada para se deslizar sobre as ondas de uma arrebentação) ou dum bote de borracha; mas, em todo caso, é bem mais fácil terminar seu aprendizado de natação, antes de se iniciar como arpoador de peixes. Parte da sensação que se experimenta é a impressão de absoluta liberdade e de gestos graciosos, fáceis e sem esforço, como os de um pássaro planando no céu. Aliado a isso está o prazer de ir ao encontro da caça no seu próprio elemento. A caça submarina se está tornando cada vez mais popular. Há dezenas de milhares de peritos espalhados pela

Califórnia e pela Flórida, homens e mulheres, jovens e velhos, e existem centenas de clubes nos Estados Unidos, Europa, Austrália e América do Sul.

Se você caçar, como o faz a maioria dos entendidos, apenas peixes comestíveis, descobrirá que está contribuindo grandemente para sua própria despesa e a de seus amigos. O mergulhador experimentado, usando o equipamento adequado no local exato, nunca terá de regressar de uma excursão com menos de 10 a 20 kg de peixes.

A caça e a exploração submarinas melhorará sua saúde e sua capacidade de resistência. É muitíssimo eficaz para acalmar seus nervos. Cria músculos flexíveis e uniformes, e faz desaparecer gorduras feias e supérfluas. Não existe melhor massagem do que a exercida pela ação das ondas. A exploração submarina desenvolverá seu poder de observação, tornará mais prontas as suas reações, aumentará a sua confiança em si mesmo; em resumo, se você for um camundongo, fará de você um homem; se for um homem, fará de você um rato — isto é, um rato-d'água.

Se, por acaso, você for um aficionado da fotografia, um novo mundo estará, inteiro, ao seu alcance. Há, no mercado, de acordo com os propósitos e recursos de cada um, uma linha completa de equipamentos, tanto para fotografia quanto para filmagem submarina. Ação diferente, cenário inédito, cores e movimentos novos, como você jamais viu igual.

Será você um colecionador de espécimes marinhos? Se não é,

Esporte

do mundo

Condensação do livro

"O Maravilhoso Mundo Submarino" de

CORNEL LUMIÈRE

Exclusividade nacional de ALTEROSA

virá a ser depois de mergulhar uma vez com óculos de proteção e nadadeiras. Dezenas de variedades de coloridos e delicados corais abundam em toda parte. Conchas de todos os tipos, cores e tamanhos, estrelas-do-mar, etc., estão à espera de quem as recolha. Você passará a colecionar para o resto de sua vida, desde que veja a beleza e os tesouros do reino dos recifes.

Muitas moças dedicam-se à caça e à exploração submarinas e o fazem de modo excelente. Há, na Califórnia e na Flórida, alguns clubes só para sereias. Não é necessário força bruta para se tirar o máximo de prazer desse esporte. Nem é preciso muito tempo para se tornar um aficionado. Não há limite de idade; desde que não haja exagero, pode-se praticar esse esporte por toda a vida. Minha amiga, a Sr^a Whiteside, proprietária rural em Irelawny, Jamaica, já é avó. Faz pouco tempo que começou a se interessar pela caça submarina. Considera-a um passatempo maravilhoso e está agora ensinando-o a seus netos.

A exploração submarina é um dos mais agradáveis tipos de esporte. Nêle não há sinal de — Só Para Homens. Não existe também superioridade, verdadeira ou imaginária, do homem sobre a mulher. Você, aspirante a sereia, pode sair com seu companheiro a explorar esse novo mundo de que ele fala, sem prejudicar em absoluto seu divertimento. Aqui, é cada um por si, e você está em absoluta igualdade de condições. Não há perigos reais na exploração ou na caça submarinas. Todos nós sentimos uma hesitação natural, diante do desconhecido; por

isso os conselhos dos experimentados terão que nos guiar. Aquêles que se têm dedicado à caça submarina o suficiente para conhecê-la bem, concordam unanimemente em que não há risco nem perigo em sua prática. Os conselhos de seu treinador e seu bom senso fornecer-lhe-ão tudo o que é preciso para se divertir à vontade nesse esporte, sem qualquer preocupação.

Uma vez ou outra, ouviremos cidadãos do fundo do mar, procurando inspirar-nos um temor incómodo, dizer coisas como: «Não Assuste os Pobres Tubarões!». Para tranquilizar desde já, o leitor afirmo que «Não Assuste os Pobres Tubarões!» não é uma pobre tentativa de minha parte de ser engraçado, enquanto estou batendo os dentes de medo. É uma conclusão a que chegaram todos os exploradores submarinos experientes, dentre os quais homens de fama mundial, como o Cel. John Craig, Hans Hass e o Com. Cousteau: os tubarões assustam-se com o homem e o temem.

NÃO ASSUSTE OS POBRES TUBARÕES!

Aos medrosos ou incrédulos por natureza, gostaria de contar a história de meu oficial comandante durante a guerra, Cel. Charles Anderson. Possuía ele uma grande propriedade em Kênia, e estava contando a um grupo de oficiais algumas de suas experiências como especialista em grande caça. Um de nós indagou:

— E que animal, Coronel, o

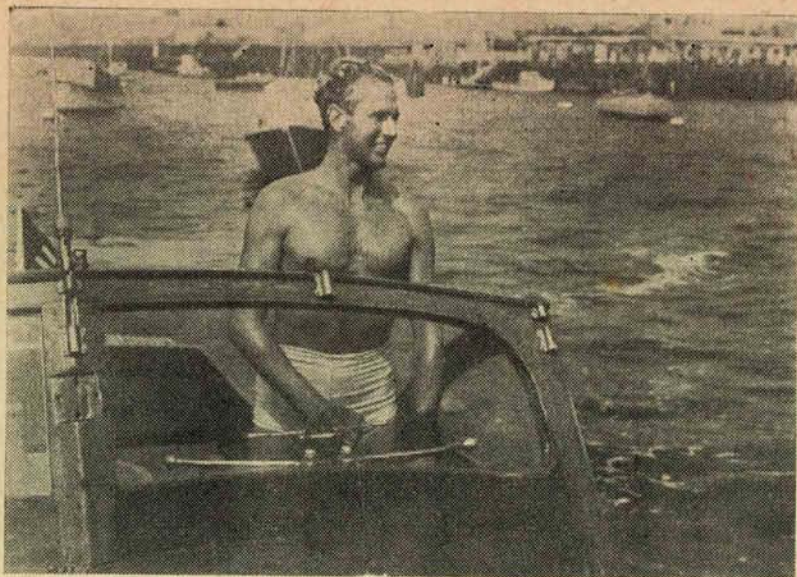
senhor consideraria o mais perigoso dentre os que encontrou na África?

Após uma ligeira hesitação, o Coronel respondeu:

— O mosquito!

Se alguém me perguntasse qual é a maior ameaça para o caçador submarino, responderia sem a menor hesitação: o ouriço-marinho. Para quem é medianamente cauteloso, não há perigos na pesca submarina. Examinemos meia dúzia deles. São perigos imaginários, crescidos na ilusão de contos do passado, na superstição e na ignorância dos nativos, e desacreditados por milhares de perspicazes «tritões», em todo o mundo.

Refiro-me às lendas que envolvem certas criaturas tais como tubarões, arraia, barracudas, polvos e lulas gigantes. Por medida de precaução, acrescentemos corais venenosos, pulgas-do-mar e o ouriço. Tentarei não ser presumido ao condenar a maioria das tolices que se dizem a respeito do primeiro grupo. Outrora, fiz parte dos medrosos que imaginam um tubarão recheado de braços e pernas humanos toda vez que vêem um pedaço de mar. Custou-me algum tempo e esforço especial, mas hoje engrosso as fileiras daqueles que sustentam ser bastante seguro divertir-se com um tubarão sob a água. Todos os exploradores submarinos e «tritões» concordam no seguinte: não se meta com o tubarão que ele não se meterá com você. Leia Hass, Craig, Cousteau, e eles dirão que, a não ser que você propicie atrações especiais para o tubarão, ele não se apro-



O autor partindo para o mar da costa da Califórnia.

O MAIS EMOCIONANTE ESPORTE DO MUNDO

(Continuação)

ximará de você. mencionarei mais adiante que espécie de atrações.

Naturalmente há uma razão para que muitos dos habitantes do fundo do mar tenham inspirado tantas lendas. Para aqueles que estão familiarizados com as peculiaridades dos tubarões, araias e outros «papões», há uma explicação lógica para todos os casos em que algo de incomum aconteceu, envolvendo qualquer deles. Os tubarões podem atacar quando sentem o cheiro de sangue, ou quando feridos. Sabendo disto, o lema do mergulhador, se ele deseja estar a salvo de tubarões e histórias de tubarões, é simplesmente este: não ataque um tubarão e evite sangue no mar. Se você se ferir numa ponta de coral ou de outro modo, a a ferida sangrar, vá para o bote até estancar o sangue. Se um peixe que você atingiu está perdendo muito sangue, ponha depressa o corpo sangrento dentro do barco! Essas duas precauções são tudo o que você necessita. Dentre cerca de quarenta variedades de tubarões, apenas uma é classificada como devoradora de homens. É o Tubarão Branco (*Carcharodon carcharius*). A maioria dos tubarões que você vê perto da praia e dos recifes são mangougas. Muitos tubarões são necrófagos e, como todo necrófago,

covardes. Nenhum tubarão enfrentará você, se nadar ao seu encontro. Talvez ele não esteja acostumado a uma reação agressiva; de qualquer modo, se algum se aproximar, adiante-se para encontrá-lo a meio caminho e ele fugirá.

Hans Hass assevera que os tubarões fogem quando a gente os ataca. Não duvidando de modo algum da autoridade desse grande técnico submarino, tentei agir assim e, evidentemente, não encontrei nunca os tubarões a que ele se referiu.

Enxergando muito mal, quase sempre, quando um principiante receia que o tubarão o esteja examinando para escolher cuidadosamente o melhor bocado como aperitivo, o pobre animal ainda não o viu. Dê tapas na água, faça um movimento violento, grite se lhe aprouver, mas no momento em que ele o vir, afastar-se-á rapidamente e para longe. Numa circunstância apenas, em muitos anos de exploração submarina, deparei com um tubarão que recusou deixar-se perseguir. Tinha quase 4 metros de comprimento e experimentei tudo, desde o tratamento de Hass até o estilo «vá-até-ê!» e apenas provoqueei um desdenhoso arreganhar de dentes na face do monstro. Juro que vi! Devo admitir que não foi moti-

vo de muito espanto que ele me considerasse o intruso. Em acréscimo às intenções possivelmente vis dessa personagem com respeito às minhas pernas, eu lhe havia propiciado um incentivo extra. Consistia esse estímulo em uma caranha cinzenta, de quase dois quilos, que acabara de ferir e que corra para baixo de um banco de coral, carregando com ela meu arpão. Assim que ataquei a caranha, tornou-se claro que ambos a queríamos. O tubarão surgiu por trás de mim e fez uma rápida investida em busca de minha presa. Achei que isso era muita falta de espírito esportivo. Além disso, ele poderia ter apanhado aquela caranha quando quisesse, antes de mim e foi muito descortês esperar que eu a fisesse para ele. Como meu barco estava distante, dispus de muito tempo para estudar estas duas alternativas: seguir meu impulso natural e mandá-lo às favas, ou ser imprudente e agarrar-me à minha propriedade legítima, desse no que desse. Enquanto resolvia, depois de sua primeira investida, fui ficando zangado. Ele não tinha nenhum direito à minha caranha e não a obteria de modo algum. Com a relutância de meus ancestrais, franceses e alemães e provavelmente algum escocês, em

ceder alguma coisa de graça, decidiu lutar por meus direitos.

Meu amistoso opositor tinha provavelmente chegado à mesma conclusão. Seja como for, na investida seguinte, não veio em busca da caranha, mas decidiu intimidar-me, e de fato o fez. Avançou exatamente para onde me encontrava segurando a espingarda submarina e, somente quando estava a poucos passos e depois de eu brandir ameaçadoramente minha arma na sua cara, manobrou para o lado, permitindo-me golpear suas costas com a espingarda descarregada. Isso, por outro lado, deve ter-lhe feito cócegas agradáveis, porque voltou querendo mais. Três vezes mais, para ser exato. De cada vez eu perdia 5 kg de peso, tal a forma como transpirava. Cada investida deixava-o perplexo, por ver que não me fôra. Entretanto, eu agora achava mais seguro enfrentá-lo do que fugir. A caranha permaneceu, prudentemente, sob o refúgio enquanto tudo isso se desenrolava. Finalmente, 500 anos mais tarde, meu barco estava suficientemente perto para que tentasse uma nova estratégia. Da próxima vez que o comilão apareceu, golpee-o no nariz com a arma. Ele não gostou. Voltou-se rapidamente e ao mesmo tempo eu pulei para o barco. Cai dentro dele, branco como uma folha de papel, mas com a espingarda, com o arpão e com a caranha. Com uma porção de rabanadas raivosas em torno do barco, meu querido companheiro de folguedos exprimia sua reprovação à minha fuga covarde. Era maluco aquele tubarão!

Como se pode deduzir disto, sou um covarde. Hans Hass movimentou-se no meio de tubarões, afofando-os nas costas com uma mão paternal (e levando sempre sua máquina fotográfica). E chega até o ponto de chamá-los de belos. Outro entusiasta, residente no Haiti, amarra-se a um tubarão e sai num longo passeio prolongado através dos jardins submarinos — ali estava eu, fugindo.

Esta história tem sua moral. Se um tubarão deseja alguma coisa que você tem, dê-lha. A menos, naturalmente, que suceda o caso de ela estar presa a você desde o nascimento e, neste caso, você tem direitos mais antigos e é melhor não tentar os muito fogosos animais. Tudo isso me aconteceu num porto, a cerca de 90 m de distância de um grande vapor. Não se deve pescar com arpão em portos e ancoradouros se quiser estar dis-

tante do caminho dos tubarões. Eles acompanham os navios que vão para o mar por causa das sobras de comida e lixo (inclusive as esquisitas latarias!) e não parece justo confundir os pobres tubarões. Ademais, esses tubarões muitas vezes já seguiram o navio por muitas milhas e são de fato tubarões do fundo do mar, com péssimos modos à mesa.

Charles Brush, de Nova Iorque, teve uma experiência semelhante. Estava mais ou menos na mesma posição, tendo acabado de ferir um bodião de uns 5 quilos, com a diferença de que seu tubarão era um operador rápido. Seu companheiro não disse sequer uma palavra, mas apossou-se do bodião, arpão e linha e desapareceu, arreganhando os dentes com a boca cheia.

Por isso, assim que você fisgar um peixe, ponha-no no barco. Não o mantenha consigo como fazem alguns companheiros que operam sem barco. Eles carregam sua presa numa corda que lhes circunda a cintura, até que voltem. É muito raro suceder que alguns tubarões estejam por perto exatamente quando você ataca um peixe e ainda mais raro que um deles venha em busca de sua presa. Dos dois únicos exemplos de que tenho notícia, pode-se deduzir que, mesmo quando não há riscos, o tubarão prefere seu peixe a suas pernas.

Um milhão de pessoas pode repetir que não é preciso ter receio de tubarões. Entretanto ninguém, exceto você próprio, é capaz de se convencer de que estão com a razão. A primeira vez que encontrei um tubarão em seu jardim, fui para casa e lá permaneci por dois dias. Naquela ocasião, cheguei à conclusão de que não dera ao irmão tubarão um tratamento condigno. E, creia-me ou não, após alguns encontros, até mesmo os tubarões parecem tornar-se parte da paisagem e já não atrapalham mais o seu divertimento. Na verdade, são muito graciosos e é bastante agradável observá-los (principalmente quando vão nadando para longe da gente!). Dão sempre a impressão de cruzar os mares lenta e sossegadamente, acompanhados de um ou dois pilotos (Remora), até que a gente os assusta e então fogem em disparada, com um ataque de coração.

Certa vez, encontrei um grande exemplar espichado sob um recife. Atirei várias vezes em pontos próximos e o tubarão nem se mexeu. O arpão apenas ricocheteou em seu couro rijo e rugoso. De qualquer maneira, não faça



deixa sua pele
"RESPIRAR"

A expressão é exatamente esta. Sua pele precisa "respirar", através de poros limpos, livres de cravos, espinhas, pontos, manchas e outras imperfeições. Só assim você terá uma cutis suave, apresentando um viço permanente... um frescor juvenil... o brilho de uma pele bem cuidada. Para manter sua pele imaculada, experimente o Creme de Alface Brilhante. Em poucos dias, você notará a diferença. Para seu encanto de mulher fascinante use o



Creme de
ALFACE
Brilhante

LABORATÓRIO ALVIM & FREITAS

CLÍNICA HOMEOPÁTICA

Dr. J. Schembri

Adultos e Crianças

Av. Afonso Pena, 526 — Edifício Mariana, 8º andar — Das 15 às 18 horas — Fone 4-1791 — Residência : 4-5965.

ORFANATO SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA

Mantido pelas Irmãs Franciscanas, com quase uma centena de meninas órfãs, necessita do auxílio de todos os corações bem formados, para realizar a sua elevada missão cristã.

Envie o seu donativo, colaborando na manutenção e educação de uma centena de brasileiras.

Avenida Queiroz Júnior
ITABIRITO — MINAS GERAIS

O MAIS EMOCIONANTE ESPORTE DO MUNDO

(CONTINUAÇÃO)

cócegas em tubarões; nunca se sabe como está o senso de humor deles.

Referimo-nos anteriormente à pesca submarina sem barco. É preferível, para o principiante, evitar esse tipo de pesca, que é também chamado de «isca-para-tubarões». Siga os conselhos dos mais experientes e pode estar certo de que não terá de se desdizer, como o famoso pescador que disse: — Vou pegar uma baleia «de cara» (atribuído a Jonas).

Algumas pessoas, que tiveram

a paciência de fazer comigo todo este percurso, após ler tudo isto, poderiam dizer: «Pode ser que não haja perigo na exploração e pesca submarinas, porém acho que prefiro ficar em terra firme e ler um livro».

Para seu agrado, gostaria de me referir ao fato de que as estatísticas provaram decisivamente que 98.123.456% das pessoas morrem na cama.

No entanto, num mínimo de 364 dias por ano, ninguém dedica a

esse fato um só momento de meditação.

A exploração e a pesca submarinas estão entre os mais repoussantes passatempos. Para jovens ou velhos, para os hábeis ou para os curiosos, para os enfadados ou «blasés», não há nada igual. E, a menos que você experimente logo, nunca saberá quanto está perdendo.

Gostaria de repetir ainda uma vez que, para os medianamente cautelosos, a caça e a exploração



Salteador mascarado.

A América Vai ao Mar

CONHECI certa vez, na Holanda, um homenzinho, filho de pais abastados, que vivia pobremente numa casa em ruínas. A poucas centenas de metros erguia-se uma bela casa em terrenos bem cuidados. O homenzinho, com uma invencível mania de auto-comiseração e carecendo

de força de vontade, imaginação e perseverança, passou a vida toda explicando a quem quer que se interessasse em ouvir, as razões de não ter sido capaz de progredir na vida, e terminava sempre comentando o que havia de errado com seu próspero vizinho. O bem sucedido vizinho tra-

submarinas não oferecem perigo. E' essencial que se saiba quando começar e como agir em qualquer circunstância. Isto se aplica a tudo que se faz na vida, e a exploração submarina não constitui exceção.

Quando a caça submarina se tornar o seu esporte, você terá todas as emoções possíveis na vida. Todavia, não se esqueça de que algumas das criaturas da natureza têm o coração fraco; por isso, NÃO ASSUSTE OS POBRES TUBARÕES !... — Cornél Lumière.

balhara árduamente a vida inteira e, cuidando do que era de sua conta, desenvolvera seu intelecto e subira na vida. De acordo com o homenzinho, tal vizinho era egoísta, falso, mal-educado. E como era engraçado seu modo de falar ! O homenzinho encontrava pelo menos dez motivos para provar que nunca tivera sorte e que não havia justiça neste mundo.

Naturalmente que todos os comentários desairosos e a antipatia por seu vizinho não impediam o homenzinho de lhe pedir alimentos, aceitar roupas, nem de pedir emprestadas suas ferramentas. Tomava dinheiro emprestado sempre que possível, sem intenção de reembolsá-lo. Se alguma vez acontecia uma briga de bêbados na vizinhança do homenzinho, acusava o vizinho de não manter o sossego. Sempre penso nesse homenzinho, quando ouço europeus tentando mostrar-me como os americanos são perfeitos, exceto... e aí segue-se geralmente uma lista de defeitos. Muitas vezes, ouve-se essa arenga até de aliados íntimos. Por causa disso eu, às vezes, me sinto melindrado. Adoro a América.

Nascido na Europa, passei parte de minha vida no Extremo Oriente, Austrália, Pacífico Sul, Caraíbas, e agora considero a América do Norte minha terra. Uma grande viagem ! Nenhum americano, nascido em qualquer ponto entre o Canadá e o México, poderia orgulhar-se mais de seu país do que eu. Eu o amo por ser um país novo; amo-o por ser uma terra de inacreditável vigor e energia; amo-o por ser um dos poucos lugares sob o sol onde a iniciativa e a audácia têm valor; onde, neste

SERVIÇOS GRÁFICOS

DE ALTA CLASSE

- Jornais
- Revistas
- Rótulos
- Cartazes
- Catálogos
- Relatórios

- Teses
- Folhetos
- Livros
- Almanques

Departamento de Arte, para "lay-outs", desenhos e montagens

SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA.

Av. Afonso Pena, 941 — 4º andar
Fone 2-0652 — Belo Horizonte

**TIPOGRAFIA
OFF-SET
CLICHÊS**

DR. JOSÉ CHIABI

Clínica e cirurgia de
Ouvido, Nariz e Garganta

☆

Edif. Banco Crédito Real — 13º
pav. — Sala 1302 — Rua Espírito
Santo, 495 — Telefone: 4-4040

DR. J. MANSO PEREIRA

Docente da Faculdade de Medicina
da Universidade do Brasil

*Úlceras do estômago — Obesidade
e magreza — Crianças fisicamente
retardadas — Diabete — Alergia
clínica.*

☆

Consultório: Rua Ouvidor, 169 —
8º andar — Sala 809 — Fone: 23-6230
RIO DE JANEIRO

indo ao Rio...

HOTEL TROCADERO

- o mais novo e moderno
hotel de Copacabana

- ar refrigerado
- todos os apartamentos de frente

Av. Atlântica, 2064
Tel. 57-1834 — Posto 3
End. Teleg.: TROCADERO



UM NOVO REMÉDIO CONTRA O CANSAÇO

Que vem a ser cansaço? Não é fácil responder. Pode-se sentir cansaço por diversas razões. Cansado sente-se o estudante durante os exames, o atleta depois de um esforço, o convalescente, a senhora que aguarda a chegada do bebê.

Será que o estado de cansaço pode ser determinado por um único desequilíbrio fisiológico? Se for assim, que nível orgânico é responsável por esse desequilíbrio? A estas perguntas responderam recentemente dois médicos franceses, os professores Laborit e Huguenard (os notáveis inventores da hibernação artificial), falando ao Congresso de anestesia de Lilla.

Os dois estudiosos comunicaram haver encontrado novo medicamento contra cansaço — o aspartato de potássio e de magnésio, capaz de proporcionar às pessoas visivelmente fatigadas uma recuperação total das energias. Laborit e Huguenard fizeram diversas experiências para provarem a eficácia do aspartato de potássio e de magnésio sobre o organismo humano, e citaram o caso de um pugilista que, graças a esse medicamento, pôde participar de cinco lutas, durante cinco noites consecutivas, sem ressentir-se do grande esforço.

Segundo Laborit, o cansaço é sempre resultado de desgaste celular. A célula, como se sabe, é mais rica em ions de potássio, enquanto o ambiente que a circunda é mais rico em ions de sódio. Evidentemente, ela conserva a sua força própria, mantendo intacto seu patrimônio de potássio; mas, quando por um acontecimento qualquer (distúrbio físico, psíquico, alteração metabólica) o potássio diminui, a célula perde a força e a vitalidade e um órgão ou todo o organismo dão sinais de cansaço. O aspartato de potássio e de magnésio, no conceito dos médicos franceses, tende a reabastecer as células, devolvendo-lhes o potássio perdido.

A hipótese patogênica e terapêutica de Laborit e Huguenard é bastante sugestiva, tanto mais que vem sendo comprovada experimentalmente.

E' bom lembrar que o enfarte cardíaco — uma das mais difundidas e preocupantes enfermidades — não é outra coisa senão o resultado final do cansaço das células do coração. Sendo assim, imagina-se facilmente a contribuição que poderá dar o novo medicamento no tratamento da citada enfermidade. Neste campo, o aspartato de potássio e de magnésio poderá revelar-se como importante marco na história da medicina.

CÁPSULAS

• Um regime exclusivamente à base de uva é aconselhável às pessoas que desejarem desintoxicar o organismo, abaixar a pressão e diminuir o peso. • Se a criança, na sua posição natural habitual, parece ter um ombro mais alto do que o outro, é necessário que seja submetida sem demora a exame médico, pois suspeita-se que esteja com escoliose, desvio da coluna vertebral. • Os olhos podem provocar inflamações e eczemas no nariz e uma coloração verde atrás das orelhas, vindo tais manifestações indicar, na maioria dos casos, a hipersensibilidade da pele nos confrontos do material empregado para a fabricação dos óculos: trata-se, na maior parte dos casos, de uma liga de níquel e cobre.

O Que Vimos de Bom Cinema

Conclusão da pag. 49

sileiro *Orfeu do Carnaval*. Concluímos disto que essa organização, apesar dos terríveis filmes mexicanos que costuma apresentar, é a que tem demonstrado maior bom senso na programação de seus filmes. A companhia do cine Candelária não tem medo de apresentar filmes bons — e faz bem, por que o público vem apurando seu gosto e começa a prestigiar as boas películas.

Quanto aos filmes de maior sucesso do cine Art Palácio temos a observar que todos eles atraíram um público mais ou menos igual em quantidade. Três deles são filmes medíocres, mas *A Trapaça* escapa a esta classificação e vem comprovar o fato de que o público começa a apreciar o bom cinema.

Finalmente temos *A Volta ao Mundo em 80 Dias* e *Saeta*. Nenhum dos dois possui qualquer valor artístico. *A Volta ao Mundo em 80 Dias* deve seu sucesso ao fato de ser um fita "espetacular", em que milhares, talvez milhões, de dólares foram dispendidos e ao trágico destino de seu produtor Mike Todd. *Saeta*, filme péssimo, atraiu o público com a cantoria do menino espanhol Joselito aquele que esgüela "Dónde estará mi vida".

Em todo caso, fechemos este retrospecto com uma nota alegre. Se é verdade que cinco dos filmes mais populares em 59 são decididamente ruins, não é menos verdade que cinco deles são bem razoáveis e alguns mesmo excepcionais. Agora, basta para 59!

☆☆☆

DIFERENÇA

Há mais de 30 anos, vem o Dr. Bryng Bryngelson, da Universidade de Minnesota, estudando os canhotos, tendo chegado à conclusão de que pode haver diferença entre as crianças canhotas e as não canhotas, mas quando tomadas como um grupo. As canhotas, diz ele, tendem a ser altamente imaginativas, criadoras e muito sensíveis, do ponto de vista social, ao passo que as não canhotas parecem mais extrovertidas.

«Se não houvesse interferência de espécie alguma por parte dos pais e dos professores — declara o Dr. Bryngelson — 34% das crianças nascidas hoje poderiam tornar-se canhotas e cerca de 3% poderiam usar perfeitamente as duas mãos».

PEDRA DE TOQUE

CAIXA DE
SEGREDOS



NUMEROSAS são as consulentes desta seção que se mostram perplexas e indecisas, quando lhes acontece verem o rapaz de quem gostam afastar-se porque não permitiram elas que fossem tomadas certas liberdades de ordem sensual. Perguntam-me então se agiram direito, se o seu gesto de repulsa ou condenação serviu apenas para afugentar o rapaz, se não era preferível fazer certas concessões, contanto que se pudesse mantê-lo preso ao namorado e mais tarde tê-lo como noivo e esposo.

Uma moça cônica de sua dignidade, do respeito de si mesma, de boa formação moral e religiosa, inteligente e prudente, bem orientada e ciente em educação sexual, não poderá ter dúvidas sobre o perigo de tais concessões. São condenáveis

sob todos os aspectos e devem ser repelidas porque assim o exigem a moral, a religião e o respeito que cada qual deve ter de seu corpo e de sua alma.

Outras, porém, muito dominadas pelo temor de perderem o namorado, de não encontrar mais quem as queira, de ficar solteironas, cedem, pensando que assim garantirão uma fidelidade precária, pois se esquecem de que outras poderão conceder liberdades maiores e arrebatá-lhes o indigno e infiel. Muitas deixam-se levar pelos maus exemplos que vêem louvados, exaltados, apresentados sob cores sedutoras nos filmes, nas revistas, nos romances.

Como certo relaxamento moral vem caracterizando a vida moderna, especialmente, nas grandes capitais, e costumes de países outros de moral mais frouxa e de vida mais solta de peias morais e religiosas são mostrados como supra-sumo de civilização, quando na realidade são sinais de decadência e podridão, a muitas pode parecer que nada haja de mais nessas liberdades chamadas «modernas»: beijos, contactos ou coisas piores.

No entanto, as cabecinhas loucas que pensam que não há perigo em conceder tais liberdades e que sempre poderão, quando quiserem, não deixar que sejam ultrapassados certos limites, desconhecem quanto é frágil a vontade quando as paixões irrompem, quando os instintos se exacerbam, quando os sentidos dominam a razão. A imagem é antiga, mas sempre verdadeira; essa concessão de liberdades é como a descida por uma ladeira íngreme: a princípio vai-se descendo devagarinho com todo o cuidado, pondo um pé aqui, outro ali, mas depois de certo tempo os passos se precipitam, o movimento inicial acelera-se, a

declividade da ladeira é cada vez maior, apodera-se de quem desce uma espécie de vertigem e, quando dá consigo, já rolou; está caído lá em baixo.

E' sempre assim que tais coisas acontecem. De modo que, o caminho seguro a seguir é o da negação e repulsa a qualquer liberdade. São coisas que não devem ser permitidas. O namorado não é uma simples aventura, mas um começo de estudo e conhecimento, de parte e outra, daquele ou daquela que se pretende ter como companheiro ou companheira na vida. O namorado não é experiência sexual. O namorado é período de observação mútua, de conhecimento mútuo, para que cada qual avalie as qualidades e defeitos do outro e verifique se convém ou não confiar seu futuro e sua felicidade a esse alguém.

Será, portanto, a pedra de toque para se conhecer a qualidade boa do rapaz ou da moça. Se a moça não se respeita e permite liberdades indignas, o rapaz mesmo desconfiará dessa facilidade e se afastará, porque mesmo os mais sem caráter e desrespeitadores preferem as sérias às fáceis... para casar. Quanto à moça, se o namorado se mostra um desrespeitador e indecente, não pode dar bom marido, porque não sabe respeitar nem aquela a quem quer fazer sua esposa. O melhor será que se vá embora de uma vez.

De modo que, toda moça séria que tencione arranjar bom marido deve mostrar-se sempre severa e digna nas suas relações com seu namorado. As facilidades são sempre um erro e erro perigoso para ambos. Se negada qualquer liberdade, o moço se retira, melhor para a moça. O tal namorado não presta, não a merece, não será um esposo digno. E ficar solteira é sempre melhor que casar mal. — Maria Madalena.

AVISO — A uma consulente de S. Bernardo do Campo, em São Paulo, tenho a dizer que não posso responder diretamente à sua consulta porque as respostas a consultas só são feitas através da revista.

DOMINGOS CUSTÓDIO FERNANDES — Lins — São Paulo — Esta seção só atende a conselhos espirituais, não tratando de auxílio material. Sua carta foi,

porém, transmitida à redação de ALTEROSA.

REVOLTADA — Belo Horizonte — O seu problema tem a solução em si própria. Alguém já disse que o mundo é o reflexo daquilo que somos. No dia em que a minha boa amiga resolver mudar o seu temperamento para usar de mais tolerância e mais compreensão para com aqueles que a cercam, é evidente que encontrará também maior compre-

ensão e tolerância para com as suas falhas. E assim, por acréscimo, as amizades cuja falta tanto lamenta.

Toda correspondência para esta seção deve ser dirigida a Maria Madalena — "Caixa de Segredos", Redação de ALTEROSA, Caixa Postal 279, Belo Horizonte.

NO sentido de incentivar os valores novos de nossas letras, a Companhia de Seguros "Minas-Brasil" patrocina o "Concurso Permanente de Contos" desta revista, nas seguintes bases:

1º) — O original deve ser datilografado em uma só face do papel, em espaço nº 2, com o máximo de 8 e o mínimo de 3 laudas.

2º) — Motivo e ambiente nacionais.

3º) — Observância dos princípios morais que norteiam os costumes da família brasileira.

4º) — Argumento isento de tragédias fortes ou mistérios tenebrosos, fixando de preferência as emoções do ambiente de família, do lar e os dramas de fundo moral sadio e honesto.

5º) — Os trabalhos devem ser inéditos e, uma vez premiados, terão os seus direitos autorais reservados por ALTEROSA.

6º) — É permitido ao concorrente assinar o trabalho com pseudônimo. Neste caso, deverá mencionar também o seu nome e endereço completos para a remessa eventual do prêmio que lhe couber.

7º) — Os dois melhores trabalhos recebidos em cada mês serão divulgados nas páginas de ALTEROSA e contemplados, cada um, com o prêmio de mil cruzeiros.

8º) — Os trabalhos considerados publicáveis, embora não reúnam qualidades suficientes para que sejam premiados, receberão menção honrosa e poderão ser eventualmente divulgados.

Os prêmios deste Concurso são enviados pela Companhia de Seguros "Minas-Brasil", diretamente aos autores premiados, sessenta dias após a publicação.

Não se devolvem originais, ainda que não sejam aproveitados, nem se manterá correspondência sobre o destino dos mesmos. A revista noticiará, quinzenalmente, o resultado do julgamento, relacionando os trabalhos aprovados.

COLABORAÇÃO DE LEITORES

PARA conhecimento de nossos leitores que concorrem com trabalhos para o concurso "Minas-Brasil" e com outras colaborações espontâneas para esta revista mencionamos a seguir as produções recebidas na 2ª quinzena de novembro e que mereceram aprovação da Comissão Julgadora:

CONTO: "Ventania", de Caio Porfírio Carneiro.

CRÔNICA: "Velho Baú", de Milton Costa.

POESIAS: "Saudade", de Edmo Frossard Paixão e 1 trova, de Argemiro Corrêa.

0 Mais Emocionante Esporte

Continuação da pag. 87

mundo tumultuado do século vinte, há liberdade para todos (a despeito de todos os McCarrans e McCarthies) e oportunidade para todos.

Acima de tudo, eu o amo, porque é um país de igualdade e justiça. Se isto parece um sentimento muito forte para alguém que não esteja se referindo a seu país natal, não importa: amo a América.

A América tem um amor quase fanático por tudo o que é diferente, tudo o que é novidade. Na América, há mais lazer, mais dinheiro para se gastar com seus passatempos e maior imaginação e energia para a alegria.

Por isso, quando os «homens-rãs» retornaram à pátria e a França e a Itália começaram a lançar uma grande quantidade de equipamentos de mergulho, a América dedicou-se em grande escala ao mundo submarino. Há, atualmente, centenas e centenas de clubes de mergulho nos Estados Unidos. A Califórnia e a Flórida lideram a lista, mas o leste e a Região dos Grandes Lagos estão bem representados. A mais ativa organização internacional em assuntos submarinos é a Associação Internacional de Caça Submarina e a maioria dos recordes de peixes arpoados foi registrada por pescadores americanos.

Uma nova indústria surgiu no espaço de poucos anos. Fábricas diversas produziram nadadeiras, roupas de banho, aparelhamento para respiração sob a água e, em muitos lugares, postos de serviço vendem ar comprimido.

Um grupo de empreendedores ex-homens-rãs dedicou-se ao mergulho comercial e ao serviço de salvamento de bens naufragados. Inspecção, debaixo da linha d'água, de navios e iates, mergulhos comerciais para a procura de tesouros naufragados, filmagens submarinas com grandes elencos — eis algumas das novas atividades que surgiram nos últimos anos. Uma atividade pouco comum da qual tive notícia recentemente é exercida por um jovem casal nos lagos canadenses. Exploram as águas menos profundas e retiram garrafas aos milhares, peças perdidas de navios, bolas de golfe, qualquer coisa que haja caído no fundo do mar e que tenha valor.

Um bom amigo meu, residente na Flórida, que tinha paixão pela diversão submarina, combinou seu passatempo com suas habilidades de engenheiro e o transformou num próspero negócio. Jordan Klein, que usa um cavanhague «para espantar as barbacudas», atingiu um ponto em que, praticamente, pode se recostar e, olhando para uma prancha de desenho, desenhar um jogo completo de câmaras submarinas, apenas tocando um lápis.

Ótimo fotógrafo, Jordan percebeu que muitos de seus clientes gostariam de ter algumas fotos submarinas; e foi assim que começou a desenhar e manufaturar jogos de câmaras submarinas. Seu primeiro modelo foi um estôjo de plástico para uma câmara Brownie Holiday.

Esse produto fez tanto sucesso que ele agora possui uma fábrica, produzindo estojos em grande quantidade. Além disso, fabrica estojos para quaisquer outros tipos de câmaras, fotográficas ou cinematográficas, utilizando plástico ou alumínio, e usando para todos os seus produtos a marca registrada MAKO. Com um bom estoque de equipamentos submarinos, além da fábrica de estojos para câmaras, Jordan está realmente vitorioso na comercialização de seu «hobby» preferido.

Cerca de quatro anos atrás, Jordan resolveu transformar seu barco a motor diesel, de 12 metros de comprimento, numa lancha pesqueira de aluguel, exclusivamente para caça submarina. Arrancou a parte traseira do barco para fazer uma porta com uma escada que termina dentro d'água. Turistas, assim como habitantes do lugar, acorreram a seu barco para experimentar o novo esporte. Muniu-se de tudo, inclusive equipamento completo de respiração. Levados para os recifes, a cerca de 19 quilômetros a sudeste de Miami, seus fregueses passam momentos deliciosos, admirando o mundo submarino e pescando o próprio almoço. Algumas vezes leva um grupo mais longe, até Bimini e as Bahamas, em viagens que duram três dias, a bordo de seu barco, que se chama «Arbalete».

Nos Estados Unidos não há assunto que não possa ser transformado em questão política. Em que outra parte do mundo pode-

ria um legislador apresentar um projeto de lei proibindo a caça e a exploração submarinas, com multa de centenas de dólares ou seis meses de cadeia, porque um rapaz, usando equipamento de homem-rã, foi encontrado afogado? Certamente, o mesmo legislador proibiria, com penalidades exorbitantes, a importação, transporte, distribuição, exposição e consumo de bananas em seu estado, porque alguém em sua comarca escorregara numa casca de banana e quebrara o pescoço.

Em muitos lugares da Califórnia e da Flórida há decretos e leis municipais determinando o tipo e tamanho do peixe que pode ser arpoado e em que época. Naturalmente, os mergulhadores devem — e o fazem — cumprir rigorosamente essas leis. Na verdade, esta confraria de mergulhadores, que se expandiu em proporções gigantescas, consiste, em geral, de uma parcela de cidadãos de responsabilidade. Têm uma concepção sadia da vida e são amantes ardorosos da natureza. Fortes e vigorosos, têm consciência de seu valor e de sua competência para cuidar de si próprios neste mundo recentemente descoberto. Há algo de primitivo neste orgulho profissional da clã submarina. A natureza fornece-lhes alimento. Com base na preocupação pela sobrevivência e no orgulho de caçador bem sucedido, é o impulso de retorno à natureza que mantém unidos todos os mergulhadores e exploradores submarinos numa numerosa e feliz família. Tenho-o dito frequentemente e o repetirei: há tanta beleza, tanta emoção neste novo mundo, que eliminam de nossas mentes fatigadas qualquer preocupação, qualquer problema, qualquer frustração. Dentre todos, é o mais saudável e agradável «play-ground».

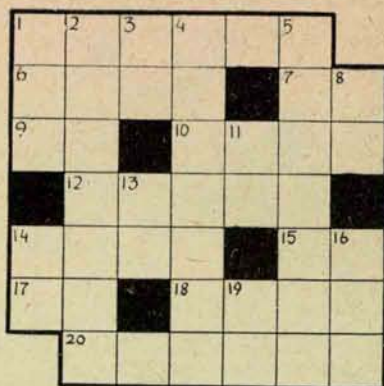
E, em caso extremo, a pesca submarina é um meio de evitar a fome. Não é um pensamento agradável, e muitos de nós recusamo-nos a enfrentar as horribes possibilidades de uma futura guerra atômica ou de hidrogênio. Mas no caso de serem os abastecimentos suprimidos e de o alimento tornar-se escasso, você encontrará arpoadores pescando, não apenas para si e para os seus, mas também para outros. E, graças a Deus, a parte submarina deste mundo não será devastada tão facilmente como o foram nossas planícies e florestas.

Realmente, não será o pescador submarino que irá, algum dia, causar a devastação em grande

(Conclui na pag. 74)

PALAVRAS CRUZADAS

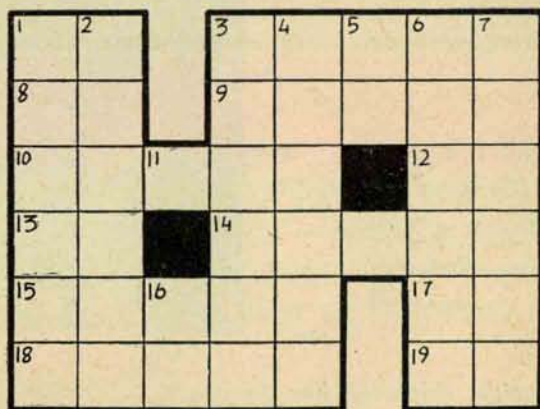
NO VATOS



Horizontais: 1 — Céu da boca. 6 — Anual. 7 — Poeira. 9 — Acusada. 10 — da mesma forma. 12 — Bebida alcoólica açucarada. 14 — Extraordinária. 15 — Símbolo químico do Erbó. 17 — Pref. grego que indica aproximação. 18 — Tino; habilidade. 20 — Obrar; executar.

Verticais: 1 — Casal. 2 — Crêspo. 3 — Ali. 4 — Pequena torquês. 5 — Forma leve de teatro musicado, com enredo sobre assunto cômico e sentimental. 8 — Rio da Rússia. 11 — Contração do pronome te mais o artigo o. 13 — Morrer. 14 — Deus egípcio. 16 — Multidão. 19 — Atmosfera.

VETERANOS



Horizontais: 1 — Metal de peso atômico 69,72. 3 — Gordura animal. 8 — O mais. 9 — Curral para carneiros. 10 — Fusível. 12 — Nota musical. 13 — Pref. indica tendência. 14 — Cidade de Espanha, prov. de Almeria. 15 — Desaire; mancha. 17 — Pedra de moinho. 18 — Ribeira, afluente do rio Zêzere, Portugal. 19 — Pronome indefinido francês.

Verticais: 1 — Sardenta; estragada. 2 — Conjunto de vasos que se encaixam uns nos outros, formando uma espécie de tubo com aplicação nos laboratórios de química. 3 — Tribo de índios do rio Negro. 4 — Enlouqueço; ensandeco. 5 — Substrato instintivo da psique. 6 — Rio da Ásia Menor que banha a antiga Cilícia. 7 — Ilha francesa do Atlântico, na foz do rio Carantono. 16 — Nota musical.

SOLUÇÕES ANTERIORES

VETERANOS — Horizontais: Atáxico — Loa — Ror — Om — Lar — Sátiro — Doa — No — Pau — Val — Isabel. Verticais: Alos — Tomadas — Aa — Irar — Coronal — Or — Lia — Tona — Sol — Pi — Ve.

NO VATOS — Horizontais: Ver — Alo — Al — Ut — Vi — Ba — Caseara — Alegria.

Verticais: Noel — Valise — Roubar — Aval — Tari — Ca — Aa.



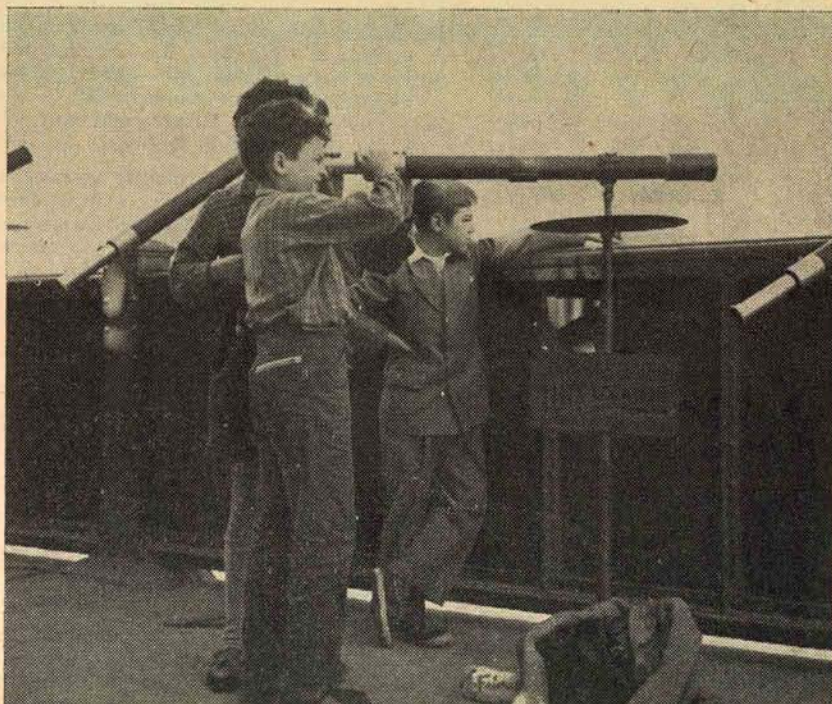
Tudo passa. A torre permanece como uma prova da visão de um homem e do esforço de um povo.



Hora de descanso, de sanduiches e de refrigerantes, tendo a mais bela cidade do mundo aos pés.



No topo, quiosques, bares e lunetas para se vasculhar Paris.



Os pequeninos também têm vez e quando o dono das lunetas se distrai...



A TÔRRE EIFFEL CRESCEU...

Texto e fotos de
Domingos de LUCCA JUNIOR

(Especial para ALTEROSA)

De 312, 275 m passou a 320, 215 m — 7.000 toneladas de aço — 400 francos para ir até o topo — Possui um dos mais finos restaurantes de Paris — Lunetas e poesia — O que se vê do alto — Não é apenas um símbolo — Nela estão instaladas as emissoras da TV francesa.

PARIS (Via Panair) — Quando Eiffel traçou os primeiros projetos para a construção da torre que ficaria com seu nome e se celebrizaria, no mundo todo, como um autêntico símbolo de Paris, violentas manifestações de intelectuais foram realizadas, a fim de impedir a construção de «uma tal aberração arquitetônica».

No entanto, o engenheiro ganhou a causa. A torre não foi demolida mais tarde, como fora previsto inicialmente. Pelo contrário, cresceu, adaptou-se à vida moderna e hoje presta relevantes serviços à radiotelevisão francesa, pois no seu último andar estão localizadas as cabinas de emissoras de TV, bem como uma gigantesca antena que assegura a projeção dos programas aos sítios mais afastados da França.

Eiffel pensou em construir a torre em 1884. Em 1886, já tinha

prontos os planos definitivos, que foram executados em tamanho normal, de 1887 a 1889, tendo sido ocupadas para tal 5.000 folhas de papel de 1 metro por 80 centímetros.

Sua montagem foi feita com o concurso de 300 operários, os quais utilizaram dois milhões e meio de arrebites para ligar suas diversas seções. Em 1909, a construção deveria ser posta abaixo, mas os serviços que ela prestava, já desde 1902, à telefonia sem fio a salvaram. Em 1916, graças à sua antena, foram realizadas as primeiras ligações inter-oceânicas desse tipo e, em 1918, ela passou a funcionar como antena da radiodifusão francesa.

Os anos correram e veio a televisão, à qual esse monumento parisiense presta os melhores serviços. No entanto, para a nova função, houve necessida-

de de modificações no seu topo. O quiosque em que terminava foi desmanchado, e no seu lugar construída a cabina que abriga o aparelhamento emissor da TV e o mastro de bandeira que existia, substituído por possante antena de longo alcance.

Essas modificações implicaram num aumento de altura e seu aspecto tradicional mudou um pouco. Sua altura, que era de 312,275 m, passou para 320,215 m o que a coloca a 353,715 m acima do nível do mar, se levarmos em conta a altitude do solo no lugar onde foi construída.

Pelo seu porte, a Torre Eiffel é uma construção leve, pois pesa 7.000 toneladas e exerce uma pressão de 4 quilos por centímetro quadrado, no solo onde se apóia, o que equivale à exercida por um homem médio, sentado numa cadeira. Um modelo reduzi-



A TÔRRE EIFFEL CRESCEU...

do, em aço, com 30 centímetros de altura, pesaria exatamente 7 gramas.

Sua oscilação, sob a ação dos ventos mais violentos, é de 12 centímetros, no máximo e sua altura pode variar até 15 centímetros, de acordo com a temperatura.

Ela possui três plataformas que podem ser visitadas durante a primavera e o verão: a primeira a 57 metros do solo; a segunda a 115 metros e a terceira a 274 metros. O acesso às mesmas é feito por escadas ou por elevadores e, para a escalada, pagam-se: — pelas escadas 50 francos até o 1º andar e 100 até o segundo. Não se atinge o 3º por elas. Por elevador: 1º andar, 100 francos; 2º, 200; 3º, podendo-se parar nos dois anteriores, 400 francos.

Mas a Torre Eiffel não possui apenas as instalações de TV. Oferece uma vista, do seu topo, que se estende até 67 quilômetros, quando o tempo está limpo. Possui, também, um dos mais

famosos e caros restaurantes de Paris.

No primeiro e segundo pavimentos, além do restaurante, os turistas mais modestos contam com o serviço de dois bares e podem comprar uma infinidade de lembranças de Paris, miniaturas ou postais da Torre, flâmulas e lenços para a cabeça.

Um cidadão mantém um serviço de aluguel de lunetas de longo alcance, à razão de 100 francos por alguns minutos, pelas quais os turistas podem vasculhar a cidade. É interessante, pois, da última plataforma, se o tempo ajuda, vêem-se os mais significativos monumentos de Paris: o Hôtel des Invalides, onde está sepultado Napoleão; o Arco do Triunfo; a Igreja do Sacré-Coeur, no alto do monte de Montmartre, etc.

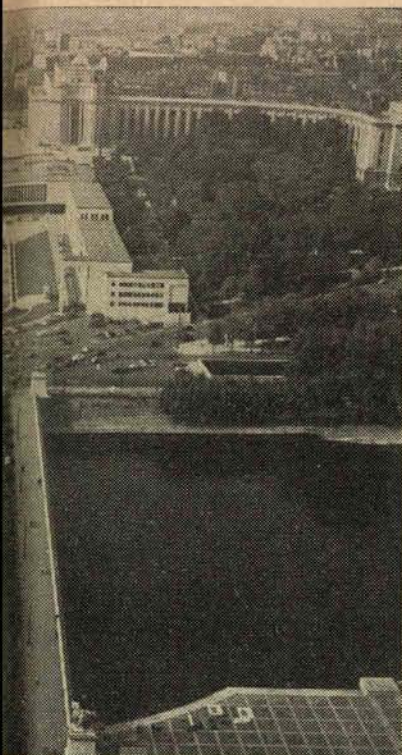
Na primavera e no verão, não só turistas estrangeiros sobem à Torre, que nos meses de maior movimento é visitada por mais de um milhão de pessoas, mas também os franceses vindos da

provincia ou de cidades grandes mas distantes, como Marselha ou Lyon.

Esse é um dos monumentos que parecem exercer particular fascínio nos forasteiros. Lá de cima, ele tem Paris e o Sena aos seus pés, o Campo de Marte com a Escola Militar e, no lado oposto, na outra margem do Rio, o Palais de Chaillot, onde funciona a OTAN, onde estão os museus de Arte Moderna, de Folclore e o Teatro Nacional Popular.

A vista é magnífica, o tempo corre deliciosamente, em especial nos dias de maior calor, quando até parisienses perdem o amor aos 400 francos e vão gastar a tarde bebendo cerveja gelada e conversando, vendo o Sena cortado por barcos de transportes de cargas, por embarcações turísticas e tendo o mundo insignificante e pequenino a seus pés.

A Torre Eiffel não é, pois, apenas um símbolo de Paris, um ponto de atração turística, mas um elemento de grande importância na vida do País, levando-se



← Pode-se comer, beber, comprar lembranças. A Torre é uma cidade.

Na foto, vista da Torre : a ponte de Iena e o Palais de Chaillot.

↓ Turistas de todo tipo, inclusive sacerdotes curiosos de ver Paris do seu ponto mais alto.

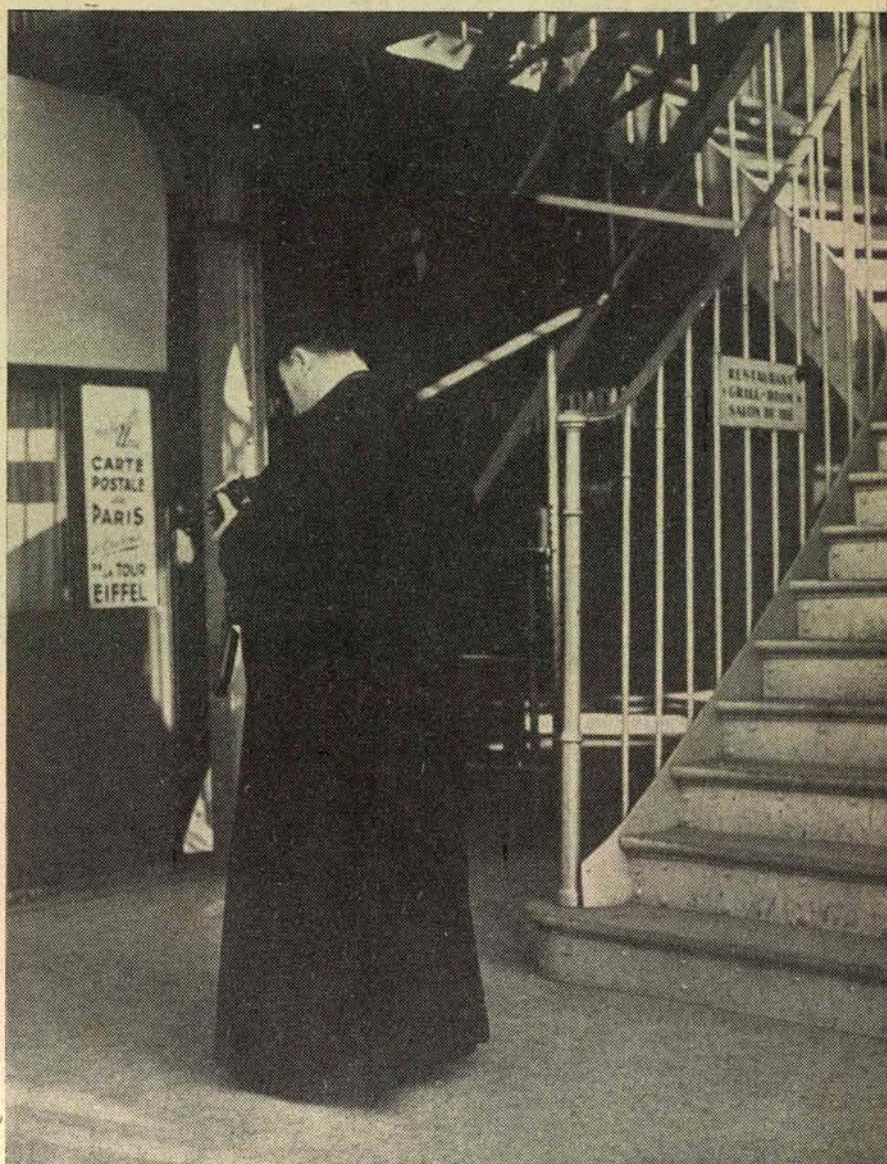
Conclusão

em conta os serviços que presta para as emissões de TV.

Plantada à beira do Sena para uma Exposição Internacional, ela conseguiu superar o próprio tempo e hoje é não apenas uma demonstração da capacidade inventiva e técnica do homem, mas também uma prova do espírito de renovação francês, que não demoliu o gigante de aço, mas adaptou-o para as contingências da vida moderna, tirando dele todos os proveitos possíveis.

☆☆☆

É interessante observar que o projeto do arquiteto Eiffel, que foi tão combatido em sua época, acabou por servir, há coisa de ano e pouco, para a construção de outra torre, muito parecida com a de Paris. Trata-se da torre erguida em Tóquio, no Japão, um pouquinho mais alta que aquela, e construída com a mesma finalidade da recente elevação da altura da francesa : servir de antena para as transmissões de televisão.





FOTOS E LEGENDAS

«A Gazeta», o grande jornal paulistano, recebeu a visita de ALTEROSA, nas pessoas do Sr. Newton Feitoza, nosso representante comercial em São Paulo, e Jorge Azevedo. Na foto, tomada durante a visita, la-deiam os visitantes, à esquerda, o poeta Correa Júnior, e à direita o jornalista Roberto Fontes Gomes, ambos redatores do prestigioso vespertino paulista.

Eleito Príncipe dos Poetas Brasileiros, no concurso instituído pelo «Correio da Manhã», Guilherme de Almeida foi homenageado, recentemente, pela sociedade bandeirante, no Clube Atlético Paulistano. Saudaram o Príncipe os Srs. Edgard Batista Pereira e Roberto Moreira. A foto mostra o grande poeta entre as senhoras Guilherme de Almeida e Raquel Simonsen, e os senhores Lucas Nogueira Garcez e Cirilo Júnior.



Realizou-se a posse da primeira Diretoria do Clube dos Diretores Lojistas de Belo Horizonte. Celebrando o grato acontecimento, os lojistas da Capital confraternizaram, num almoço, com os seus colegas do Clube dos Lojistas do Rio de Janeiro. Na foto, aspecto do almoço.

Transcorreu em dezembro último, o 80º aniversário de D. Maria Araújo de Magalhães Pinto, progenitora do Sr. José Magalhães Pinto, presidente da UDN nacional e candidato ao governo mineiro. A ilustre dama recebeu carinhosas homenagens de seus familiares e dos amigos de sua numerosa família. Foi celebrada missa votiva na igreja da Boa Viagem, e, no Country Club, realizou-se um almoço muito concorrido. Na foto, a aniversariante ladeada pelo deputado João Agripino, líder da UDN na Câmara Federal, seu filho J. Magalhães Pinto, e duas netinhas.



Comemorando o «Dia Pan-Americano da Propaganda» a Associação Mineira de Propaganda realizou um almoço de confraternização que reuniu a totalidade dos publicitários de Belo Horizonte. Vários oradores focalizaram a significação da data e foram sorteados brindes gentilmente oferecidos, pelo comércio belo-horizontino. Na foto um ângulo da mesa.



Foi instalado em Bauru (SP) a I Feira do Livro do Interior do Brasil, sob os auspícios da Câmara Brasileira do Livro e União Brasileira de Escritores, com a participação de inúmeras editoras nacionais. Na foto, o escritor Antônio D'Elia, ao microfone da Rádio Auri-Verde de Bauru, no programa «No Mundo dos Livros», focalizando a significação do acontecimento. Ao fundo, Hernani Donato, o poeta Gedeão Tognozzi e Nidoval Reis, diretor do programa.



A Prefeitura Municipal de Ouro Preto, por iniciativa do vereador Sebastião Francisco, iniciou original campanha a fim de obter fundos para construir o Estádio Municipal da cidade: a venda de artística flâmula com a reprodução do célebre quadro de autor desconhecido «Sentença dos Inconfidentes», exposto no salão nobre da Prefeitura, e da «Casa dos Inconfidentes». O cli-chê mostra a bela flâmula.





A Escolinha de Arte de Minas Gerais, dirigida pela pintora Arlinda Correa Lima, apresentou, com muito gosto, a Exposição de Trabalhos de Crianças Alemãs, sob os auspícios da Sociedade Cultural Teuto-Brasileira. A exposição, que mereceu elogiosas referências da crítica,

se constituiu de 56 diferentes trabalhos. Na foto, a pintora Arlinda Correa Lima, o Prof. Pedro Paulo Cristóvão dos Santos, especialista em estética filosófica, e vários alunos da promotora da interessante mostra de arte infantil.



A Câmara Brasileira do Livro, instituiu, em São Paulo, os Prêmios Jabuti, para escritores, gráficos, capistas, ilustradores, livreiros e editores que se destacassem durante o ano. Na festa, realizada em novembro último, relativa ao ano de 1958, foram os seguintes os premiados: Jorge Amado, romance; Isa Silveira Leal, novela infantil; Jorge Medauar, contos; José Paulo Moreira da Fonseca, poesia; Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção de São Paulo, ensaios; Mário da Silva Brito, história literária; Renato Sêneca Fleury, literatura infantil; Aldemir Martins, capa; Carlos Bastos, ilustrações; Almiro Rolmes Barbosa, imprensa; Bruno Di Tolla, gráfico do ano; Carlos Ribeiro, livreiro do ano; Saraiva S. A., editor do ano; e Sérgio Milliet, personalidade literária. Na foto, o editor José Barros Martins entregando o Jabuti a Jorge Amado.

Acompanhado dos Srs. prof. Speridião Faissol, secretário geral do Conselho Nacional de Geografia, e do prof. Wladimir Pereira, inspetor regional do IBGE em São Paulo, visitou a sede da Sociedade Geográfica Brasileira, na Capital paulista, o prof. Jurandir Pires

Ferreira, presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Recebido pelo Sr. Agenor Couto, presidente da entidade e outros diretores, o visitante foi saudado pelo Sr. Enzo Silveira. Na foto, um flagrante da visita, feito especialmente para esta Revista.





Iniciando as comemorações da instalação, nesta Capital da filial belo-horizontina da Motorauto S. A., realizou-se um almoço na Churrascaria Camponesa, que reuniu os diretores daquela empresa e elementos da administração da General Motors do Brasil. Compareceram, entre outros, os Srs. James Wilson, Ruggero

Selvo, José Gomes e Sérgio Prado, da direção da GM, e os Srs. Antônio Augusto Júnior, Francisco Botelho, Geraldo Correa e Leonardo Augusto, diretores da «Motorauto», além do Sr. Gerson Dias, presidente da Associação Comercial. Na foto, aspecto da chegada dos diretores da «General Motors» e «Motorauto».



Mais de oitocentas pessoas participaram do banquete que as classes produtoras paulistas ofereceram ao Ministro da Fazenda, Sr. Sebastião Paes de Almeida. Saudando o ministro discursou o presidente do Conselho Consultivo das Classes Produtoras, Sr. José Velasques Vargas. Na foto, conversam o ministro Paes de Almeida e o governador Carvalhal Pinto.

FOTOS E LEGENDAS

Convidados pelo Sr. Joaquim Garcia da Silva, gerente da filial belo-horizontina das Organizações Amaral, seguiram para São Paulo vários jornalistas e publicitários para visitarem as modernas instalações da conceituada firma que distribui as conhecidas «Cestas Amaral». Na foto, os visitantes sendo recepcionados, em São Paulo, pelos Srs. Rui Amaral Lemos e Deputado Alberto da Silva Azevedo, presidente e diretor da grande organização.



CLARA LUCE: PERDERÁ A BATALHA DOMÉSTICA ?



Clara Luce

DIAS ATRAS, QUANDO, nas crônicas sociais do «Journal-American», o famoso colunista Igor Cassini, mais conhecido com o pseudônimo de Cholly Knickerbocker, anunciou que o editor Henry Luce iria divorciar-se da ex-embaixatriz dos EE.UU. na Itália, Clara Luce, para desposar a duquesa Jeanne Campbell, muitos pensaram que a notícia tivesse sido ditada pelo próprio diretor do «Journal-American», senhor Hearst, que é concorrente e adversário mais direto de H. Luce nos negócios editoriais norte-americanos, possuindo também uma poderosa cadeia de jornais.

Todavia, aqueles que conhecem o casal Luce um pouco mais de perto, pensaram que apenas voltava à circulação uma voz corrente há tempos. De fato, em diversas ocasiões, já se havia falado na separação dos cônjuges (não de divórcio, visto que Clara Boothe é católica fervorosa). A primeira vez foi quando ela partiu para a Itália, em 1953, como embaixadora dos Estados Unidos e deixou só, por longo tempo, o proprietário de «Time», «Life» e «Fortune». Novas notícias a respeito circularam há pouco, quando aquela senhora pediu ao presidente Eisenhower para ser designada para a embaixada estadunidense no Brasil.

Como se recorda, a sua indicação levou logo a uma áspera polémica e, não obstante o apoio do próprio Presidente, foi boicotada no Senado, depois de forte oposição da maioria, encabeçada pelo Senador do Missouri, Wayne Morse. A senhora Luce não soube disfarçar o seu desapontamento, e, com uma frase pouco feliz, disse não compreender «como os senadores poderiam levar em tanta consideração a opinião do senhor Morse, que, fazia três anos, havia recebido na boca o coice de um cavalo que o havia privado dos sentidos por várias horas».

Os íntimos do casal Luce afirmam, por sua vez, que Henry ficou muito aborrecido com o comportamento de sua mulher. Em todo caso, os amigos reconhecem que a não indicação da senhora Luce revelou-se providencial, pois mais dois anos de afastamento do lar iriam fatalmente fazer naufragar o já pouco estável matrimônio.

Remontam àquele período, segundo os bem-informados, os encontros do editor com a senhorita Jeanne Campbell. Esta tem 31 anos (a metade de Henry), e pertence à mais alta aristocracia britânica, sendo filha do duque escocês de Argyll, e neta de Lord Beaverbrook, ou seja, de um homem que na imprensa inglesa representa uma potência comparável àquela de Luce e Hearst, sendo, entre outros, proprietário do «Daily Express». Jeanne é alta, tem os cabelos castanhos, olhos amarelo-esverdeados, e no rosto o colorido vivo próprio das moças das planícies escocesas. Até hoje, as crônicas mundanas não se haviam ocupado dela: não casou, não freqüenta os círculos da corte, não comparece com freqüência às grandes reuniões londrinas e nunca deu lugar a escândalos.

Como e quando Jeanne Campbell e Henry Luce se conheceram, não se sabe: provavelmente na Inglaterra, dois anos atrás, numa recepção dada por Lord Beaverbrook. O certo é que, há dois anos, Jeanne foi aos Estados Unidos e Henry Luce lhe deu um emprego no semanário «Time», emprego que Jeanne manteve até há um mês, quando os boatos de um «flirt» entre ela e o editor começaram a correr na sociedade americana com certa insistência. Há pouco mais de mês, Jeanne Campbell retornou precipitadamente à Escócia, sem ao menos se despedir de suas amigas mais íntimas de Nova Iorque.

Os conhecidos de Jeanne afirmaram que Henry Luce foi conquistado pela doçura da moça, tão diferente da enérgica e volitiva senhora Boothe. Desta energia, aliás, Clara deu prova logo depois do aparecimento do artigo de Cholly Knickerbocker, declarando incisivamente que é prematuro falar-se de separação entre ela e seu marido, «sobretudo no que se refere à senhorita Campbell, já que os mexericos são privados de qualquer fundamento». Mais tarde, declarou também que seu casamento era perfeitamente feliz.

Mais não é possível saber-se. Os funcionários, fotógrafos, datilógrafos, jornalistas que trabalham na cadeia de jornais de propriedade de Henry Luce, interrogados, mantiveram-se na mais severa cortina de silêncio. A senhora Mary Mariano, secretária particular de Henry Luce, e a senhora Dorothy Farmer, secretária da senhora Clara Boothe, por sua vez, sustentam que a notícia do «flirt» entre o primeiro e Jeanne não é verdadeira.



HOMEM ESPACIAL

EM MOSCOU, a doutora Arapova, antiga assistente que trabalha no laboratório interplanetário soviético, aplica instrumentos especiais de registro ao tórax de Alessio Grachev (foto) um dos três russos que se estão preparando para os vôos espaciais. Alessio Grachev é um jovem oficial da armada russa. Ofereceu-se voluntariamente para a arriscadíssima aventura no Cosmo. E' solteiro e nem ao menos é noivo. A propósito, declarou que espera encontrar mulheres na Lua ou em Marte.

«O importante», declarou ainda Grachev, «é chegar lá em cima». Depois do sucesso do Lunik III, os cientistas soviéticos intensificaram o adestramento dos seus três futuros «homens espaciais».

OS DIRETORES E ARTISTAS que têm encenado comédias do escritor irlandês Brendan Behan, vivem apavorados, segundo notícias vindas da Europa. Algumas semanas atrás, enquanto num teatro cheíssimo, de Londres, estava sendo representada a sua comédia «O Refém», Behan se pôs, de repente, na platéia, a insultar os atores e a recitar, em voz alta e antes deles, passagens da peça, a fim de mostrar como deveriam ser ditas. Os atores se dirigiram ao empresário para que fizesse o homem calar, mas o empresário pôs as mãos na cabeça: «O que posso fazer? O autor é ele».

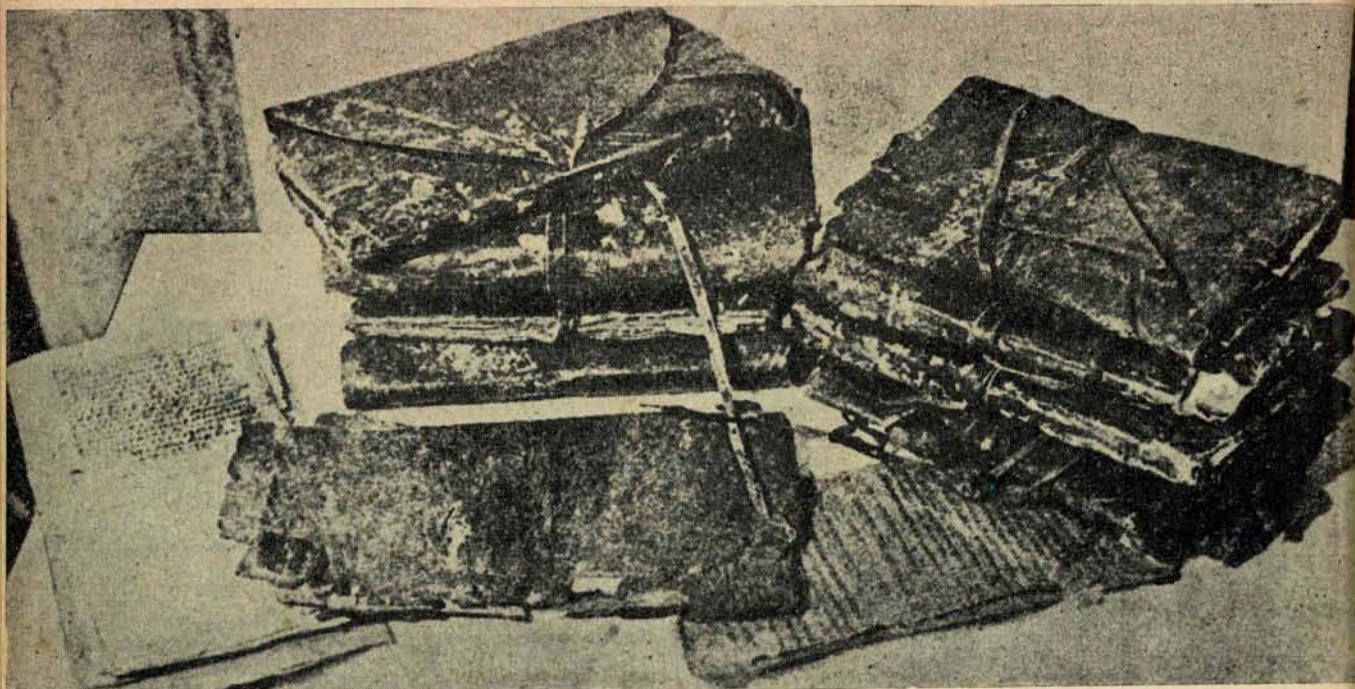
Em seguida, para complicar ainda mais as coisas, Behan insultou o público e o público exigiu que ele fosse posto para fora. O empresário, então, não teve outra saída senão fazer um apelo à compreensão dos espectadores: «Por favor, compreendam-me: o autor é ele». Depois de vinte minutos de confusão e de xingatórios, Behan, que parecia estar um pouco «tocado», acabou caindo entre duas poltronas, adormecendo. Daí a pouco era carregado para o hotel.

TERROR DA RIBALTA

ANGLICANISMO E INDÚSTRIA DO AÇO

A IGREJA ANGLICANA é proprietária de um enorme número de ações de indústrias siderúrgicas inglesas e a alta que se seguiu à vitória dos conservadores nas últimas eleições proporcionou-lhe lucros que alguns jornais estimaram em quinze milhões de libras esterlinas.

A igreja da Inglaterra, dizem os mesmos jornais, sempre teve fé no aço: depois da queda do último governo trabalhista e depois da desnacionalização das empresas siderúrgicas, ela sempre esteve em primeiro lugar entre os compradores de ações neste ramo de negócios.



Manuscritos de Nag Hamadi numa mesa do museu copta.

O EVANGELHO DO INCRÉDULO

NUM DIA NÃO bem precisado de 1945 ou do princípio de 1946, alguns camponeses egípcios, que escavavam o terreno próximo a um antigo mosteiro, sentiram a picareta esbarrar contra uma superfície estranha. Continuando a trabalhar com mil cuidados, conseguiram, enfim, trazer à luz um grande vaso de argila que continha alguns volumes com fôlhas

de papiro e a encadernação de couro escritos em caracteres indecifráveis.

A localidade em que se verificou essa descoberta foi Nag Hamadi, às margens do Nilo, ao longo da estrada que liga o Cairo a Luxor. Sem suspeitar de nada, os pobres lavradores haviam feito uma das descobertas tidas como das mais importantes deste

OS QUATRO PEQUENOS

EM VADUZ, capital do Liechtenstein, realizou-se recentemente uma conferência de cúpula dos «quatro pequenos», isto é, das repúblicas de San Marino e de Andorra, e dos principados de Mônaco e do Liechtenstein. Os delegados enviados à conferência não discutiram questões políticas, mas, sim, problemas turísticos e sobretudo métodos publicitários a serem adotados a fim de favorecer o afluxo de visitantes nos respectivos países. Achar-se também na ordem do dia a questão da admissão «no mercado comum turístico» do Luxemburgo, da cidade do Vaticano, e de Sark, ilha autônoma do Canal da Mancha.

AMOR NA BÔCA DO INFERNO

SAN QUENTIN (Califórnia). Francis Couturier, de 33 anos, divorciada e mãe de dois filhos, é a mulher de quem Caryl Chessman se enamorou. No dedo ela conduz o anel de noivado oferecido pelo condenado. Na outra foto, aparece a cela na qual Chessman viu transcorrer longos anos de espasmódica ansiedade, à espera da fatídica «ordem de execução», cujo cumprimento foi várias vezes suspenso no último momento. Esta «gaiola» fica situada no «corredor da morte», não longe da câmara de gás. Atualmente, Chessman habita uma outra cela, mais confortável, que tem o aspecto de um gabinete.

século. As suas picaretas haviam, de fato, trazido à flor da terra manuscritos com, pelo menos, quinze séculos de existência, entre os quais o denominado «Evangelho de São Tomé», com 114 novos trechos atribuídos a Jesus.

Todos os volumes encontravam-se em bom estado de conservação, o que, provavelmente, se devia ao clima árido do Egito. Estavam escritos em copta, língua falada pelos egípcios nos primeiros séculos da era cristã. Os camponeses, não sabendo o que fazer dos livros, ofereceram-nos em venda a Rag Andraus, filho de um sacerdote egípcio que lhes pagou uma soma insignificante.

Depois de muitas peripécias em que o achado foi vendido por preço de palha a vários indivíduos que lhe desconheciam o conteúdo, acabou indo parar no Museu copta do Cairo que o confiscou. Na Europa, enquanto isso, surgia uma viva curiosidade pelos antigos manuscritos de Nag Hamadi. Um professor de Paris, Henri Puech, biblista e orientalista, pôde obter a cópia de algumas páginas de um volume anteriormente escondido em poder de um certo Tano. Tratava-se naturalmente de um texto fragmentário que ele não se cansava de reler, esforçando-se por encontrar-lhe um significado. Mas, não se contentou com este, e tratou de se dirigir ao Cairo, a fim de obter de qualquer maneira o restante dos documentos. Esta tarefa não lhe foi fácil, ainda mais porque todo o Egito sofria as consequências do conflito de

Suez. Henri Puech, porém, não desanimou, e, ao lado de Gilles Quispel, professor da Universidade de Utrecht, acabou conseguindo o texto integral do documento, que passou a ser cognominado de «Evangelho de S. Tomé».

O resultado de tudo isso foi a edição, que agora acaba de surgir na Inglaterra e na Holanda, do texto integral do «Evangelho de São Tomé», traduzido do copta, por A. Guillaumont, H. Puech, P. Quispel, W. Till e Yassah Abd Al Masih. Deste volume, são as citações que aparecem a seguir.

«Eis as palavras secretas que Jesus vivente pronunciou e Didimo Judas Tomé escreveu. E ele disse: «Quem descobrir o significado destas palavras não experimentará a morte». Assim tem início o «Evangelho de Tomé», descoberto no Egito em meados de 1945, e cuja publicação acaba de ser feita. Foram estas palavras escritas pelo discípulo Tomé, que nos é tão familiar sob o nome de Tomé, o incrédulo?

Além de passagens semelhantes às da Bíblia, há no «Evangelho de S. Tomé» expressões inteiramente novas e que talvez reflitam uma velhíssima tradição. Eis um exemplo de um trecho inédito: «Jesus disse: Sejam vian-dantes». A primeira vista poderá parecer banal, mas se o examinarmos veremos que quer significar que o mundo deverá ser considerado apenas como uma morada provisória. No «novo Evangelho» lê-se também: «Jesus disse: Existiu um homem rico que possuía muito dinheiro. Ele disse:

Servir-me-ei de meu dinheiro para semear, plantar e colher, e encher de frutas as minhas tulhas de modo a não faltar nada. Eis o que pensava no seu coração. E naquela noite morreu. Quem tem ouvidos ouça».

Por outro lado, alegam os que não crêem na autenticidade do novo «Evangelho»: «Podem os fiéis crer que Jesus haja dito uma coisa incompreensível como a que segue? «Jesus disse: Bendito o leão que o homem come, e o leão se tornará homem, e maldito o homem que fôr comido pelo leão, e o homem tornar-se-á leão».

Enquanto o assunto dá motivo a muitas controvérsias, o professor Giovanni Saldarini, docente de Sagradas Escrituras da Faculdade Teológica de Milão, assim se expressa, entre outras coisas: «Examinado rapidamente, o «Evangelho de S. Tomé», é um apócrifo em língua copta que, malgrado o título, não tem nada em comum com o gênero histórico dos «Quatro Evangelhos». Trata-se de uma coleção de 114 discursos ou parábolas de Jesus, postos em ordem, aos quais, obviamente, não pode ser dado o atributo de Quinto Evangelho, mas sim de simples amplificação literária. Evidentemente, nenhum destes trechos é inspirado e ninguém pode obrigar o crente a lhe dar fé. Pode-se dizer que alguns são influenciados pela heresia e o agnosticismo, outros reproduzem sentenças e conceitos já conhecidos nos Evangelhos canônicos, ou seja, da Igreja».



RESPOSTA DE QUASIMODO

A ATRIBUIÇÃO DO PRÊMIO Nobel de Literatura ao poeta Salvatore Quasimodo suscitou na Itália, sua terra natal, e noutros países do globo, vivas polémicas.

Na própria Suécia o redator literário do maior jornal escandinavo criticou a escolha e na França, os comentários têm sido geralmente desfavoráveis ao poeta (o próprio Quasimodo, numa entrevista, admitiu haver recebido pouquíssimas congratulações de procedência francesa).

Na Itália, um jornal milanês que circula à tarde publicou um artigo sob o título: «Há Quasimodo e Quasimodo», com alusão ao famoso personagem de «Notre Dame de Paris». Um dos mais conhecidos críticos italianos, Emilio Cecchi, frisou que o prêmio Nobel de Literatura foi, até agora, entre os italianos, conferido apenas a Carducci, a Pirandello e a Deledda, ao passo que foi negado a Verga, a Pascoli, a D'Annunzio e a Croce, também grandes vultos. Entre os estrangeiros, não o receberam nem Tolstoi, nem Ibsen, Conrad, Proust, Kafka, Valéry nem Claudel.

Além disso, alguém fez notar que as últimas atribuições do prêmio Nobel não têm incidido em escritores e poetas italianos contemporâneos de grande fama, como Bacchelli, Montale, Ungaretti e Moravia.

De uma maneira ou de outra, porém, e embora continuem as discussões a respeito do assunto, o certo é que, ciente delas, Quasimodo declarou: «Que culpa tenho eu se sou um grande poeta?»



PANORAMA

SORAYA NOS PIORES DIAS

NESTA FOTO batida em Roma, a ex-imperatriz Soraya é vista com uma amiga. A notícia de que o Xá se unirá em matrimônio com Farah Diba perturbou visivelmente Soraya, que sempre esperara poder retornar para o trono do pavão, ao lado de seu esposo. Na Alemanha, recentemente, ela se encontrou com a mãe, Eva Esfandiari, a qual teria recorrido até mesmo a uma célebre adivinha para conhecer o futuro da infeliz Soraya.

A uma menina que lhe oferecia flores, a ex-imperatriz, abalada com as notícias anunciando o noivado do Xá, respondeu: «Não quero ver meninos».

Muitas Palavras Para Justificar Pouco Tempo

NO INÍCIO DE 1960 serão publicadas as memórias de Sir Anthony Eden, o ex-ministro inglês derrubado logo após a explosão da crise de Suez. As memórias, para cuja publicação os editores foram obrigados a pagar uma grande soma, compreendem cerca de 200 mil palavras, das quais, 60 mil são dedicadas ao curto e dramático período de Suez: palavras, aparentemente excessivas, se se levar em conta que sua carreira política durou apenas vinte e cinco anos.



PREGANDO

A PAZ

O FÍSICO norte-americano aparece no momento em que pronunciava, em Paris, uma das conferências que tem realizado em todo o mundo a fim de pregar a paz e a concórdia dos povos.

Oppenheimer, que conta 55 anos, foi, como se sabe, um dos inventores da bomba atômica, mas, depois da tragédia de Hiroshima e Nagasaki, caiu presa de uma terrível crise de consciência e se recusou em colaborar na construção da bomba H. Desde quando, em 1953, se demitiu de todos os cargos governamentais, logo após se ver acusado de nutrir simpatias pelo comunismo, Oppenheimer é diretor do Instituto de Estudos Superiores da Universidade de Princeton.



Discursando no ato inaugural, o Sr. José Lopes Cançado focalizou, com brilho e segurança, o passado glorioso do tradicional estabelecimento bancário.

Sede Própria do Banco Ribeiro Junqueira evidencia

PUJANÇA DO COMÉRCIO BANCÁRIO MINEIRO

REALIZOU-SE com grande brilhantismo a inauguração da sede própria da Agência em Belo Horizonte do Banco Ribeiro Junqueira, estabelecimento dos mais conceituados entre aqueles que compõem a extensa rede de estabelecimentos de crédito de Minas Gerais.

Distinguindo-se pela amplitude de suas instalações, pelo conforto que proporciona a seus funcionários e clientes pelo bom-gosto com que foi idealizada, a nova sede, situada à rua Espírito Santo, 328, constitui, conforme teve ocasião de declarar o diretor presidente do Banco, Sr. Carlos Luz, uma autêntica homenagem ao progresso cada vez maior de Belo Horizonte.

O ato inaugural, presidido pelo Sr. Carlos Luz, contou com a presença do Sr. Hugo Meira Lima, diretor-superintendente do estabelecimento; major Jonas Pereira, representante do Governador Bias Fortes; representante do Prefeito da Capital; Sr. Lúcio Coelho, representante do Sindicato dos Bancários; representantes da Associação Comercial, Federação do Comércio, Federação das Indústrias, Associação Rural e demais entidades de classe; diretores de todos os estabelecimentos bancários de Belo Horizonte; figuras representativas do comércio, da indústria, da imprensa e dos demais setores de atividade da Capital, além de pessoas de relevo em nosso meio social.

Após a bênção das novas instalações, realizada pelo Padre Carlos Gonçalves, que falou em breve improviso, congratulando-se com os belo-horizontinos pela nova sede recebida, usou da palavra, falando em nome dos acionistas do Banco Ribeiro Junqueira, o Sr. José Maria Lopes Cançado que, em seu belíssimo discurso, fez um ligeiro retrospecto histórico sobre a fundação do estabelecimento, ressaltando a personalidade de seu fundador, o Senador Ribeiro Junqueira, figura das mais expressivas nos meios políticos de Minas Gerais. Entre outras palavras, disse o orador:

«Figura o Banco Ribeiro Junqueira entre os mais antigos do Estado. Sente-se a perpetuidade das raízes que lançou e vivo é o sinal de sua presença. Basta ler-se seu último balanço para sentir-lhe a pujança, a concentração de sua força. Os dados oficiais exprimem a segurança e o sentido de plenitude de uma casa construída segundo a geometria da perduração e da probidade».

Finalmente, falou o Sr. Carlos Luz, presidente do Banco, agradecendo as elogiosas palavras do Sr. José Maria Lopes Cançado e do Padre Carlos Gonçalves, não se esquecendo ainda de tecer elogios à eficiente equipe e funcionários do Banco, cujo devotamento e cooperação têm constituído as bases do sucesso sempre crescente do estabelecimento. Na oportunidade, o Sr. Carlos Luz acentuou a atuação do Sr. Honório José Pereira, gerente da filial em Belo Horizonte, a cuja dedicação, esforço e dinamismo deve a Agência da Capital o seu progresso.

Após a inauguração foi oferecido fino coquetel aos presentes.

Euclides Marques Andrade

FLASH

UM ROMANCE DE GILBERTO DE ALENCAR

NESTA época em que certos autores abastardam o estilo, sob pretexto de maior realismo, é salutar a leitura de «Memórias Sem Malícia de Gudesteu Rodovalho». Gilberto de Alencar empresta às personagens de seu livro um halo de intensa vivência. Suas criaturas movimentam-se com tanta naturalidade que o leitor parece senti-las a seu lado. Gilberto narra com fluência, recriando a vida interiorana do começo do século com fidelidade extrema. Quem acompanha sua história inebria-se com a

virtuosidade do ficcionista. A aventura do colégio, as serenatas, o desfilar manso da vida, as leituras de Gudesteu — tudo nasce para o leitor, fazendo-o sentir uma plangente saudade de alguma coisa que não aconteceu...

As noites enluaradas do pequeno povoado, quando o silêncio na terra e as estrelas no céu eram — com as vozes dos seresteiros — presenças muito sensíveis, ficam na lembrança daqueles que percorrem, emocionados, as páginas de «Memórias Sem Malícia de Gudesteu Ro-

dovalho». A leitura do velho «Jornal do Brasil» feita por Gudesteu na porta da farmácia, quando a tarde caía sobre o vilarejo, no começo do século, é outra página de marcante presença.

Agripino Grieco, na «orelha» do livro, diz que se houvesse justiça literária no Brasil e se as «igrejinhas» não funcionassem, certos trechos desta obra seriam apontados com uma das expressões mais altas em nosso mundo de ficção.

A leitura do jornal, já mencionada, como aliás todos os episódios do livro, é descrita com uma justeza de tons e uma precisão tal de palavras que marcam o trabalho com o galardão da verdadeira criação literária. O leitor tem a impressão de estar vendo realmente, de estar participando das cenas. E tudo em surdina, sem gritos estridentes, tudo narrado com limpeza, sem desnecessárias obscenidades. Não é que se reclame um pudicícia de donzela para os romances, mas apenas se constata: o autor que conta sua história à maneira de Gilberto de Alencar é muito mais expressivo do que aquele que pretende retratar a vida em todos seus aspectos e dispara a reunir palavras, sobrecarregando sua narrativa com um enfadonho e



Boris
Pasternak

OS LIVROS MAIS VENDIDOS NO ANO QUE FINDOU

O MOVIMENTO literário no País e em Minas Gerais no ano que findou foi muito intenso. Tanto no terreno artístico da criação propriamente dita, como no plano editorial. Em Belo Horizonte, a Itatiaia,

e outras editoras em diversos pontos do País, entregaram ao público obras de real valor, não só nacionais como estrangeiras. Não citaremos nomes para evitar omissões, muitas vezes injustificáveis. Preferimos ser mais objetivos, oferecendo aos leitores uma relação completa dos livros mais vendidos em Belo Horizonte, durante o ano de 1959. Esta relação nos foi fornecida pelas principais livrarias da Capital mineira, exprimindo assim a verdadeira preferência dos leitores.

FICÇÃO

Em ficção os mais vendidos foram:

- 1º lugar — «Doutor Jivago», de Boris Pasternak, da Itatiaia.
- 2º lugar — «Servidão Humana», de Somerset Maugham, da Ed. Globo.
- 3º lugar — «Guerra e Paz», de Leon Tolstói, da Globo.
- 4º lugar — «O Pequeno Príncipe», de Saint-Exupéry, da Agir.
- 5º lugar — «Gabriela, Cravo e Canela», de Jorge Amado, da Ed. Martins.

POESIA

- 1º lugar — «Poemas para Rezar», de Quoist, da Ed. Livraria Duas Cidades.
- 2º lugar — «Fazendeiro do Ar», de Carlos Drummond de Andrade, da José Olympio.
- 3º lugar — «Toda uma Vida de Poesia», de Olegário Mariano, da José Olympio.
- 4º lugar — «Poesias», de Emílio Moura, da José Olympio.
- 5º lugar — «Amor», de J. G. de Araújo Jorge, da Ed. Vecchi.

BIOGRAFIAS

- 1º lugar — «Dostoiévski», de Henri Troyat — Estúdios Cor.
- 2º lugar — «Romel», de Lutz Koch — Ed. Aster.
- 3º lugar — «Maria Antonieta», de F. W. Denyon — Ed. Itatiaia.
- 4º lugar — «Maria Stuart», de Jean Plaidy — Ed. Itatiaia.
- 5º lugar — «Napoleão», de Ludwig — Ed. Globo.

ENSAIOS, DIVULGAÇÃO, ETC.

- 1º lugar — «A Nova Ciência dos Soviéticos», Lucien Barnier — Ibrasa.
- 2º lugar — «A Exploração do Espaço», A. C. Clarke — Ed. Melhoramentos.
- 3º lugar — «A Rússia por Dentro», A. Gunther — Ed. Globo.
- 4º lugar — «Relações Humanas», Pierre Weill.
- 5º — «Princípios de Sociologia», de Fernando Azevedo — Ed. Melhoramentos.

Foram ainda bem vendidos, nos diversos gêneros, os seguintes livros: «Vila dos Confins», de Mário Palmério; «Coleção Nossos Clássicos», da Agir; «Obras Completas», de Eça de Queirós; «Maria da Tempestade», de Mohana; «A Nova Astronomia», de Barnier; «História da Literatura Ocidental», de Carpeaux; «Janela na Rua do Alecrim», de Armando Pardini; «O Farol do Norte», de Cronin; «Bandeirantes e Pioneiros», de Viana Moog; «História da Literatura Mineira», de Olliam José; «Novos Estudos e Depoimentos», de Daniel de Carvalho, e muitos outros trabalhos.

unilateral amontoado de deselegâncias que, na verdade, nada exprimem, exatamente porque são unilaterais. No entanto, Gilberto, discreto, alcança esse objetivo com mais intensidade. Dos romancistas brasileiros modernos é mesmo de afirmar que ele é um dos melhores.

Conservando o espírito lúcido e a frase enxuta, Gilberto se refreia e narra cenas de grande emoção sem nenhum derramamento inútil. E exatamente porque o autor se contém, a emoção nos atinge mais fundo. Nenhuma frase campanuda em seu livro. Tudo sereno, como se os gonços de sua prosa gemessem com doçura. A impressão que se tem de vida e serenidade vai aumentando à medida que se adentra pelo trabalho afora. É um prazer ler coisas assim; amortece em nós a tristeza que se tem ao ver certas vulgaridades que os escritores de hoje jogam no papel para — dizem eles — trazer a verdadeira vida até os romances. Nada mais falso.

Gilberto de Alencar lembra muito o velho Machado. Um Machado um tanto menos irônico, mais vibrátil. Até o tamanho dos capítulos — curtos — recorda os de Machado de Assis, conservando-se, porém, in-

tacta, a personalidade estilística do autor.

Detenhamo-nos em uma passagem do livro, para ilustrar uma de nossas afirmações. Gudesteu entra na puberdade. Outro escritor talvez se derramasse em longas considerações sobre questões ligadas ao sexo. Gilberto, mais artista, mais sutil, apenas diz que, naquela época, sua personagem passou pelo que todo mundo passa. Disse, artisticamente, muito mais, do que se dissesse tudo, porque muito sugeriu. E, em seguida, mergulha na vida espiritual de Gudesteu, em seus pensamentos, em suas andanças sem glória, em seu amor platônico por Marta e Ruth. Descreve o mês de Maria na pequena cidade do interior de Minas, descreve os «assustados» nos dias de aniversário, nos dá, enfim, um verdadeiro quadro de costumes na época em que o século — ignorando ainda o átomo e a crueldade do homem em torno dele — apenas nascia e engatinhava. E o faz com «garra», com arte digna de ser devidamente apreciada. E por isto tudo que se pode dizer, sem medo de errar: «Memórias Sem Malícia de Gudesteu Rodovalho» é trabalho que se incorporará para sem-



Gilberto de Alencar

pre à literatura de nossa terra.

Ao ser lançado «Tal Dia é o Batizado» (que ainda não lemos), de Gilberto de Alencar — e quando os leitores de ALTEROSA escolhem e apontam este mesmo escritor como o melhor cronista brasileiro — julgamos oportuno, como modesta homenagem, fazer este pequeno comentário sobre o outro livro seu, agora sob nossos olhos. E foi o que fizemos.

O MELHOR CRONISTA

CHEGA, finalmente, a seu término a nossa «enquete» sobre qual o melhor cronista brasileiro da atualidade. Os leitores desta revista manifestaram-se espontaneamente, e demonstrando autêntico interesse pelo assunto, uma vez que prêmios de vulto não foram prometidos. Quem se manifestou o fez porque, de fato, desejava escolher seu cronista preferido. O número de votos não foi muito grande, mas como se trata de uma pergunta especializada, é confortador verificar que nossa indagação mereceu — nesta época de verdadeira inflação de prêmios, em que se oferecem automóveis e apartamentos como brindes — o real interesse dos leitores. Isto torna-se evidente porque o desejo do prêmio em si — alguns modestos livros que oferecemos — não poderia ter influenciado os respondentes. Se o número de respostas não é, pois, muito elevado, a qualidade e a sinceridade das misivistas devem ser destacadas.

As melhores respostas

Conforme noticiamos várias vezes, selecionamos as melhores cartas, que são dos seguintes leitores: Osvaldo Macedo, de Londrina; Wanda de Almeida Prado, de São Paulo; Regina Porfírio Botelho, de Araxá; João Antônio, de São Paulo; Celeste Macedo Dâmaso, de Bocaiúva; Alfa Viana Dinis, da Capital; Maria Santos de Magalhães, de Patos de Minas; Francisco Rezende, de Brásopolis; Afonso Celso de Oliveira, de Sorocaba; Leopoldo Kaminski, de Ponta Grossa, Paraná; Edson Pinheiro, de Recife; Regina Kutka, de Toronto, Ontário, no Canadá; Maria

Aparecida Batista de Oliveira, de Barbacena; Orlani Cavalcante, de Hollywood, EE.UU.; e Francisquilha Maciel, de Cuiabá, Mato Grosso.

Dentre estas respostas, já selecionadas, destacam-se ainda as de Osvaldo Macedo, Wanda de Almeida Prado, Regina Porfírio, João Antônio e Maria Aparecida B. de Oliveira.

Sortearemos entre aqueles leitores alguns nomes que serão premiados com livros oferecidos pela Livraria Oscar Nicolai. Na próxima edição, daremos a relação dos três premiados.

Mais alguns votos — Resultado final

Temos ainda a computar os votos de Ana Coroadi dos Santos Torquato, da Capital e de Rita Ottoni de Miranda, também da Capital. Ambas votaram em Gilberto de Alencar. O sucesso de nossa iniciativa foi grande, pois recebemos cartas de todos os estados do País, bem como duas respostas do estrangeiro, uma do Canadá e outra dos Estados Unidos.

O resultado final é o seguinte:

- 1º lugar — Gilberto de Alencar, com 23 votos.
- 2º lugar — Rachel de Queirós, com 10 votos.
- 3º lugar — Rubem Braga, com 9 votos.

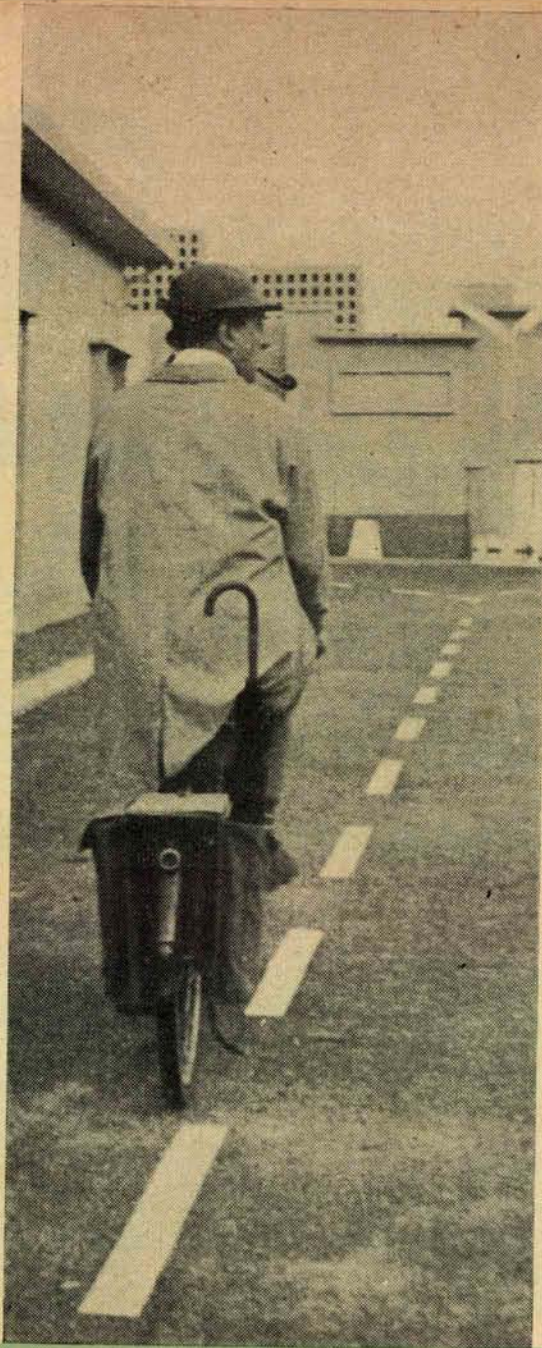
4º lugar — Fernando Sabino, com 7 votos.

5º lugar — Elsie Lessa, com 5 votos.

6º lugar — Felix Fernandes Filho e Henrique Pongetti, com 3 votos cada.

Em seguida vêm Eneida com 2 votos e os seguintes escritores com 1 voto cada: Carlos Cavalcanti, Lâsinha Luís Carlos de Caldas Brito, Diná Silveira de Queirós, Newton Prates, Limeira Tejo, Moacir Andrade, Franklin de Salles, Maria Madalena, David Nasser e Jorge Abrantes.

O que não vimos em 59, Todo mundo lamentou a inexplicável ausência em nossas telas de "Meu Tio" Jacques Tati.



JANEIRO É O MÊS dos retrospectos. É a hora em que o homem pára surpreso e levemente contristado ante a sensação de um ano roubado ao seu futuro, a fim de fazer o levantamento do que fez e do que deixou de fazer, do que esperava e do que realmente aconteceu. Nessa reportagem vamos ver o que aconteceu de (bom) cinema em Belo Horizonte. Fomos a três críticos de cinema dos principais jornais de Belo Horizonte (e que possuem crítica cinematográfica) e perguntamos a eles o que foi visto de melhor, em questão de direção e de interpretação em nossas telas. Devido à antecedência com que a revista é rodada, os filmes exibidos no mês de dezembro não entram em consideração.

Vejamos os depoimentos. Flávio Vieira Pinto, crítico de cinema do "Estado de Minas", disse-nos que:

"Ao meu ver os melhores filmes foram *As Noites de Cabiria*, de Fellini, *Um Condenado à Morte Escapou*, de Bresson, e *A Marca da Maldade*, de Orson Welles. Preferiria não escolher um filme, dentre estes três, como o melhor, devido à alta qualidade de todos. Mas se um tiver de ser escolhido, seja este *As Noites de Cabiria*. E, uma vez que foram exibidos três filmes de Fellini este ano (além do filme já citado, *A Trapaça e Os Boas-Vidas*), fique este diretor italiano como o melhor diretor do ano.

"Quanto à interpretação, considero Orson Welles (*A Marca da Maldade*) como o melhor ator e Giulietta Massina (*As Noites de Cabiria*) como a melhor atriz".

José Alberto Fonseca é o crítico cinematográfico de "O Diário". Mostrou-se um tanto pessimista em relação ao cinema atual, porém foi o que citou maior número de filmes, em sua opinião, bons.

"Pelo menos até agora, fins de

cinema

O que vimos de

Texto de GUIDO DE ALMEIDA

Dois bons atores de 59 foram Maria Schell e Marcelo Mastroiani. Vemo-los aqui numa seqüência de *Um Rosto na Noite*, filme de Luchino Visconti, considerado um dos melhores filmes do ano.



novembro, cho que apenas quatro ou cinco filmes conseguiram alcançar o grau máximo de realização artística no cinema. Isto é muito sintomático e pode muito bem espelhar uma certa crise que está abalando o cinema, já que constatamos que os melhores filmes apresentados durante o ano são de diretores já consagrados pela capacidade demonstrada em anteriores realizações. Não houve revelações. A chamada "nouvelle vague", que veio da França com Boisrond, Vadim e Camus, foi um tanto decepcionante.

"O melhor filme foi, sem dúvi-

da alguma, *Um Condenado à Morte Escapou* (*Un Condamné à Mort s'Est Echappé*), de Robert Bresson, acompanhado da trilogia de Fellini: *Os Boas-Vidas* (*I Viteloni*), *A Trapaça* (*Il Bidone*) e *Noites de Cabiria* (*Cabiria*), pelo filme de Ingmar Bergman, *Sorrisos de Uma Noite de Amor* (*Sommarnattens Leende*), e *Um Rosto na Noite*, de Luchino Visconti.

"Em plano inferior em relação aos citados se colocaram ainda: *Embraguês do Sucesso* (*The Sweet Smell of Success*), de Alexander Mackendrick, *Um Rosto na Multidão* (*A Face in the*

Crowd), de Elia Kazan, *Grandes Manobras* (*Les Grandes Manoeuvres*), de René Clair, *A Marca da Maldade* (*Touch of Evil*), de Orson Welles, e *Aquêle Que Deve Morrer* (*Celui Qui Doit Mourir*), de Jules Dassin".

"E' claro que Chaplin tem seu lugar à parte. O grande ausente foi *Meu Tio* (*Mon Oncle*), de Jacques Tati".

"Quanto aos desempenhos lembramo-nos de Giulietta Massina (*Noites de Cabiria*), de Patricia Neal e Andy Griffith (*Um Rosto na Multidão*), Maria Schell e Marcelo Mastroiani (*Um Rosto na Noi-*

BOM CINEMA em 1959

(Fotos do arquivo de ALTEROSA)

BOM CINEMA

Os filmes americanos não atingiram o nível dos filmes europeus. Um Rosto na Multi-
dão não é filme excepcional, mas é bom. E um bom ator de 59 foi Andy Griffith, que
vemos na foto.



te), Eva Dahlbeck (*Sorrisos de Uma Noite de Amor*), Montgomery Clift (*Deuses Vencidos*), Henry Fonda (*Doze Homens e Uma Sentença*), Gunnar Bjornstrand (*Lições de Amor*), Broderick Crawford (*A Trapaça*), Orson Welles (*A Marca da Maldade*), Burt Lancaster (*Embriaguês do Sucesso*), Franca Marzi (*Noites de Cabiria*) e, à parte, Sir Lawrence Olivier em *Ricardo III*". *

O crítico cinematográfico de "Fôlha de Minas" é José Haroldo Pereira, um dos diretores do C. E. C.. Eis sua opinião.

"Permitindo a visão de dois filmes de Ingmar Bergman (*Sorrisos de Uma Noite de Amor* e *Uma Lição de Amor*), três de Federico Fellini (*Os Boas-Vidas*, *A Trapaça* e *Noites de Cabiria*), um de Luchino Visconti (*Um Rosto na Noite*), um de Robert Bresson (*Um Condenado à Morte Escapou*), um de Max Ophüls (*Lola Montez*), dois de Roger Vadim (... *E Deus Criou a Mulher e Vingança de Mulher*) e um de René Clair (*As Grandes Manobras*), 1959 proporcionou um avanço decididamente inédito no estudo do Cinema, conseguindo transmitir, pelo conjunto de obras exibidas, tôdas as possibilidades estéticas e humanas da arte cinematográfica. *Sorrisos de Uma Noite de Amor* (*Sommarnattens Lende*) e *Um Rosto na Noite* (*Notti Bianche*) foram as obras-primas e, como obras-primas que levaram às últimas consequências as pesquisas de seus autores não é possível escolher entre as duas. O que o filme de Bergman apresenta de densidade humana servida diretamente pela cristalização de uma linguagem peculiar corresponde no filme de Visconti a um aprofundamento vertical do que existe de mais moderno na teoria do Cinema, sempre suportado pela visão neo-romântica que o autor tem do mundo. Bergman, com *Sorrisos*, sublima a aventura humana pelo Cinema; Visconti, com *Um Rosto*, sublima a aventura estética do Cinema.

"Não há, por isso, como escolher: é impossível hierarquizar obras-primas". *

Bem, tiremos agora nossas conclusões. Apurando as opiniões destes críticos cinematográficos como "votos", podemos dizer que as "eleições" revelaram como

MELHOR FILME DO ANO — *As Noites de Cabiria*, de Fellini, e *Um Condenado à Morte Escapou*, de Bresson, foram os mais lembrados. Em seguida a estes podemos colocar *Um Rosto na Noite* de Luchino Visconti, e *Sorrisos de Uma Noite de Amor*, de Ingmar Bergman.

(Continua na pag. 49)

Federico Fellini e Giulietta Massina (melhor atriz do ano) recebendo prêmios concedidos a Noites de Cabiria.



Robert Bresson, realizador do excepcional Um Condenado à Morte Escapou.



Jacques Leterrier, o estudante de filosofia que encarna o papel principal de Um Condenado à Morte Escapou, melhor filme do ano, juntamente com Noites de Cabiria.

SONHOS



ENTRE o sonhar acordado e o sonhar dormindo, eu de mim prefiro o primeiro modo, sem cogitar de que alguém prefira o segundo. E se me perguntarem o motivo da preferência, logo direi que ele reside no fato evidente de poder o sonhador dirigir à vontade o sonho em vigília, coisa impossível de se dar com o sonho durante o sono. Mais vale, às vezes, embora haja quem afirme o contrário, orientar do que ser orientado.

Desde muito tempo, o mecanismo do sonho e a sua significação vêm sendo objeto de estudos, assim superficiais como profundos, por parte de muita gente, sábia ou ignorante, mas o certo é que nem os exames acurados, nem os exames ligeiros conseguiram ainda colocar o sonho em pratos limpos. Em pratos limpos o sonho que se pode colocar, e nem sempre se coloca, é aquele bôlo fôfo, feito de farinha e ovos, frito na gordura ou no azeite e passado depois em calda de açúcar. Por sinal que bastante gostoso, se bem que indigesto.

O próprio do sonho é exagerar tudo.

Ao passo, entretanto, que no sonho acordado, o exagero é, invariavelmente, no sentido de melhorar ou enfeitar a realidade, visto como o sonhador tem então a faculdade de imaginar a seu gosto, já no sonho durante o sono o oposto é que se verifica, aparecendo as coisas exageradas para pior e não para melhor. E' possível que com os outros tal não aconteça, mas tem acontecido comigo uma porção de vezes.

Aconteceu, por exemplo, numa das últimas noites.

Como na casa do meu vizinho do lado de cima da rua se houvesse rompido um cano qualquer, logo surgiu à minha porta de entrada um fio de água, a escorrer pelo passeio em declive, e no qual os moradores, ao entrarem, molhavam os sapatos, vindo

depois molhar os cômodos todos. Não gosto de reclamar seja o que fôr dos vizinhos, mas tive de reclamar dessa feita, porque a coisa era mesmo por demais desagradável. Reclamei, ficando o vizinho de olhar tudo no dia seguinte. Por que no dia seguinte e não logo? A velha mania do brasileiro de deixar tudo para depois... Velha mania ou não, fui dormir impressionado com a tal água na minha porta e acabei sonhando com ela. E no sonho não era mais um tênue fio inofensivo e sim uma torrente impetuosa, encachoeirada e destruidora, capaz de me botar abaixo a casa e que certamente a botaria mesmo, se eu não acordasse a tempo, como acordei.

Eis o que é muita vez o sonho durante o sono: uma lente poderosa a aumentar de cem vezes ou mais, a realidade indesejável, transformando em caudal um simples filê de água e fazendo do argueiro cavaleiro, nisto imitando os faladores da vida alheia, especialistas em exagerar os defeitos do próximo.

Se, por igual, e em compensação, aumentasse ele os prazeres insignificantes, requintando-os, vá lá. Só aumenta, porém, como já se disse, os infimos dissabores, e esta é a razão que me leva a preferir o sonho acordado, durante o qual imagino o que bem entendo. Esta é ainda a razão por que, neste começo de ano bissexto, desejo a todos que não sonhem com ele dormindo, a fim de que não vejam, no decorrer dos seus meses ou das suas semanas, o país no fundo do abismo tradicional. Sonhem com ele em vigília, porque assim poderão ver a nossa terra à beira apenas do precipício, como há tanto tempo vem acontecendo. Beirar a voragem sempre é melhor e mais desejável do que jazer no fundo. E já notaram que a gente, quando sonha dormindo com barrancos ou ribanceiras, acaba sempre despencando pelo buraco abaixo? Sonhemos acordados, como os poetas. E' incomparavelmente mais agradável.

GILBERTO DE ALENCAR



Ela sabe: **Ele volta mais depressa
voando nos novíssimos Super-Convair da Real**



... E chega mais descansado, também, para os abraços da família! Os novíssimos Super-Convair especialmente construídos para a sua Real oferecem o máximo em conforto e precisão de voo. São aviões ultra-modernos que têm:

- 1) mais força nos motores do que 3 locomotivas Diesel que puxam 30 vagões;
- 2) Cabine pressurizada para evitar diferenças de pressão;
- 3) Hélices de passo reversível e trem de aterrissagem com rodas duplas, para maior suavidade nos pousos.

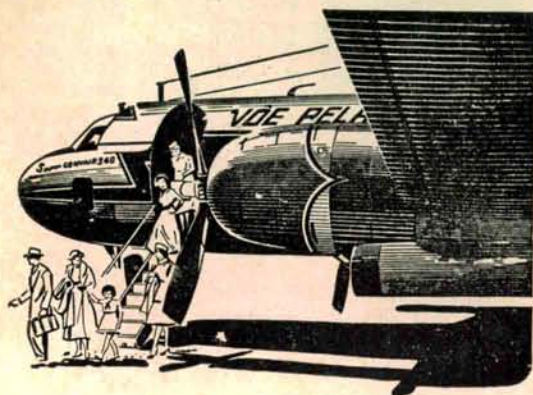
Sempre presente quando Minas precisa de seus serviços.

REAL

**AEROLÍNIAS
NACIONAL**



Rua Espírito Santo, 647 - Tel. 4-8200



- 7 vôos diários para o Rio
- 2 vôos diários para São Paulo
- 2 vôos semanais para Salvador e Recife



PARA AS PERNAS: PARA PERNAS ÁSPERAS, IRRITADAS PELO FRIO INTENSO OU QUEIMADAS PELO SOL, MASSAGENS COM ANTISARDINA N. 3 RESISTIRÃO O PRIMITIVO FRESCOR DA PELE.



PARA O COLO E PESCOÇO: PARA EVITAR A FLACIDEZ DOS TECIDOS DO PESCOÇO E EMBELEZAR A PELE DO COLO, UTILIZE ANTISARDINA N. 2 DURANTE O DIA. PROTEJA-SE COM ANTISARDINA N. 1.



PARA OS OMBROS: NA CORREÇÃO DAS IMPERFEIÇÕES DA PELE DOS OMBROS, FAÇA LEVE MASSAGEM COM ANTISARDINA N. 3, ATÉ SER O CREME TOTALMENTE ABSORVIDO.

**troque um minuto diário
por beleza e saúde!**

Apenas um minuto diário... e ANTISARDINA transforma seus encantos naturais em motivos de inveja e admiração!

ANTISARDINA é um creme de beleza cientificamente preparado com 3 fórmulas distintas. ANTISARDINA nutre as células, limpa e clareia a epiderme! É uma garantia de beleza e saúde da pele!



PARA AS MÃOS: ANTISARDINA N. 1, À NOITE OU AO SAIR, PROTEGE AS MÃOS EVITANDO QUE FIQUEM ÁSPERAS OU VERMELHAS. APLIQUE ANTISARDINA N. 3 PARA REMOVER MANCHAS E ASPEREZAS.



PARA O ROSTO: ANTISARDINA N. 1, EXCELENTE BASE PARA PÓ, PROTEGE A PELE SÃ CONTRA O APARECIMENTO DE IMPERFEIÇÕES. PARA ELIMINAR SARDAS, MANCHAS, ESPINHAS, ETC., APLIQUE ANTISARDINA N. 2.



PARA OS BRACOS: AS VERMELHIDÕES E ASPEREZAS, TÃO COMUNS E QUE ENFEIAM TANTO A PELE DOS BRACOS, COM ANTISARDINA N. 3 DESAPARECEM FÁCILMENTE.

Antisardina

O SEGRÊDO
DA BELEZA
FEMININA



VOCÊ PODERÁ SENTIR UMA LEVE REACÇÃO INICIAL ÀS PRIMEIRAS APLICAÇÕES DE ANTISARDINA NAS FÓRMULAS 2 E 3. ESSA REACÇÃO, NATURAL E BENÉFICA, DESAPARECERÁ COM O USO DIÁRIO DO MODERNO CREME REVITALIZADOR DAS CÉLULAS DA EPIDERMIS.

SIGA À RISCA AS INSTRUÇÕES DA BULA QUE ACOMPANHA CADA POTE DE ANTISARDINA